Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23370 DIRECTOR **ANTÓNIO RUELLA RAMOS** TERÇA-FEIRA 20 NOVEMBRO 90 70$00

Ai dos fumadores e dos bebedores!

Rui Vasco

Miguel Beleza exemplifica: beber sim, mas... água de preferência

Orçamento penaliza fortemente quem fuma e bebe

O Orçamento do Estado para 1991 vai impor penalizações fiscais fortes aos fumadores e fortíssimas aos apreciadores de bebidas alcoólicas, em particular da cerveja. Isto porque são os impostos incidentes sobre estes dois bens de consumo que mais vão aumentar, o do tabaco 20 por cento e o das bebidas alcoólicas 140 por cento! O ministro das Finanças diz, no documento submetido à Assembleia da República, que visa dissuadir o consumo de tabaco e álcool, como tem sido prática de antecessores seus. Na prática, é a forma menos sujeita a contestação pública de aumentar as receitas do Estado. Com o primeiro-ministro ausente em Paris, o OE/91 foi apresentado no Parlamento, esta manhã, por Miguel Beleza. Cavaco Silva deverá encerrar o debate, já muito vivo ao fim da manhã com a oposição a dizer que o essencial do documento se resume a uma «floresta de enganos». **Págs. 2 e 3**

Sindep quer a cabeça de Roberto Carneiro

O Sindicato Democrático dos Professores (Sindep-UGT) exige a demissão do ministro da Educação, como «única forma de honrar a sua palavra». Em causa está a recusa do ministro das Finanças em assinar uma portaria negociada entre a estrutura sindical e Roberto Carneiro, através da qual seria recuperado o tempo de serviço dos docentes na transição da antiga para a nova carreira. O Sindep ameaça proceder judicialmente contra o Estado português, caso o Governo não cumpra o acordo. **Pág. 16**

Contestando Santana Lopes

Cineastas ocuparam o IPC

Pág. 17

roadstar®
AUTO-HiFi

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

Os incidentes em Faro

Soares condena e o Governo abre inquérito

Os distúrbios que ocorreram domingo na capital algarvia, depois do Farense-Porto em futebol, mereceram do Presidente da República o mais firme repúdio e, por parte do Governo, a imediata instauração de um inquérito que se alarga ao comportamento da PSP nos acontecimentos. Entretanto, a direcção do Sporting Farense divulgou esta manhã um comunicado onde se acentua «o ambiente de grande tensão e conflitualidade que, com particular incidência no Algarve, envolve o futebol nacional», terminando por condenar «todos os actos de violência que ocorreram no domingo, que nada dignificaram Faro, o futebol e o desporto em Portugal».

Entretanto, Sporting e Benfica, próximos visitantes do Farense, ficam na expectativa: em caso de interdição do Estádio de S. Luís os seus jogos disputar-se-ão bem longe do Algarve. **Pág. 21**

Golfo domina cimeira de Paris *Pág. 10*

Tejo: ilha privada já tem compradores *Pág. 12*

Brinquedos em leilão *Págs. 14 e 15.*

Carlos Cruz sem preço certo *Pág. 28*

Lotaria Popular
1.º 465 903
2.º 280 225
3.º 334 272
4.º 412 162
Pág. 12

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

O ministro das Finanças qualificou o Orçamento do Estado, que ele próprio apresentou esta manhã na Assembleia da República, como a «maior das reformas estruturais do Governo». Nomeadamente, o seu cacácter desinflacionista visaria, segundo Miguel Beleza, criar condições para a adesão ao SME

Orçamento/91 pretende aproximar Portugal da Comunidade Europeia

Miguel Beleza considerou o Orçamento para 91 um passo para a estratégia de adesão, a médio prazo, à União Económica e Monetária. Ao apresentar esta manhã na Assembleia da República o Orçamento de Estado para o próximo ano, o ministro das Finanças reconheceu que se trata de uma opção de aproximação à Europa Comunitária e que «a concretização dos projectos que constituem o grande objectivo da UEM é em si mesma a maior das reformas estruturais».

O OE para 91 vincula Governo a uma estratégia em que se definem os traços das variáveis macroeconómicas e de uma política gradual de desinflação, fundamental à integração na UEM. «A nossa opção pela União Económica e Monetária é indiscutível», afirmou Beleza, segundo o qual «permanece a questão, fundamental, do controlo do processo de transição».

Ao justificar as medidas e a política que enformam o Orçamento de Estado para 91 logo na abertura do debate, Miguel Beleza frisou que o caminho escolhido não foi o mais fácil, mas «o mais justo e o mais seguro». Elogiou, naturalmente, o Governo pelos 4% da taxa de desemprego e pelo crescimento da actividade económica.

Reafirmando o que adiantara Cavaco sobre a matéria em discussão, Beleza considerou o OE/91 «de rigor e de progresso social». Assim, as despesas correntes de funcionamento serão contidas, as prioridades nos sectores sociais são mantidas e reforçadas, o objectivo para a inflação «é o mais ambicioso possível», afirmou Beleza.

É neste quadro que deverão processar-se a diminuição do peso relativo da dívida pública, adequada ao quadro de ajustamento nacional para a transição para a União Económica e Monetária (QUANTUM), a as estratégias compatíveis das políticas monetária e cambial com a União Económica e Monetária, admitiu.

O comportamento dos rendimentos nominais é vital numa estratégia de desinflação. Acentuou por isso o ministro das Finanças que «uma negociação salarial coerente com a política de estabilização» facilita tal estratégia e amortece os seus custos. «Sem o apoio dos parceiros sociais é possível, mas com custos muito mais elevados e com uma maior insegurança nos resultados», disse.

«O resultado final das medidas adoptadas será um défice global para o sector público administrativo de 6.3 por cento do produto interno, inferior quer aos 7.2 orçamentados quer aos 6.5 estimados para a execução este ano», sublinhou o Miguel Beleza, segundo o qual o Orçamento é um elemento de «importância crucial» na tarefa de modernização da economia portuguesa.

Júlio Rodrigues

O contra-ataque da oposição(António Guterres, do PS, na foto) já começou, a pretexto dos perdões fiscais de Oliveira e Silva.

Diz a Oposição, disposta a combater os impostos

Uma floresta de enganos

O Orçamento de Estado para 1991, que esta manhã começou a ser discutido na Assembleia da República, vai dominar o debate político durante a semana.

As discordâncias entre o PSD e a Oposição sobre a «clareza e transparência» das previsões orçamentais, nomeadamente as percentagens de inflação e as receitas fiscais estimadas pelo Executivo, polarizam a discussão.

O relatório aprovado pela Comissão de Economia e Finanças sobre o enquadramento internacional e as projecções da economia portuguesa para o próximo ano apresenta uma análise interessante, embora nem sempre coincidente com as metas económicas traçadas pelo Governo de Cavaco Silva.

O documento establece um paralelo entre os últimos anos de ouro da economia mundial e actual situação, marcada por factores de mudança que põem em causa as análises dos mais prestigiados economistas.

As alterações nas economias de Leste e as consequências imediatas nos «Doze» da Comunidade Europeia, nomeadamente através da integração da ex-RDA numa Alemanha unificada, a subida dos preços do petróleo devido às expectativas criadas com o conflito no Golfo e os sinais de recessão económica nos Estados Unidos e nas economias europeias, são considerados, no documento, factores importantes a ter em conta na análise. O relatório afirma, concretamente, que «parecem existir índices de presença de tensões inflaccionistas na economia dos EUA» e nos países da Europa.

A imprevisibilidade de factores como a guerra do Golfo cria grande instabilidade pois «apesar das previsões moderadas do Banco Mundial, FMI, OCDE e Comissão da Comunidade Europeia, «mesmo assim, tais previsões implicam uma subida do crude não inferior a 25 por cento em relação ao preço médio estimado para 1990».

No entanto, apesar das preocupações em fazer o enquadramento intarnecional da economia portuguesa, o Executivo mantém os objectivos económicos optimistas dos últimos anos apontando metas que pouco têm a ver com as preocupações mundiais.

Este desfasamento tem reforçado as criticas da Oposição que acusa o OE de 1991 de, à semelhança do que aconteceu este ano, estar distanciado da realidade portuguesa.

A charada dos números

O Executivo apresenta para 1991 uma taxa de inflação da ordem dos 11 por cento, o que representa uma descida em relação aos 13 por cento estimados para o final deste ano. As previsões apontam ainda para um crescimento do consumo privado de 3 por cento, crescimento do consumo público em 1 por cento, crescimento real das importações em 7,25 por cento, isto com uma redução global do consumo.

Ora, estes indicadores económicos têm mantido uma evolução nos últimos cinco anos que torna praticamente impossíveis as metas traçadas pelo Governo.

Segundo os números apresentados pela Oposição o consumo público tem variado entre os 2 por cento taxa mais baixa conseguida em 1989 e os 10,5 por cento que deverá ter sido atingido este ano.

No que respeita ao índice das importações as variações entre as previsões dos Governos de Cavaco Silva e a realidade atingiram, muitas vezes, o dobro. Segundo os números do Partido Socialista, este ano estima-se que o nível das importações tenha atingido os 15 por cento, embora o Governo tivesse previsto, apenas, 7 por cento.

Em função destes dados e da experiência dos últimos anos, os partidos da Oposição acusam o Executivo de «fazer batota» ao subavaliar as despesas e receitas do OE de 1991, alertando para objectivos eleitoralistas.

Quem paga a factura

Às variáveis económicas apresentadas pelo Governo com sinal positivo, como a redução da taxa de desemprego, redução das despesas públicas e do défice orçamental, o PS, PCP e o CDS argumentam que «quem pagou a factura foram os cidadãos».

Cavaco Silva apresentou a nova tabela de IRS, limitada a quatro escalões, e IRC para 1991 como uma medida social que garante a «equidade e solidariedade» entre as classes mais baixas e as mais elevadas.

Sobre esta matéria os partidos da Oposição são unânimes em afirmar que o agravamento dos impostos vai sobrecarregar a classe média baixa, ou seja, um agregado familiar com um rendimento mensal da ordem dos 150 a 200 contos, se os dois cônjuges trabalharem.

Octávio Teixeira, do PCP, sublinha que «o primeiro-ministro utiliza o estratagema de dizer que se uma pessoa ganha este ano 100 contos para o ano o mesmo ordenado paga menos impostos. Quer isto dizer que não está a contar com os aumentos salariais compatíveis com a inflação, o que provocaria a subida de escalão do IRS».

O deputado comunista sublinha, ainda, que não são os lucros que pagam mais impostos, mas os cidadãos com trabalho dependente que pagam, não só através dos impostos directos como nos impostos indirectos que incidem sobre o consumo (tabaco, álcool e gasolina).

A retórica da crítica

Os partidos opositores ao Governo utilizam as mais diversas formas de retórica para exprimir o descontentamento em relação à proposta de Orçamento para o próximo ano.

Para o PCP, o OE/91 «é uma floresta de enganos, que é preciso desfazer na discussão na generalidade». O deputado Nogueira de Brito do CDS sublinha que «a política orçamental do Governo é mais feita de intenções do que de realidades». Herculano Pombo, parlamentar dos Verdes, tem «dúvidas sobre se este é um orçamento eleitoralista ou de contenção», enquanto o Partido Socialista exige «o fim da tirania fiscal sobre as classes médias e a contenção das despesas públicas».

À partida, o único voto favorável ao OE de 1991 será, garantidamente, da bancada do PSD. Os renovadores mantêm segredo sobre o seu sentido de voto, mas também eles vão exigir ao Executivo a clarificação dos números constantes deste Orçamento.

Maria João Rocha

Só para amortizar as dívidas precisam-se 1,25 mil milhões

As despesas orçamentais para 1991 apresentam um aumento de 450 milhões de contos, face ao Orçamento inicial para o ano corrente, o que significa que vão crescer 13 por cento. Elas baixam, no entanto e relativamente às despesas do OE/90, pois o instrumento orçamental que está a ser aplicado contém previsões de despesas na ordem dos 800 milhões.

No seu conjunto, as despesas do Estado devem rondar os 3,8 mil milhões de contos, dos quais 2,76 mil milhões classificadas como «correntes» e 1,04 como «despesas de capital». Uma grossa fatia dastas despesas, como vem sendo habitual há vários anos, corre por conta dos encargos da dívida pública, isto é, 1,25 mil milhões de contos.

Dívida externa é de 876 milhões

Esses encargos a liquidar durante o próximo ano dividem-se em 833 milhões para pagamento de juros, 412 milhões em amortizações e 10,7 milhões de outros encargos do Estado. É objectivo assumido no Orçamento, como orientação geral, o pagamento antecipado de empréstimos já contratados e a realização de novas operações de crédito para pagar antecipadamente empréstimos anteriores - para beneficiar de prazos mais favoráveis ou taxas de juro mais baixas ou transferir responsabilidades. Também está prevista a renegociação de certas fatias da dívida anterior.

A dívida pública orçava por 4,5 mil milhões de contos em fins de 88, subiu a 5,1 em fins de 89 e deve atingir no final do ano 5,6 mil milhões de contos.

O documento orçamental aponta como dívida externa actual do Estado Português 876 milhões de contos e que ele represente em Dezembro de 91 cerca de 63 por cento do Produto Interno Bruto. Ela tinha atingido em 1988 o máximo de 74,5 por cento do PIB.

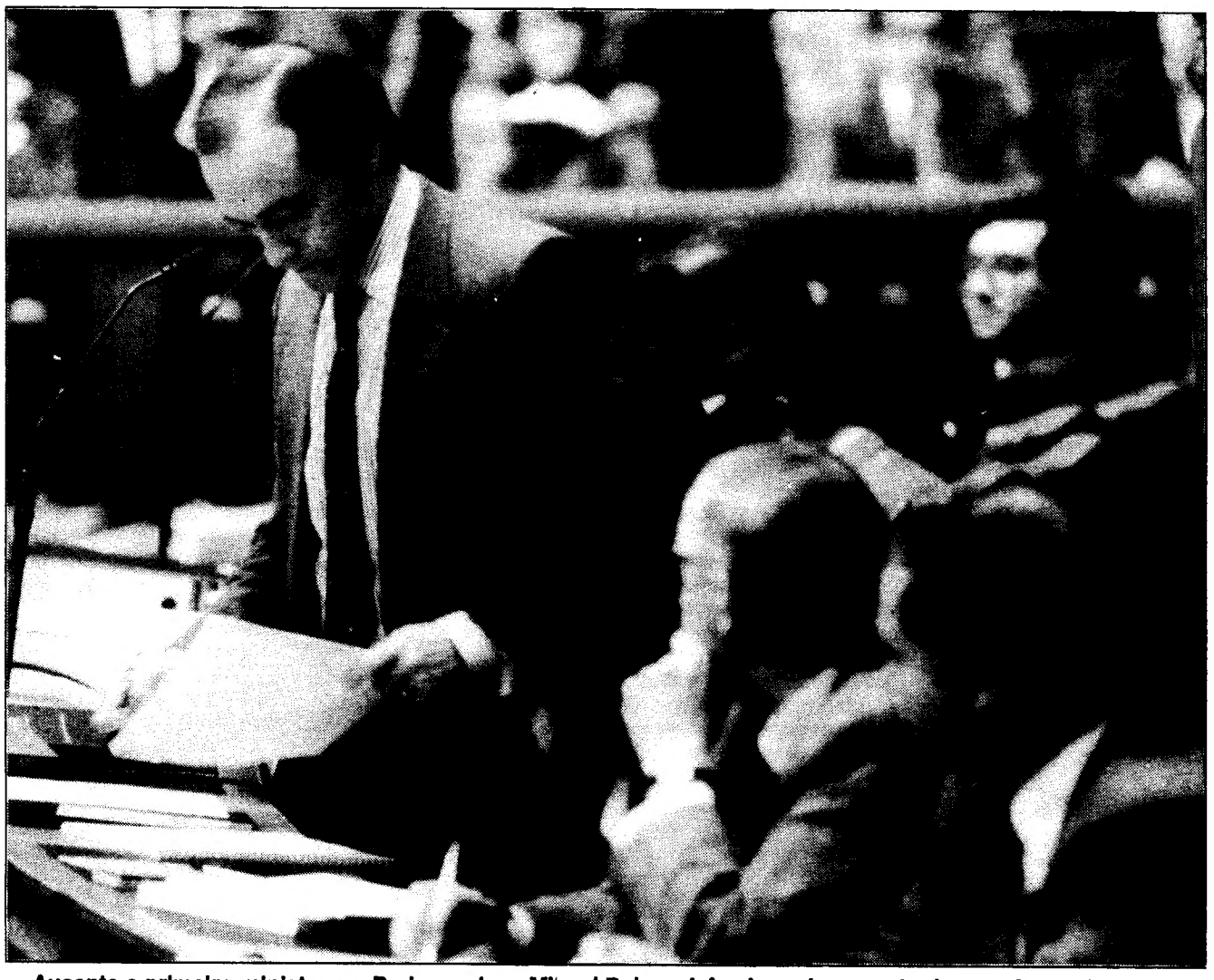
Devido ao défice orçamental (receitas inferiores às despesas) o Estado vai ser obrigado a contrair no próximo ano mil 1.045 milhões de contos de empréstimos.

O défice previsto das operações activas é de 633 milhões de contos.

Por Ministérios mais importantes temos que o da Educação vai receber 477,1 milhões de contos(+23% do que em 1990), a Saúde 375, 2 milhões e as Obras Públicas 106 milhões.

O Orçamento do Ministério do Planeamento, incluindo o PIDDAC, é de 261 milhões.

D. R.



Ausente o primeiro-ministro em Paris, coube a Miguel Beleza defender o documento das receitas e despesas do Estado para o próximo ano. Cavaco Silva deverá encerrar o debate, na quinta-feira.

Com maior participação dos rendimentos do trabalho e uma subida brutal dos encargos sobre o tabaco, a cerveja e as bebidas alcoólicas

Estado vai cobrar dos contribuintes mais de 2,2 mil milhões de contos

As receitas totais do Estado previstas para o próximo ano ultrapassam os 2,2 mil milhões de contos - situam-se, exactamente, nos 2.242,5 milhões- o que representa um aumento percentual de 26,2 por cento. No ano corrente, o conjunto dos impostos e outras receitas fiscais que o Estado está a recolher deverá ficar-se pelos 1.776,1 milhões de contos.

Nestes mais de 2,2 milhões de contos em receitas fiscais vão pesar em 91, especialmente, o IVA e o IRS, com 27, 1 e 24,5 por cento do peso relativo no conjunto. Comparativamente ao que se passa no Orçamento de 90, em execução, o IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) perde 1,1 por cento da sua importância como fonte de abastecimento das Finanças Públicas, rendendo ao Estado 608 milhões de contos, enquanto o IRS (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares) contribui com mais 3,5 por cento, ou seja, 550 milhões de contos. Logo, aumentam percentualmente os impostos sobre o trabalho e diminuem os aplicados às transacções de serviços e mercadorias.

Continuam também a ter um peso considerável nas receitas públicas o IRC (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas), cobrado às sociedades comerciais e que representará 12,5 por cento do total, o imposto sobre o petróleo (13,3 por cento) e o imposto de selo (8,7 por cento).

	(Milhões de contos) OE/90	OE/91	Variação (por cento)
Impostos directos	**622**	**891**	**+ 43,2**
IRS	373	550	+ 47,5
IRC	187	281	+ 50,3
Imp. Suc. e Doações	14	22	+ 57,1
Outros	48	38	- 20,8

	(Milhões de contos) OE/90	OE/91	Variação (por cento)
Impostos indirectos	**1144,1**	**1350,5**	**+ 17**
IVA	500	608	+ 21,6
ISP	250	297	+ 18,8
Imp. Selo	164	195	+ 18,9
Imp. Tabaco	80	90	+ 12,5
Imp. Automóvel	65	72	+ 10,8
Direitos Aduaneiros	18,2	23	+ 26,4
Imp. Cerveja	9,5	15	+ 57,9
Imp. Bebidas Alcoólicas	5	12	+140
Outros	62,4	38,5	- 38,3

Al dos fumadores e amantes da cerveja

O Orçamento que hoje mesmo começou a ser discutido na Assembleia da República consagra, no entanto, uma quase novidade: a espectacular subida dos impostos sobre o tabaco e as bebidas alcoólicas, com particular incidência sobre o consumo de cerveja. Não sendo uma novidade absoluta, é certo, pois vem sendo progressiva a tentação das autoridades fiscais para taxarem tais consumos, a pretexto de os combaterem, a verdade é que o ministro das Finanças faz gala em acentuar que o aumento destes impostos será superior ao crescimento da inflação. Ou seja: aos fumadores e consumidores de cerveja e outras bebidas alcoólicas é imposto um sacrifício financeiro para cobertura das despesas públicas proporcionalmente ainda mais forte do que já lhes era exigido.

Assim, o imposto sobre o tabaco aumenta em 20 por cento, o imposto sobre as bebidas alcoólicas em 140 por cento (!) -ou seja, muito mais que o dobro- e o imposto sobre a cerveja 57 por cento. No conjunto das receitas a arrecadar à custa de fumadores e bebedores, o Estado vai meter ao bolso 90 milhões de contos diluidos em fumo (eram 80 milhões no OE/90), 12 milhões dissolvidos em álcool e 15 milhões à custa dos consumidores de cerveja. Recorde-se que o imposto sobre as bebidas alcoólicas só rende este ano, cinco milhões de contos.

Desagregado o conjunto dos impostos em função da sua natureza, temos que os impostos indirectos baixam de 65 por cento para 60,2, enquanto os directos (fundamentalmente por fruto dos impostos sobre o trabalho) crescem de 35 por cento no OE/90 para 39,8 no OE/91.

A descida dos impostos indirectos só é contrariada pelo ligeiro crescimento dos direitos aduaneiros (representam, no entanto, apenas 1 por cento do conjunto das receitas fiscais) e pelo brutal aumento da taxação do tabaco e bebidas.

D.R.

À MARGEM

PS e PCP apresentam alternativas

O Partido Socialista vai apresentar propostas alternativas à proposta do Governo sobre o IRS e IRC, de forma a reduzir a carga fiscal nos rendimentos de trabalho dependente. O PS levar de novo a plenário as propostas de reforma fiscal apresentadas o ano passado no parlamento e rejeitadas pelo PSD.

O grupo parlamentar socialista vai ainda exigir a reavaliação das receitas e das despesas segundo a taxa real de inflação.

Ferro Rodrigues e Manuel dos Santos vão introduzir uma novidade no debate: um partido da Oposição vai propor ao Governo cortes nas despesas.

As iniciativas do grupo parlamentar do PS nesta matéria vão incidir num corte de despesas no projecto do Centro Cultural de Belém quye surge no PIDAC com uma verba de 27 milhões de contos. Os socialistas vão ainda propor cortes nas despesas de vários gabinetes ministeriais, nomeadamente «na Presidência do Conselho de Ministros e na secretaria de Estado da Cultura que registaram um aumento muito grande das despesas correntes». O PS excluí destas medidas de contenção Ministérios como o da Educação e Finanças.

Em contrapartida os socialistas propõem um aumnto das despesas com o poder local.

«O Governo apresenta duas propostas de aplicação do Fundo de Equilíbrio Financeiro, uma no relatório e outra no OE . Criou expectativas e agora pensamos que as autarquias devem escolher a proposta que mais lhes convém. Isso implica um aumento de despesas na ordem dos 6 milhões de contos», disse ao Diário de Lisboa fonte socialista.

O PS defende ainda um aumento de 13 milhões de contos para a habitação, 1,5 milhões para a acção escolar, 2 milhões para o ambiente e milhão e meio para a Cultura.

O PCP considera prioritários os sectores da Saúde, Educação e Habitação e por isso desmonta a « estratégia de subavaliação das verbas».

Octávio Teixeira revelou ao «DL» o orçamento inicial para a Educação, feito por Roberto Carneiro, «previa uma dotação superior em 48 milhões de contos, para descongelamento das carreiras dos professores. O corte desta verba significa que não vai ser cumprido o acordo assinado entre o Governo e os empresários no que respeita ás carreiras dos docentes».

Também na Saúde o PCP afirma que houve «uma subavaliação das despesas com o pessoal. Consideram aumentos de 10 por cento, quando estão a ser negociados aumentos salariais de 13,5 por cento».

No que respeita à habitação social, Octávio Teixeira denuncia o «miserabilismo do Governo que propôs uma dotação de 4 milhões de contos para o sector». Esta verba «é ridícula», disse Octávio Teixeira, quando o Centro Cultural de Belém leva este ano mais 8 milhões de contos».

Despesas do Estado em 1991

QUADRO III.4.1

Grandes funções

(Em milhões de contos)

Aplicações	1991	Percentagem
I — Funções de soberania	*858*	*26,9*
1 — Defesa e segurança	210,7	6,6
2 — Serviços gerais da Administração	647,3	20,3
II — Função social do Estado	*1 124*	*35,2*
1 — Educação	485,1	15,2
2 — Saúde	412,8	13
3 — Segurança Social	145,3	4,5
4 — Habitação e outros serviços colectivos e sociais	80,8	2,5
III — Função económica do Estado	*362,6*	*11,4*
1 — Administração e investigação	86,5	2,7
2 — Agricultura, silvicultura, pecuária, caça e pesca	74,2	2,3
3 — Indústrias extractivas, transformadoras e outras	19,2	0,6
4 — Transportes e comunicações	132,4	4,2
5 — Comércio e turismo	49,6	1,6
6 — Outros	0,7	–
IV — Encargos correntes da dívida	*844*	*26,5*
Total	3 188,6	100

Rui Vasco

Cunhal e o ano 2000

Política de direita ruma à escravatura

O secretário-geral do Partido Comunista Português afirmou ontem que, a prosseguir a política actual, Portugal arrisca-se a chegar a 2000 com aspectos sócio-económicos muito semelhantes aos da ditadura salazarista.

Álvaro Cunhal inaugurava o ciclo de conferências subordinado ao tema «Portugal, horizonte ano 2000» promovido pelo semanário «o jornal», cujo director, Silva Pinto, disse ter em vista procurar uma visão do futuro através das perspectivas dos líderes dos principais partidos e do Presidente da República. Cavaco Silva «não encontrou, até ao fim do ano, um furo para responder ao nosso convite» — disse o director de «o jornal».

O dirigente comunista reconheceu que o capitalismo conseguiu grandes avanços a nível mundial, quando parecia condenado, apresentando-se hoje com uma nova dinâmica e pretensões hegemónicas, porém mantendo a mesma natureza. E se a paz, o desanuviamento, o desarmamento, a luta contra a doença, a investigação científica constituem passos positivos, a incerteza quanto à evolução do mundo permanece.

«Os acontecimentos não autorizam a conclusão de que o projecto de construção de uma sociedade socialista foi uma utopia e um erro histórico, de que o socialismo e o comunismo morreram na história da humanidade» ou de que «o capitalismo está em condições de resolver os problemas, que é o melhor sistema do presente e o sistema certo do futuro» — disse Álvaro Cunhal, recusando a ideia de que o mundo caminha para a fusão dos sistemas socialista e capitalista.

Ao analisar a situação política nacional, o líder comunista notou que, «nos últimos anos, se tem assistido a uma degradação da democracia política», em virtude dos ataques às conquistas revolucionárias e à Constituição, e perguntou que Portugal seria o do ano 200 «se prosseguisse a política de direita», com a «governamentalização das instituições», a «redução dos direitos da oposição», o «controlo do poder local», a alteração das leis eleitorais, «as limitações aos direitos dos cidadãos» a entrega da maior parte dos meios de Comunicação Social a «grandes capitalistas», a «liquidação do direito ao trabalho», a «contenção dos salários».

O resultado seria, afirmou Cunhal, «uma democracia prisioneira de um colete de forças, um regime autoritário encoberto por uma carapaça de democracia algemada».

Referindo-se especialmente à integração de Portugal na CEE, que «é uma realidade», o secretário-geral do PCP defendeu a «afirmação corajosa de uma política nacional» que intervenha nas instâncias comunitárias. Recusando a via do isolamento em proveito da via da cooperação, e reconhecendo a interdependência das sociedades modernas, Cunhal rejeitou a ideia de supranacionalidade «em que as decisões são tomadas pelos mais fortes» e as desigualdades se acentuam.

«É mais fácil evitar a submissão do que libertarmo-nos dela» — disse o dirigente comunista, adiantando que «seríamos os novos escravos do século XXI» se não assegurássemos a independência nacional no quadro da CEE. Se prosseguisse a política actual, que Álvaro Cunhal caracterizou como de entrega de empresas aos estrangeiros, de submissão às transnacionais e de seguidismo quanto à reivindicação de uma política externa e de defesa comum, viremos a ser «uma espécie

Rui Vasco

«Sou um homem de convicções»

A violência e a política numa análise cristã

O professor Michel Renaud, da Universidade Nova de Lisboa, identificou o pacifismo como uma extrapolação ilegítima, do ponto de vista filosófico, do desejo de «paz privada» para o plano da «paz internacional», numa palestra proferida ontem no Centro de Reflexão Cristã, de definição dos conceitos de «Violência, Conflito e Política».

Belga fixado em Portugal, coordenador do departamento de Filosofia da Universidade Nova e docente também da Universidade Católica, Michel Renaud, de 49 anos, dissertou em redor do que possam ser as respostas do cristianismo às questões da violência e da política, que filiou na fatalidade da dialéctica hegeliana do senhor e do servo, ou seja, dos conflitos de interesses.

Analisada a diversidade das formas de violência – física, psicológica, moral, económica -- o conferencista considerou esta basilar a toda a cultura, como fruto da conflitualidade essencial das relações humanas.

Renaud advertiu no entanto contra a tendência para se equiparar a violência física às restantes formas que ela possa assumir, que classificou de «metafóricas». Do seu ponto de vista, essa tendência torna-se legitimadora do recurso à primeira contra as restantes.

Considerando a violência «enraizada na problemática do desejo», e este «constitutivo do homem», sustentou que ela pode ser eliminada, ao contrário do que acontecerá com a agressividade.

Outros conceitos aprofundados foram os de conflito, luta e combate. Os dois primeiros não coincidem inteiramente, segundo o conferencista, porquanto ao segundo subjazerá uma procura de poder. Quanto ao combate, distingue-se por ser limitado no tempo e no espaço, enquanto conflito e luta são intemporais.

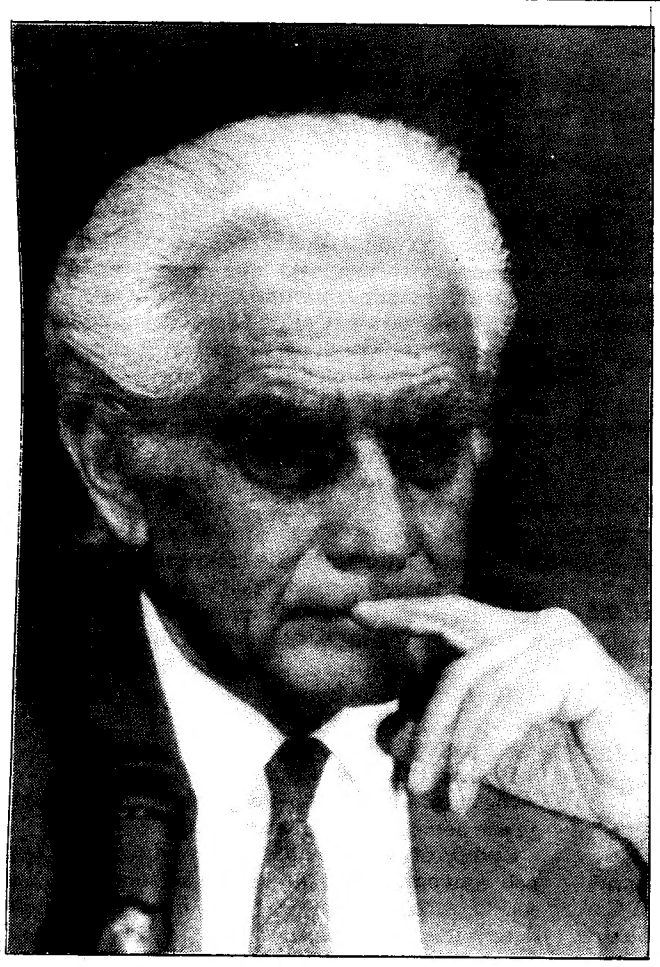
Na sequência destas considerações, Michel Renaud ensaiou uma interpretação do «compromisso», conceito em que se enquadra o de «paz», e que poderá assumir tanto uma dimensão pessoal como internacional. Para ele, não havendo reconhecimento da diferença não há paz possível

Marginalmente ao tema da palestra, Renaud manifestou a opinião de que a Igraja Católica deveria analisar as próprias relações com os poderes político e económico e o tema da sexualidade, num debate interno a que atribuiu um efeito libertador.

F.B.S.

Rui Vasco

Michel Renaud: Igreja deveria debater as próprias relações com o poder político



Rui Vasco

de província atrasada da união política europeia».

Reafirmando o seu antifederalismo, o secretário-geral do PCP qualificou de moda o pensar-se que «os interesses nacionais se integram nos globais, acrescentando: «Não se acuse a nossa posição de nacionalista; é uma posição patriótica». Para o dirigente comunista, não há uma política energética, nem de investigação científica, nem de transportes, nem industrial, nem de turismo, razão pela qual «o País está desarmado para 1992».

Depois da conferência, Cunhal respondeu às perguntas da assistência (ignorou apenas o convite para distinguir o antifederalismo do PCP do antifederalismo da direita), tendo-se detido particularmente nas mudanças a Leste. A situação anterior à convulsão classificou-a de «grande desastre» em relação a um projecto inicial, caracterizada pelo divórcio entre o Poder e a base, a adulteração dos sovietes, a estatização quase total da economia, a subestimação da democracia política e do mercado. «Não foi o ideal comunista que fracassou; o Poder é que se afastou dele» — disse Cunhal, a quem as «grandes tragédias» nos países de Leste, se o fazem sofrer não afectam a esperança e muito menos as convicções. «A causa por que lutamos é uma causa justa» — afirmou. — Lutamos para viver de pé, não para morrer de pé».

PS quer a Rádio e a Televisão fora do controle do Governo

O Partido Socialista pretende acabar com aquilo que designa por «cadeia hierárquica de controle político» nos serviços públicos de rádio e televisão. Para tal, os socialistas apresentaram ontem em conferência de Imprensa um conjunto de projectos de lei que visam alterar a situação. Actualmente, a nomeação de gestores e presidentes dos conselhos de administração da Radiotelevisão e Radiofusão é responsabilidade exclusiva do Governo.

Com as presentes iniciativas parlamentares os socialistas introduzem um dado novo no que se refere aos estatutos das duas empresas de serviço público de rádio e televisão, RDP e RTP. Trata-se da criação de um novo órgão: o Conselho Geral. Entre outras atribuições, aquele conselho designará dois dos três gestores da RTP e RDP, ficando assim o Governo e Assembleia da República, segundo as intenções do PS, «em minoria».

Arons de Carvalho explicou os motivos da alteração: «Quando mudam os governos, mudam também os gestores e directores que asseguram, tantas vezes sem nenhuma capacidade, o controlo do novo poder».

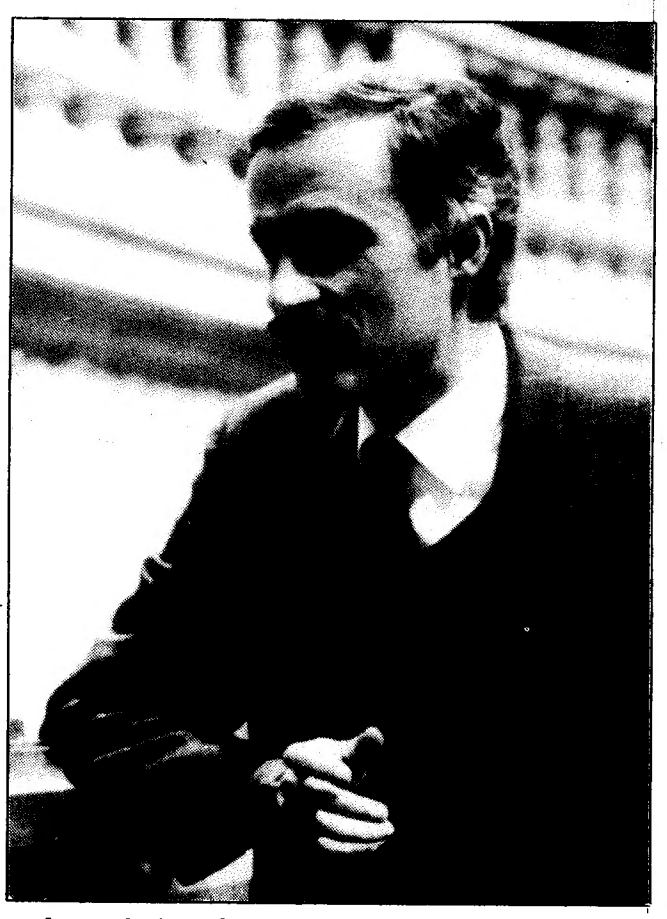
Para os socialistas, a actual situação é incompatível com o cumprimento da Constituição que sobre esta matéria é clara: «A estrutura e funcionamento dos meios de comunicação do sector público devem salvaguardar a sua independência perante o Governo».

A figura do Conselho Geral, CG, preconizada pelo PS para a RTP e RDP, é inspirada nos modelos austríaco e alemão. Trata-se de uma «pequena assembleia pluralista representativa e independente», disse Arons de Carvalho. É constituída por 25 membros. Parte deles é designada pelo Parlamento, mediante maioria qualificada de dois terços, sendo os restantes nomeados pelo Governo, confissões religiosas, associações patronais, centrais sindicais, movimento cooperativo, municípios, universidades, autores, colectividades de cultura, Conselho nacional de Juventude, consumidores, trabalhadores da RTP, nomeadamente um jornalista.

Ao Conselho Geral compete também a aprovação das linhas gerais de programação e a escolha do Director-Geral de Emissão. Este cargo constitui a outra novidade do projecto de lei dos socialistas. Trata-se de um «director de programas e de informação» proposto pelo Conselho de Administração.

Além dos dois projectos de lei relativos à RDP e RTP, os socialistas apresentaram igualmente propostas de novos estatutos para os centros regionais da Madeira e Açores, da RDP e RTP. No que diz respeito à televisão, o objectivo é «terminar com a escandalosa situação de a programação emitida em Lisboa chegar às regiões autónomas, mas não ser vista pelos açorianos e madeirenses». Tal alteração deverá ser conseguida, de acordo com os socialistas, através da transmissão de um dos programas de cobertura nacional para as regiões autónomas.

Desafiando o PSD a «demonstrar ou não o seu apego aos valores comuns da Europa comunitária, à liberdade e ao pluralismo», o PS apresentou também um projecto de resolução recomendando ao Governo que promova com urgência as diligências necessárias para ratificar a Convenção Europeia sobre Televisão Transfronteiras, aprovada em 15 de Março de 1989. Apesar de a convenção conter princípios relativos à programação e publicidade com os quais o Governo português concordou, foi aprovado um Código da Publicidade que contraria precisamente algumas dessas regras. «A ratificação da Convenção Europeia obrigaria ao fim desta prática lamentável», consideraram os socialistas ao referir-se à interrupção dos filmes com anúncios, ainda permitida pela actual legislação em vigor.



Rui Pacheco

Arons de Carvalho desafiou os social-democratas a demonstrar «o seu apego à independência da comunicação social»

Alta Autoridade dá razão à RTP

A Alta Autoridade para a Comunicação Social acabou por dar razão à RTP-Canal 1 na sequência da queixa apresentada por Lopes Cardoso. Em comunicado, aquele órgão considera que «a reportagem que originou a queixa não deturpou o conteúdo das declarações feitas embora possa ter retirado alguma força à sua transmissão, ao recorrer em exclusivo ao resumo em "off"». Recorde-se que aquele dirigente do PS apresentou uma queixa contra a RTP por, no seu entender, terem sido «violados os seus direitos à imagem, à palavra ,bem como, os direitos de expressão e à informação», quando em 24 de Setembro a RTP difundiu «apenas em "off"» as declarações que havia prestado.

Propondo negociações com a Indonésia

Congressistas norte-americanos apelaram à paz em Timor-Leste

O Congresso dos EUA exigiu em Washington negociações directas para a paz em Timor-Leste. Numa carta endereçada ao secretário de Estado da Defesa, James Baker, 223 congressistas norte-americanos referem que «mais de cem aldeões timorenses, incluindo mulheres e crianças, foram massacrados numa recente operação militar da Indonésia, descrita como um acto de retaliação pela morte de três soldados indonésios».

Enquanto isto sucedia na capital norte-americana, em Sintra o ministro Fernando Nogueira repudiava a violação dos direitos fundamentais em Timor-Leste. Intervindo numa Conferência sobre Direitos Humanos como Condição para o Desenvolvimento Democrátuico, o ministro da Defesa Nacional afirmou que Portugal «não pode deixar de erguer a sua voz para repudiar as violações dos direitos fundamentais auer continuam a verificar-se no território de Timor-Leste».

A carta dos 223 congressistas norte-americanos (recorde de assinaturas num pedido feito à Administração) manifesta uma «profunda preocupação pelos actos de repressão contra os que tentam expressar os seus pontos de vista de uma forma pacífica» e sublinha que, «face às consequências trágicas de quinze anos de guerra civil, os Estados Unidos deviam apoiar um processo de conversações de paz que conduzisse a negociações sem pré-condições entre as partes directamente envolvidas».

Um porta-voz dos congressistas que assinaram a carta e preside à Comissão para os Assuntos da Fome, Tony Hall, declarou que «o povo timorense deve estar representado nas negociações», muito embora se tenha recusado a afirmar se essa representação deve ser assegurada pela Fretilin, que luta contra a dominação indonésis do território. O congressista democrata defendeu ainda a participação de Portugal em qualquer processo de negociações.

A Comissão para os Assuntos da Fome do Congresso dos EUA receia que as acções dos militares indonésios - designadamente as restrições às zonas onde os camponeses podem exercer a sua actividade - estejam a causar ciclos periódicos de fome em Timor-Leste.

Oliveira e Costa sujeito a inquérito parlamentar

Os pedidos de inquérito parlamentar do PS e do PSD aos perdões fiscais concedidos pelo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Oliveira e Costa, monopolizaram o início do debate do OE, esta manhã na Assembleia da República.

Montalvão Machado acusou o Partido Socialista de «má fé» pela corrida, ontem, ao gabinete do Presidente da Assembleia para entregar o pedido de inquérito. Confirmou que o PSD ainda não entregou o seu e lembrou que a conferência de Imprensa realizada, também ontem, na sede dos social-democratas não se destinava a discutir o inquérito, embora o PSD tivesse anunciado a intenção de apresentar o documento na AR.

Curiosamento foi o deputado comunista Octávio Teixeira quem levantou «a lebre» ao apresentar a semana passada na AR um requerimento sobre os perdões fiscais do secretário de Estado.

O Partido Socialista que já estava a definir uma estratégia para apresentar um inquérito parlamentar sobre o mesmo assunto começou a acelerar o processo. O *timing* escolhido foi o primeiro dia de debate do OE. Este agendamento dos socialistas leva agora o PSD a afirmar que «o PS quis disfarçar as dificuldades que teria na discussão do OE».

A notícia publicada este fim-de-semana no «Expresso» alertou os social-democratas que, depois de saberem da conferência do PS, esta tarde, resolveram reunir de emergência a «task force» e anunciar o pedido de inquérito parlamentar, antecipando-se aos socialistas.

O PS respondeu de imediato, entregando ao presidente da Assembleia o texto do pedido de inquérito.

Está em causa o perdão de meio milhão de contos de impostos à Cerâmica Campos, de Aveiro. Pacheco Pereira, vice-presidente do grupo parlamentar dos social-democratas, garante que o perdão foi concedido «com base num diploma legal que consagrou um período de tréguas fiscais» e às suspeições responde com «quem não deve não teme».

No entanto, o semanário Expresso levanta a questão da dualidade de critérios em relação a outras empresas e da eventual amizade de Oliveira e Costa com Mota Figueiredo, o proprietário da Cerâmica Campos e presidente do Beira Mar.

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, José Luís Feronha e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Marina Tavares Dias, Pedro Alvim, Rodrigues Borges, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Filipe Verissimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. **Impresso na Renascença Gráfica, SA** - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

O *COPYRIGHT* SÁ CARNEIRO

A questão não está em que X se reivindique de Sá Carneiro.

Está em que Y não deixe que X se reivindique de Sá Carneiro.

Sob a alegação de que é Y que se pode reivindicar de Sá Carneiro.

E em exclusividade.

Ora não pode.

Pelo motivo óbvio de que, se Sá Carneiro de facto existe como modelo, como inspiração, como *praxis*, se Sá Carneiro de facto constitui um pólo ainda orientador, então restringi-lo exclusivamente a um partido, exclusivamente a uma fundação, exclusivamente a uma família ideológica ou mesmo a uma família de sangue, é um absurdo.

É o que acontece com as grandes figuras.

Sejam políticas sejam artísticas, sejam filosóficas sejam morais.

Ou sejam um pouco de tudo isto, e do que mais for.

Quando o dr. Carlos Macedo se reivindica de Sá Carneiro, faz o que a sua consciência, a sua memória, e o seu sentido de oportunidade política lhe dizem para fazer.

É, também, um oportunismo?

É.

E é, naturalmente. No sentido da utilização da oportunidade, a favor do que imediatamente lhe importa contra o que imediatamente lhe interessa.

Também aí o dr. Carlos Macedo se poderia reivindicar — se é que, também aí, não se reivindica — Sá Carneiro. Que, como se sabe, teve, justamente desse sentido de oportunidade, uma agudíssima noção.

Nem poderia ser dessa forma.

Sendo esse um dos *musts* da política.

E Sá Carneiro o político que foi.

Quando o partido que Sá Carneiro fundou recusa ao dr. Carlos Macedo legitimidade para se reivindicar desse fundador, sob a alegação de que o dr. Carlos Macedo, no ano tal, mês tal, jornal tal, se opôs a Sá Carneiro, esse partido está, talvez, a fazer o que supõe que o tal sentido de oportunidade manda.

Mas está a cometer uma grosseria cultural-técnica.

Porque é evidente, para aqueles que têm a noção de um partido aberto, democrático, vivo, que reivindicar-se alguém do fundador e presidente desse partido não passa pela condição fundamental que é demonstrar ter estado sempre em sentido perante ele.

Sabendo-se que Sá Carneiro não foi um presidente partidário fácil e morno. E que, se ele era capaz de utilizar os Zês Zagalos da sua carreira, e do seu partido (que os teve, e ainda aí estão, e sabe-se quem são), não tinha, deles, um conceito demasiadamente elevado.

Quando o dr. Carlos Macedo se reivindica de Sá Carneiro, reivindica-se, não do temor que a personalidade forte de Sá Carneiro impunha a alguns que aí estão, mas também da capacidade para responder a quem quer que seja. Capacidade que Sá Carneiro tinha. E que o dr. Carlos Macedo sempre teve

Usar contra o dr. Carlos Macedo um velho conflito de circunstância política entre ele e Sá Carneiro, um conflito que se dilui uma relação que teve afinidades e convergências antes e depois, e demonstrar, com base no recorte de um jornal, que esse conflito faz cair pela base a pretensão do dr. Carlos Macedo de se reivindicar de Sá Carneiro, é capaz de não ser convincente.

E de sair, disparado, pela culatra.

Quando o dr. Carlos Macedo se reivindica de Sá Carneiro, reivindica-se, não do temor que a personalidade forte de Sá Carneiro impunha a alguns que aí estão, mas também da capacidade para responder a quem quer que seja. Capacidade que Sá Carneiro tinha. E que o dr. Carlos Macedo sempre teve. Por exemplo, quando se tratava de responder ao próprio Sá Carneiro.

Artur Portela

Vivo, e hoje, Sá Carneiro, perguntando-lhe a alguém se aqueles que têm legitimidade para se reivindicar dele são os que nunca levantaram cabelo, aqueles que calaram, engoliram, ocultaram, sussurram, zumbiram, conspiraram, ou simplesmente obedeceram em automatismo, querem apostar que ele se — ria?

Assim, quando o partido que Sá Carneiro fundou recusa ao dr. Carlos Macedo legitimidade para se reivindicar desse fundador, afirmando-se o partido implicitamente, se não explicitamente, o detentor do património que é Sá Carneiro, esse partido está, talvez, a fazer o que supõe que o tal sentido de oportunidade manda.

Mas está a cometer outra grosseria cultural-técnica.

Porque é evidente, para aqueles que conheceram Sá Carneiro, ou conhecem aquilo que ele representou, mesmo que esse conhecimento seja ideologicamente desvinculado do que ele foi, e representou, que Sá Carneiro não está circunscrito nem àquilo que o director do jornal oficial do actual PSD escreve, nem àquilo que o actual presidente do actual PSD diz, quer e faz.

Há mais Sá Carneiro.

E talvez haja mais PSD.

Mesmo onde a actual direcção do actual PSD não supõe haver, ou não quer que haja.

Compreendê-lo, e publicamente admiti-lo, talvez não convenha exageradamente ao momento, ou seja, à circunstância táctica, da interpretação de determinada liderança.

Mas é obrigatório para o largo fôlego estratégico de quem pensa o PSD de uma forma historicamente projectiva.

Eu, se estivesse no lugar do actual presidente do actual PSD decidiria já quem é que, no futuro, tem legitimidade para se reivindicar dele. Dele, actual presidente. E estou em crer que, se ele decidir que essa legitimidade pertencerá àqueles que lhe dizem a tudo que sim, que lhe obedecem porque o temem, àqueles que não demonstram a coragem de assumir a sua discordância nas pequenas e nas grandes coisas, esse actual presidente dirá uma coisa oportuna nesta questão.

Dirá que ele não se pode reivindicar de Sá Carneiro.

DA SOLIDARIEDADE!

Quando saiu em liberdade, o engenheiro Costa Freire agradeceu publicamente, entre outras, a solidariedade do sr. primeiro-ministro. Acontece que a opinião pública apenas conhecia a este respeito a nota do Conselho de Ministros, que referia a necessidade de que fosse feita justiça.

Assim, ou o primeiro-ministro é solidário com o engº Costa Freire como o pode ser em relação a qualquer outro preso preventivo - e, neste caso, a afirmação da necessidade de justiça é tão vaga que nela cabem todos os «presumíveis inocentes» detidos nas nossas cadeias -, ou o primeiro-ministro é solidário com o engº Costa Freire, tendo, para o ser, de conhecer o processo do Ministério da Saúde e os factos que provarão em sede de justiça a inocência do seu antigo secretário de Estado.

Aceitemos como única provável esta tese, não imputando ao sr. primeiro-ministro o desleixo ético de não vir a terreiro defender outros presos nas mesmas circunstâncias. É, no entanto, lamentável que o professor Cavaco Silva se tenha abstido de publicamente tomar posição.

Se o primeiro-ministro sabe da inocência do engº Costa Freire, como este o dá a entender, e se o não diz ao país, duas razões são possíveis: ou o professor Cavaco Silva conhece factos e não os diz porque não tem a coragem de ver envolvido o seu nome em questões daquele melindre (o que para um primeiro-ministro é pouco abonatório); ou o Primeiro Ministro quer dar a entender que não sabe o que sabe, que é solidário sem o ser, que seja qual for a solução em sede de justiça é conforme com a sua pretendida situação de «pessoa acima de qualquer suspeita».

A democracia deve ser o estado da presunção da inocência de todos os cidadãos, com uma situação particular que é necessário clarificar: a dos detentores de cargos públicos, daqueles que gerem os dinheiros obtidos à custa dos impostos dos cidadãos.

A honestidade dos políticos nunca é independente do juízo que sobre ela tenham os cidadãos e a única expressão possível dessa honestidade reside no conhecimento público de todos os seus actos e sobretudo dos factos que indiciam a necessidade de expressão de solidariedades, sejam estas públicas ou privadas

Neste caso, e porque o não são compulsivamente, é fundamental que, além da honestidade, os políticos a provem, isto é, que publicamente e em todas as situações se disponibilizem para defender o seu nome e o daqueles com quem afirmam - quer em público quer, como parece ser este caso, em privado - estar solidários.

O professor Cavaco Silva não é cidadão acima de toda a suspeita, sobretudo porque é detentor de um cargo público e porque foi no Governo por si dirigido que aconteceu o chamado «caso Costa Freire». O cidadão Cavaco Silva tem de, e numa primeira fase, provar a sua inocência política, isto é, que dos factos que estão a ser investigados pela Procuradoria-Geral da República não tem em qualquer situação qualquer responsabilidade, sejam ou não os mesmos provados. Tem de esclarecer, posteriormente, os motivos que o levaram a não clarificar perante o país a sua solidariedade em relação ao engenheiro Costa Freire e porque optou, como aquele deu a entender publicamente, por exprimi-lo em privado.

Vítor Manuel Rodrigues

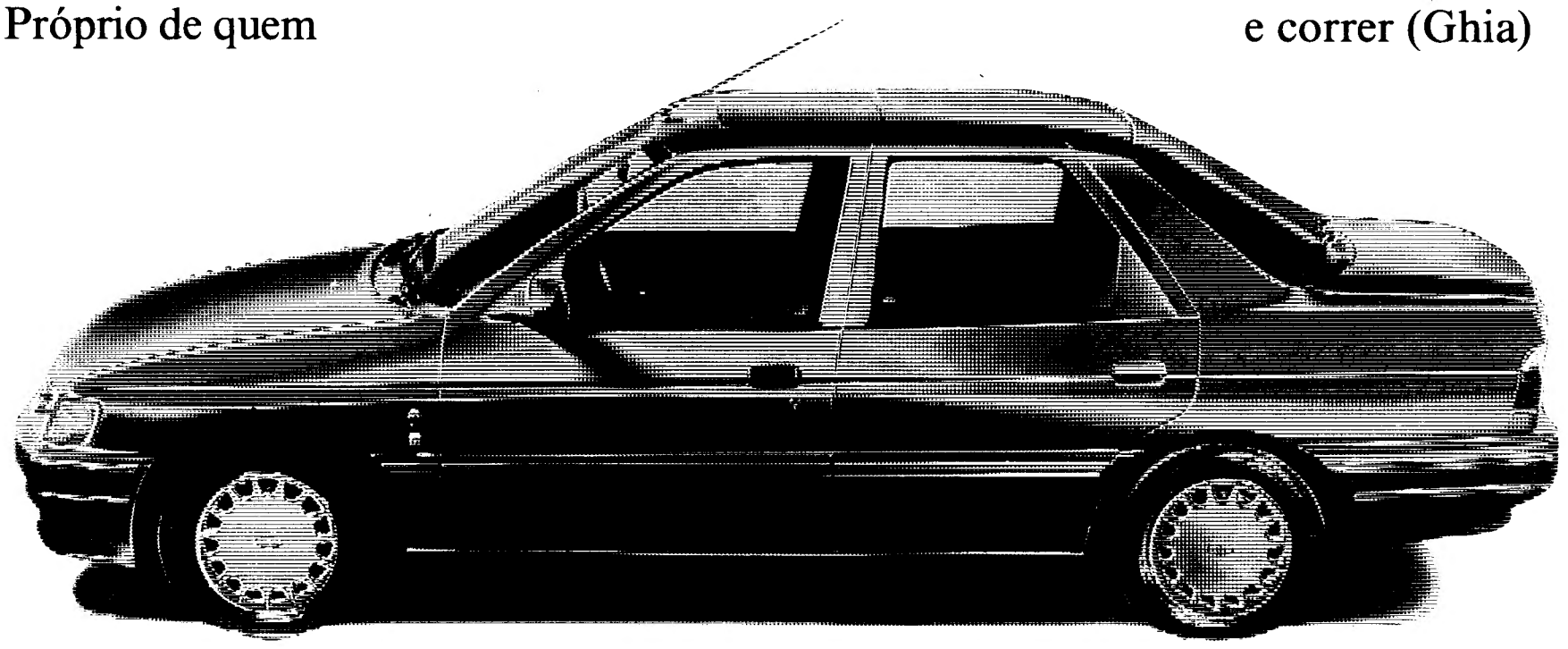
Esta última hipótese coloca algumas dúvidas de transparência acima das quais o primeiro-ministro nunca estará: terá o primeiro--ministro ajudado à estratégia jurídica que levou à libertação do engº Costa Freire, exprimindo assim a sua solidariedade, ou terá pressionado, usando os mecanismos de poder inerentes ao seu cargo, no sentido da actual situação?

A não ser assim, de que forma, e objectivamente, manifestou o professor Cavaco Silva a sua solidariedade? A honestidade dos políticos nunca é independente do juízo que sobre ela tenham os cidadãos e a única expressão possível dessa honestidade reside no conhecimento público de todos os seus actos e sobretudo dos factos que indiciam a necessidade de expressão de solidariedades, sejam estas públicas ou privadas.

É isto que Cavaco Silva tem de explicar a partir das últimas declarações do engº Costa Freire. As regras em democracia são claras e só é responsável político quem quer, tendo para isso que assumir todas as consequências de ordem pessoal que daí derivam.

UMA SENSAÇÃO SUPERIOR

Muitas vezes um automóvel diz algo sobre quem o conduz.
O Novo Ford ORION define-se pelo carácter forte e calmo. Próprio de quem aposta em si mesmo.
Próprio de quem



conduz com prazer. Quem conduz um ORION, conduz um estilo de vida superior, em sensações, em dinâmica, em estabilidade e confiança.
No Novo Ford ORION, as versões mais baixas já são bem altas, equipamento CLX com motores 1.3 e 1.4, caixa de cinco velocidades e uma versão 1.4 com motor verde.
O crescendo acentua-se com as versões Ghia, 1.3 e 1.4, e culmina com a performance da versão 1.6 Si.
Todos os motores estão preparados para utilizar gasolina sem chumbo.
Do requintado equipamento de **série** destacamos:

- Coluna de direcção ajustável (Ghia)
- Tejadilho de abrir e correr (Ghia)
- Trancagem central de portas
- Janelas dianteiras de comando eléctrico (Ghia)
- Abertura da bagageira comandada do interior

E como **opções** poderá ter:

- Tejadilho de abrir e correr (CLX)
- Sistema de travagem ABS electrónico
- Direcção assistida (Ghia Si)
- Janelas dianteiras de comando eléctrico (CLX)

O Novo Ford ORION define-o a si, que procura uma sensação superior.

Ogilvy&Mather

O novo Ford Orion.

Ford
QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encargos Anuais: Combustível: De 130 500$00 a 169 650$00 — Seguro Obrigatório: De 21 983$00 a 24 745$00. — Impostos: 4 650$00 (Base: 15 000 km Nov. 90)

ECONOMIA

Nos Estados Unidos está a acabar o período das «vacas gordas» e a recessão económica que atinge a sua economia faz recear uma crise idêntica à dos anos 30

Risco de recessão nos Estados Unidos poderá afectar a economia mundial

O mundo que conheceu um longo período de prosperidade - sete anos, no caso dos EUA - estará em vésperas de uma nova crise, com o consequente aumento do desemprego, quebra da produção industrial e do poder de compra e recuo do investimento empresarial? Para os que se sentem inquietos com esta possibilidade - sobretudo após a ameaça de guerra no Golfo e a subida dos preços do petróleo -, o mínimo indício favorável constitui motivo de esperança.

É, assim, que a recuperação verificada na taxa de crescimento dos Estados Unidos, no terceiro trimestre, pode fazer crer que a primeira potência económica do Mundo conseguirá fugir à recessão. E, com ela, a Europa inteira. Mas os índices escondem, muitas vezes, uma face importante da realidade: o crescimento, este Verão, em 1,8 por cento da economia americana corrige, provavelmente, o excessivo recuo do segundo trimestre, que quase mergulhou o país na estagnação. Os números são suficientemente elucidativos: em 1988, a taxa de crescimento foi de 4,5 por cento; em 1989, de 2,5 por cento; este ano, não deverá ultrapassar 1 por cento.

Não é fácil explicar por que motivo, no terceiro trimestre, uma economia que se pensava estar sem folgo conseguiu, de súbito, voltar a arrancar. A sedução que os novos modelos de automóveis exercem sobre o público contribuiu certamente para isso, assim como o aumento de produção decidido pelos respectivos fabricantes, que antes receavam uma vaga de greves; por outro lado, a crise do Golfo deverá ter incitado os americanos a constituirem reservas ou a avançarem com certas despesas antes das inevitáveis subidas de preços.

Porém, apesar dos indícios encorajadores, os EUA não conseguirão escapar a um período de estagnação, ou mesmo de recessão da sua economia. Tudo aponta nesse sentido, mas o mais inquietante é que idêntico panorama começa a surgir em Itália, França e Espanha, depois de já ter atingido a Grã-Bretanha. Resta saber quanto tempo irá durar esse mau período - seis ou nove meses, é a previsão generalizada. Diversos factores permitem pensar que será de curta duração: a economia alemã irá manter um ritmo acelerado; as encomendas de material militar por parte dos vizinhos do Iraque irão alimentar a produção americana, já estimulada para a exportação devido à desvalorização do dólar; os países produtores de petróleo, enriquecidos pela subida do preço, deverão comprar mais às nações industrializadas.

A guerra do Golfo, apesar de ter animado o mercado do armamento, provocou sintomas de algum alarme na economia mundial

O optimismo seria ainda maior se os EUA não tivessem de enfrentar graves problemas financeiros, como o do fracasso da sua política de poupança, o endividamento imprudente de numerosas empresas, o crédito bancário concedido a países insolventes, e, também, problemas de défice orçamental e da necessidade de atrair capital estrangeiro mantendo taxas de juro elevadas.

O fim do período das «vacas gordas» nos EUA é, sobretudo, assustador na medida em que as dívidas contraídas se tornam frequentemente insuportáveis, não sendo reembolsadas, e os bancos cortam o crédito. O que leva os mais pessimistas a pensarem no regresso de uma crise grave, semelhante à dos anos 30, hipótese essa reforçada - em termos internacionais - pelo inevitável empobrecimento dos países não produtores de petróleo: os de Leste, claro, e os chamados «em vias de desenvolvimento».

Seja como for - e mesmo que a recuperação da economia mundial se verifique a breve prazo-, o certo é que muitos países irão viver, até lá, dias difíceis...

Alain Vernholes
Exclusivo «Le Monde»/ DL
Trad. e adapt. de Isabel Joyce

Bancos americanos em maus lençois

Queda de lucros, elevados prejuízos nos negócios imobiliários, provisões insuficientes e vagas de despedimentos: as dificuldades dos bancos americanos começam a inquietar seriamente os mercados financeiros e ameaçam agravar a recessão nos Estados Unidos.

Sinal da inquietação dos mercados financeiros, as cotações dos grandes bancos, nomeadamente o Citicorp e Chase Manhattan, cairam 50 por cento em Wall Street, desde meados de Julho. A cotação bolsista destes dois gigantes representa agora menos de metade do seu valor contabilístico.

«Não viamos este tipo de problemas desde o grande *krash* bolsista de 1929» - diz Thomas Hanley, especialista do sector bancário da firma de investimentos Solomon Brothers.

Alguns números mostram bem a amplitude das dificuldades com que se debatem os bancos americanos. Quando a recessão ainda não começou verdadeiramente, mais de mil bancos, num total de 12 500, encontram-se em dificuldades financeiras, segundo estimativas das autoridades federais.

Os lucros dos bancos cairam 34 por cento em relação a 1988 e no terceiro trimestre deste anos estima-se que tal queda tenha chegado a 52 por cento.

A queda de lucros era explicada, até ao fim da ano passado, com as dívidas dos países do Terceiro Mundo. Agora, os bancos americanos sofrem sobretudo os efeitos dos investimentos no sector imobiliário, em crise em várias regiões dos Estados Unidos.

«1991 constituirá um novo ano difícil para os bancos que terão lucros fracos porque deverão aumentar as suas provisões no imobiliário» - prevê Tanya Azarch, analista da firma Standard and Poor's.

A sr^{a} Azarch reconhece que a situaçãoactual dos bancos americanos é a pior desde 1982, ano da crise da dívida do Terceiro Mundo, e talvez desde a Guerra, mas adianta que o pânico dos mercados financeiros em relação a uma eventual crise bancária é exagerada.

Esta especialista acrescenta que não prevê nenhuma falência entre os dez principais bancos americanos, embora adiante que talvez sejam necessárias algumas fusões, a fim de reduzir os custos e de melhor resistirem à concorrência dos bancos japoneses e europeus.

Com fusões ou sem elas, as dificuldades dos bancos traduzir-se-ão, nos próximos meses, por vagas de despedimentos que atingirão milhares de funcionários - prevê o analista financeiro Chester Murray. O Citicorp anunciou dois mil despedimentos e o Chase Manhattan acaba de suprimir cinco mil postos de trabalho.

Confrontados com a queda dos seus resultados e um crescimento dos créditos de cobrança duvidosa, os bancos deverão restringir ainda mais as suas condições de crédito e manter altas taxas de juro para reconstituir as suas margens de lucro, factores que travam o financiamento da economia e tornam ainda mais difícil uma retoma da actividade.

ECONOMIA

Os primeiros dados estatísticos do ano não dão mostras do abrandamento do défice da balança comercial portuguesa. Dados de Janeiro a Agosto revelam um agravamento de 18 por cento em relação ao ano passado. A Espanha, que ascende ao lugar primeiro dos nossos parceiros comerciais, mais não fez do que agravar o défice

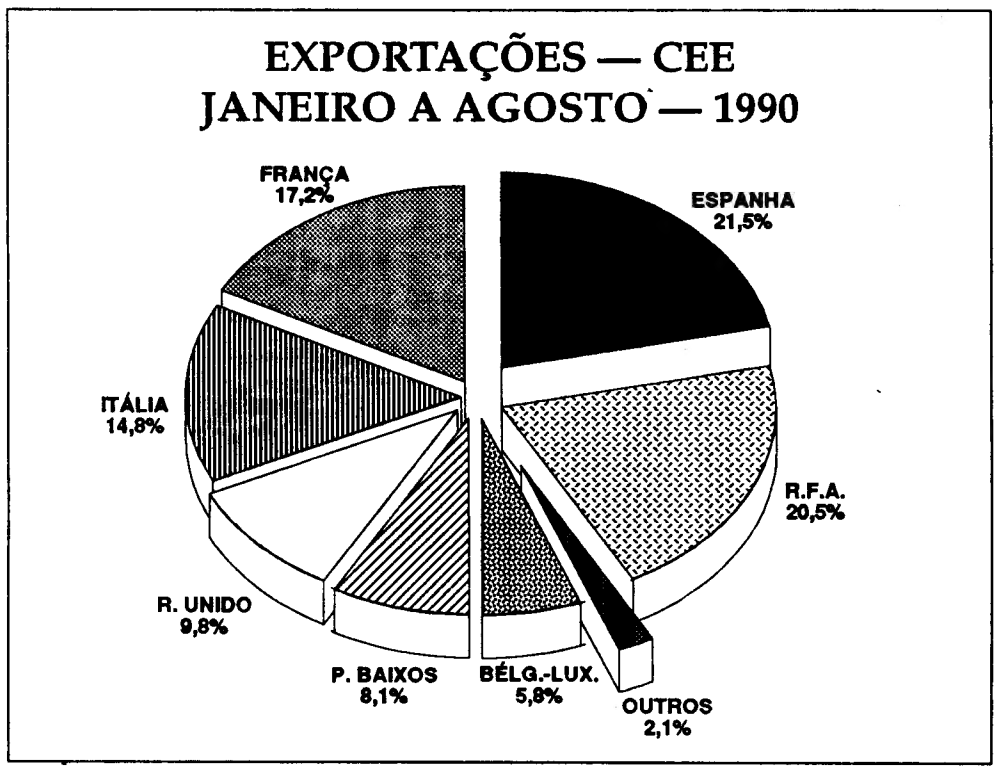
Défice da balança comercial não cessa de crescer

O défice da balança comercial portuguesa não cessa de crescer, segundo os últimos dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, relativos aos primeiros oito meses do ano corrente.

Ainda que o crescimento das exportações tenha sido ligeiramente superior ao do das importações, o saldo negativo registou um crescimento de 10,6 por cento em escudos e de 18,5 em dólares, o que representa uma taxa de cobertura de 67,2 por cento.

Estas percentagens resultam dos seguintes valores globais: de Janeiro a Agosto do ano corrente importamos 2 304 milhões de contos e exportamos 1 547 milhões, o que revela um défice de 756 milhões, o que significa um agravamento de 18 por cento em relação a idêntico periodo de 1989.

As estatistica revelam quais são os nossos principais parceiros comerciais, que continuam a ser os tradicionais de há muitos anos para cá, com excepção da Espanha que já vai em primeiro lugar na lista dos nossos primeiros fornecedores e em quarto na lista dos nossos compradores, assim se acentuando o défice nas relações comerciais entre os dois países ibéricos.



A Espanha é já o nosso principal parceiro comercial e, como se pode avaliar por este gráfico, é já o nosso primeiro fornecedor

Além da Espanha, os nossos principais fornecedores continuam a ser a Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Holanda; e os nossos principais compradores os mesmos, substituída a Itália pelos Estados Unidos da América.

Na estrutura das importações, avultam os combustíveis, as máquinas e as matérias primas; quanto a bens de consumo, avultam os produtos agrícolas e alimentares e o vestuário.

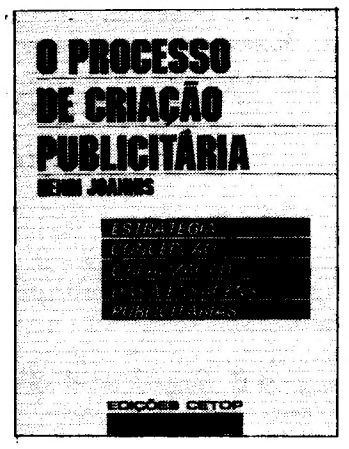
No quadro das exportações, quase querentapor cento do seu total é assegurado pelos tradicionais produtos têxteis, vestuário e calçado. Significativa também a exportação de máquinas e a maior distância vêm os minerais, o material de transporte, a madeira e cortiça e apsta celulósica e papel.

Estatísticas definitivas relativas ao ano de 1989, revelam que ele registou a maior taxa de défice da balança comercial (67,1 %), desde o ano de 1986.

Enquanto o saldo das nossas relações comerciais com a área da CEE continua a ser cerscentemente negativo, com os países da EFTA registou um saldo positivo de 17,2 milhões de contos. Os países africanos de xpressão portuguesa continuam a ter uma muito reduzida expressão no nosso movimento comercial, 0,4 por cento das nossas importações e 3,3 das nossas exportações.

Em 1989, os dez principais parceiros económicos de Portugal foram por ordem decrescente A Espanha, RFA, França, Itália, Reino Unido, Holanada, Estados Unidos, Bélgica/Luxemburgo, Japão e Suíça.

ESTANTE



O PROCESSO DE CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA, Henri Joannis, tradução de Isabel Aubyn, Lisboa, 1990, Edições CETOP, 182 páginas, 1600 escudos (1ª edição: Bordas, Paris, 1988)

Somos sensíveis às mensagens publicitárias: aceitamo-las ou rejeitamo-las. Mas que sabemos nós sobre o processo de fabrico dessas mensagens? E de quem as cria? Pouco ou nada.

Mostrar a arte da criação publicitária é o objectivo do autor. Reconhecedor da indissociabilidade entre *marketing* e génio artístico na criação, Joannis aborda os obstáculos a esta associação: a azáfama constante, a dificuldade no estabelecimento de critérios de qualidade, as interferências, na agência e/ou na empresa, do amadorismo ou do pensamento egocêntrico...

Além da "aldeia publicitária", o livro visa também os profissionais inexperientes, os anunciantes e o público geral.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$10	53$10
ALEMANHA (marco)	87$85	89$15
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$087	4$337
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110$45	112$95
(notas de 5 a 1000)	110$95	113$45
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$356	1$476
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	128$70	132$20
(notas de 5 a 1000)	129$20	132$70
FINLÂNDIA (marka)	36$50	37$10
FRANÇA (franco)	26$00	26$70
HOLANDA (florim)	78$00	79$10
IRLANDA (libra)	234$50	238$50
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$969	1$024
NORUEGA (coroa)	22$45	22$95
REINO UNIDO (libra)	255$40	259$90
SUÉCIA (coroa)	23$40	23$90
SUÍÇA (franco)	104$05	105$55
VENEZUELA (bolívar)	2$409	3$209

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

BREVES

Armadores descontentes com o Governo

A Câmara Portuguesa dos Armadores da Marina Mercante, reunuda em plenário a semana passada, diz-se disposta a ir até às últimas consequências, na intensificação da luta pelas suas reivindicações junto do Governo. A Câmara acusa o Governo de inércia perante as propostas que lhe tem apresentado, mantendo em vigor ou adoptando medidas que, em seu entender, inviabilizarão a curto prazo a rentabilização da frota mercante portuguesa.

Câmara preocupada com Minas do Pejão

A Câmara de Castelo de Paiva anunciou ir apelar ao Governo para tomar medidas tendentes a minimizar os efeitos do encerramento das minas de carvão do Pejão, previsto para Junho de 1994. O município pede um programa de emergência de incentivo a investimentoss alternativos para a região e denuncia a inexistência de um estudo de impacto ambiental na zona degradada da mina a encerrar.

CPP aumenta capital social

Em assembleia geral, que reconduziu o anterior conselho de administração,o Crédito Predial Português deidiu aumentar o seu capital social de 8 para 12,5 milhões de contos.

Seguros para assaltos na via pública

A Tranquilidade decidiu alargar o âmbito do seu seguro «Multiriscos Familiar» aos prejuízos resultantes de roubo de dinheiro, joias, objectos pessoais e documentos, num máximo de 80 mil escudos, em assaltos ocorridos na via pública. A cobertura só é válida se o roubo for participado às autoridades nas 24 horas seguintes à ocorrência do assalto.

Marconi investe na Guiné Bissau

A Guiné Telecom, empresa associada da Marconi, inaugurou uma noca central de computação digital, com uma capacidade de 1 500 circuitos nacionais e internacionais e 20 000 para a comutação local. Entre futuros investimentos a ampliação da capacidade de comunicação telefónica no interior do País e a beneficiação da rede local de Bissau.

46 escudos preço de intervenção no vinho

O preço de intervenção na compra de vinho produzido na colheita de 1990 será fiaxado em 46 escudos por litro, segundo informação do ministério da Agracultura à agência Lusa. Por outro lado, e segundo a mesma fonte, o subsídio de gasóleo à lavoura vai ter um nível orçamental de 11,5 milhões de contos, mais 20 por cento do que o do ano anterior.

"EMPREGO E FORMAÇÃO", Instituto de Emprego e Formação Profissional, Lisboa, 1990 (Outubro), nº 12, 140 páginas, 600 escudos

«É aos sindicalistas e às empresas que cabem as responsabilidades pelo elevado desconhecimento público das experiências positivas da formação profissional». A opinião é expressa por Vasco Ferreira neste número da revista em artigo subordinado à avaliação da formação.

"Emprego e Formação", além de vários artigos sobre formação, publica ainda contribuições de Rui Gonçalves da Silva sobre o trabalho temporário e de Bagão Félix sobre o balanço social da empresa .

INTERNACIONAL

Os principais promotores de uma cimeira histórica

De Moscovo, especial para o «DL»

A Europa pode ter entrado, com a Cimeira da CSCE em Paris, numa nova era de desenvolvimento, baseada no desarmamento e em relações estáveis de parceria. A assinatura na capital francesa da Declaração Conjunta e do Tratado sobre redução de armamentos convencionais, pelos 22 países membros da NATO e do Pacto de Varsóvia, dá essa garantia ao velho continente.

São dois documentos «históricos», como lhes chamou o Presidente Mitterrand, falando na ocasião. «Um acontecimento de facto grandioso», na expressão do primeiro-ministro Michel Rocard. Em declaração que concedeu, em exclusivo, à Novosti, este dirigente francês fez, entretanto, questão de sublinhar: «A União Soviética desempenhou, sem quaisquer dúvidas, um papel decisivo para tornar tudo isto possível.»

Não são de estranhar estas apreciações dos dois principais estadistas franceses. Paris e Moscovo e, concretamente, François Mitterrand e Mikhail Gorbachev, são, justamente, considerados os dois principais promotores da CSCE-90. Disso é significativo o facto de o Acordo de Concórdia e Cooperação entre a URSS e a França, assinado pelos dois presidentes em fins de Outubro, na capital francesa, incluir toda uma série de princípios entretanto acordados pelo Comité Preparatório da Cimeira que aqui termina quarta-feira (dia 21).

Um projecto comum começou por ser discutido em Kiev, aquando da visita, no ano passado, de Mitterrand à União Soviética. Depois foi um trabalho intenso dos dois presidentes e dos respectivos diplomatas que permitiu chegar, em menos de um ano, à presente etapa parisiense da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa.

A incansável actividade desenvolvida pela parte soviética explica-se, em primeiro lugar, pela revisão a que a URSS entretanto procedera das suas concepções sobre segurança. Tornara-se óbvio que no mundo actual, sobrecarregado de uma enorme massa de armas de todo o tipo, a segurança não é garantida por arsenais, mas pela compreensão mútua e pela união na base dos interesses e valores comuns a toda a Humanidade. Os soviéticos tomaram consciência de que a suspeita é mais perigosa do que a confiança. E era necessário repor a ordem natural das coisas num continente absurdamente alheio a essa realidade lógica.

Ao mesmo tempo, a participação no processo europeu fora do quadro da oposição de blocos tornou-se também uma necessidade vital para a URSS. Com todos os seus complexos problemas internos, a União Soviética não se encontrava já em condições de dispender esforços e recursos enormes para manter de pé o Muro de Berlim. Para além disso — e é esta a questão principal — apercebia-se da falta de perspectivas desses esforços. Em suma, o abandono da espiral do antagonismo representava um fundamental interesse do Estado.

A França, por seu lado, tinha particulares razões para se bater activamente por uma Europa «do Atlântico aos Urais». Desde de Gaulle — cujo centenário de nascimento coincide, curiosamente, com a presente cimeira de Paris —, aquela é uma linha tradicional da política externa francesa.

Na sequência da saída do país da organização militar da NATO, Paris tem-se esforçado por «europeizar a Europa». A passagem de uma Europa dos blocos a uma Europa de Estados soberanos, de modo a que os destinos do continente não ficassem dependentes do estreito quadro do diálogo entre a URSS e os EUA, manteve-se como um objectivo do Quai d'Orsay, a sede do Ministério Francês dos Negócios Estrangeiros.

Nos meios próximos deste departamento e do próprio Palácio do Eliseu não se esconde que, por trás daquela linha política, está também o desejo da França de restringir o papel dos EUA na solução das questões europeias. Isto explicará que Paris não cesse de repetir que a base do diálogo com o Leste, na nova Europa, deverá ser a Comunidade Europeia e não a NATO. E que, nas margens do Sena, se considere que a Aliança Atlântica nunca opoderá ser o núcleo da unidade europeia, mesmo que o Pacto de Varsóvia se extinga. Pelo contrário, são muitos os que já consideram que a transformação da Comunidade em estruturas da CSCE é um processo natural e lógico.

Guennadi Petrov

No segundo dia da reunião da CSCE, na capital francesa, a crise no golfo Pérsico continua a ser um dos grandes temas, havendo a registar a divergência de posições entre Washington e Moscovo quanto ao uso da força

Sombra do Golfo pesa sobre Paris

Os chefes de Estado e de Governo dos 34 países da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), reunidos em Paris para desenhar os contornos da nova Europa, retomaram esta manhã os trabalhos, sobre os quais pesa a sombra da crise do Golfo.

O chanceler alemão Helmut Kohl, cujo país aparece como o símbola da reconciliação duma Europa dividida, usará da palavra em primeiro lugar neste segundo dia dos trabalhos. Ele prometeu uma ajuda alimentar imediata ao Presidente soviético Mikhail Gorbachev, para apoiar as suas reformas.

Os dirigentes de uma vintena de países deverão também usar da palavra, antes de uma sessão largamente consagrada à situação no Golfo. A crise do Golfo, ontem evocada em vários discursos, esteve no centro do jantar que George Bush ofereceu a Gorbachev, na residência do embaixador norte-americano na capital francesa.

Os Estados Unidos, que tentam obter a adopção de uma resolução do Conselho de Segurança autorizando o uso da força contra o Iraque, parece que não conseguiram a luz verde dos soviéticos. Gorbachev, no começo do encontro com Bush, disse: «Todos nós precisamos de ter paciência».

Os dois líderes deveriam realizar uma conferência de Imprensa conjunta no termo das conversações, mas ela foi concelada sem explicações.

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, cujo destino político é hoje decidido em Londres, terá também oportunidade de falar sobre o Golfo com Mikhail Gorbachev no período da tarde. Ela manterá também um encontro com o Presidente francês, François Mitterrand.

Nos dias que antecederam a reunião de Paris, o Presidente norte-americano, George Bush, interpelou diversos líderes europeus, sondando as suas posições face ao Iraque e à eventualidade de uma acção militar contra Bagdad, tendo igualmente abordado o Presidente Mitterrand sobre a posição de Paris, no jantar privado que o chefe de Estado francês lhe ofereceu no domingo.

Por seu turno, o secretário de Estado, James Baker, tem vindo a manter contactos com diversos chefes das diplomacias presentes em Paris, sobre a crise do Golfo, nomeadamente o soviético Eduard Shevardnadze, o francês Roland Dumas e o britânico Douglas Hurd.

Os Presidentes Mitterrand, Gorbachev, Ion Iliescu, e a primeira-ministra Margaret Thatcher, durante um almoço no Palácio do Eliseu

Alerta contra novas ameaças

Os Presidentes soviético e norte-americano, ao usarem da palavra na cimeira, disseram ontem esperar um futuro sem divisões políticas, mas lançaram um alerta contra novas ameaças.

Ambos destacaram o carácter extraordinário da cimeira da CSCE e do acordo CFE (redução de armas convencionais) ontem assinado antes dela, numa cerimónia ocorrida no palácio presidencial francês.

Gorbachev declarou igualmente que a União Soviética está pronta para iniciar negociações sobre o problema das armas tácticas nucleares na Europa.

O Presidente soviético sublinhou que é preciso tomar «novas medidas de confiança global», nomeadamente prolongando as conversações de Viena sobre o desarmamento convencional e alargando o desarmamento à marinha de guerra.

Pronunciou-se também sobre o início imediato de discussões concretas sobre o «céu aberto».

Mas a primeira-ministra britânica orientou o seu discurso no sentido da manutenção de uma «defesa forte» baseada nos armamentos nucleares, para que a paz na Europa se mantenha.

O Presidente checoslovaco, Vaclav Havel, considerou por seu turno que a NATO poderá converter-se num dos pilares do novo sistema de segurança europeia.

«Se a NATO, que já provou o seu valor como garante da liberdade e da democracia, se desenvolver na base de uma segunda geração de acordos, poderia converter-se num dos pilares do novo sistema de segurança europeia», disse.

As três repúblicas bálticas (Estónia, Letónia e Lituânia) foram impedidas de participar na cimeira, aparentemente devido a pressões soviéticas. Paris autorizou-as a participar na sessão de abertura, mas retirou o convite ontem, após o almoço, face ao «veto» soviético.

As «boas intenções» de Saddam deixam o mundo desconfiado

Os Estados Unidos reforçam a defesa multinacional, como resposta à última atitude do Iraque e ao envio de mais tropas iraquianas para o Kuwait. Enquanto se fala de paz, prepara-se o terreno para a guerra.

Um facto é que de boas intenções está o mundo cheio. É o que se costuma dizer quando as promessas surgem em catadupa e depois, na prática, os resultados são outros. Saddam Hussein dá o exemplo: primeiro chama «convidados» aos reféns e diz que «sempre foram bem tratados no Iraque e no Kuwait», entretanto vai libertando-os, lentamente, até que decide deixar sair todos os ocidentais a partir do Natal e num prazo de três meses. Simultaneamente, diz que está aberto ao diálogo e encara como provável uma solução pacífica.

Tudo isto seria de louvar se, entretanto, não tivesse reforçado o seu contigente militar no emirado ocupado com mais 250 mil soldados iraquianos. Uma atitude que não foi surpreendente para os EUA, tanto mais que, o secretário de Estado James Baker, tinha considerado «cínica» a intenção de Hussein libertar todos os reféns.

O exército norte-americano, como resposta à resolução do líder iraquiano, ordenou o regresso ao serviço activo de 20 mil reservistas para apoiar a operação «Escudo do deserto», decidida por Washington após a invasão iraquiana sobre o Kuwait.

Fontes do Pentágono, que anunciaram a chamada dos 20 mil reservistas, disseram que a infantaria norte-americana enviará mais seis mil homens adicionais para o golfo Pérsico.

Quanto ao reforço militar iraquiano que, segundo a agência de informação do Iraque INA, é uma resposta ao envio dos últimos 200 mil soldados norte-americanos para a Arábia Saudita, ele é constituído por 150 mil reservistas e sete divisões do exército regugar (cerca de cem mil soldados). Estes homens irão juntar-se aos cerca de 430 mil soldados iraquianos que, segundo analistas ocidentais, já foram mobilizados para o Kuwait.

Segundo a agência INA, o comandante geral iraquiano considerou que a força multinacional «necessitará ainda de três milhões de soldados para ser tecnicamente capaz de lançar uma ofensiva contra as tropas iraquianas».

Entretanto, o ministro da Informação iraquiano afirmou que uma resolução da ONU aprovando uma ofensiva militar contra o Iraque poria em causa a anunciada libertação de todos os reféns.

Latif Nassayif Jassim disse que «se houver algum ataque durante o período da libertação, isso irá prejudicar a saída dos estrangeiros.

O ministro iraquiano criticou as reacções de Washington e Londres quanto ao anúncio da libertação dos reféns, afirmando que «os líderes norte-americanos e britânicos não querem a paz».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

«Dama de ferro» enfrenta prova de fogo

Conservadores votaram hoje novo líder para o partido, mas os resultados ainda não foram divulgados

Até ao fecho da nossa edição ainda não eram conhecidos os resultados da eleição do líder do Partido Conservador britânico, ocorrida a meio da manhã, e que decide o futuro político de Margaret Thatcher.

Uma possível vitória de Michael Heseltine, de 57 anos, afastaria Thatcher, de 65 anos, não só da liderança do Partido Conservador, como também da chefia do Governo, cargo que ocupa há 11 anos.

Apesar de Thatcher mostrar-se bem confiante, esta manhã, o processo eleitoral é complexo e pode ser necessária uma segunda volta, ou até uma terceira, antes que o resultado seja conhecido.

Para uma vitória na primeira volta, o vencedor precisava de obter o apoio da maioria dos 372 deputados conservadores e mais 15 por cento do número de votos obtidos pelo rival, ou seja 214.

Thatcher e Heseltine podem, contudo, reclamar a vitória se obtiverem algo mais do que a maioria de 187 votos, dependendo do número de abstenções.

Se não houver vencedores, os conservadores votarão de novo dia 27 e nessa altura o vencedor precisará apenas de obter a maioria simples dos 372 votos.

É numa segunda volta que podem aparecer outros desafios, já que o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Douglas Hurd, disse que se candidatava ao cargo se um resultado negativo na primeira volta forçasse Thatcher a desistir.

Michael Heseltine, rival directo de Thatcher, dirige-se para a Câmara dos Comuns

Luta pelo primeiro lugar

«Não chegou a altura de escrever a minha autobiografia. Espero continuar por muito tempo como primeira-ministra», disse Thatcher ontem, numa conferência de Imprensa, em Paris.

Perante os jornalistas e em vésperas de eleição, a batalha para a chefia do Governo britânico aumentou de tom, com Margaret Thatcher a acusar Heseltine de concorrer por ambição pessoal, enquanto este afirmava que o país está cansado do estilo autocrático da «dama de ferro».

A primeira-ministra chegou mesmo a dizer que o seu rival «aumentaria os impostos e fecharia as fontes do sector empresarial privado», e que a sua política está próxima da do Partido Trabalhista, na oposição.

Por sua vez, Heseltine, antigo ministro da Defesa que abandonou o Governo em 1986 devido a uma disputa com a «dama de ferro», disse estar em melhor posição para levar os conservadores à vitória nas eleições de hoje.

«Uma sondagem feita nos últimos dias mostrou que os eleitores crêm que a melhor forma de proteger os bons êxitos conseguidos durante a década de 80 é mudar a liderança do Partido Conservador e colocar-me nesse cargo», afirmou heseltine numa entrevista à rádio BBC.

Alguns políticos britânicos dizem que Heseltine favoreceria mais o investimento estatal, na procura de um modelo germânico ou japonês, e seria pragmático quanto ao apoio estatal à indústria.

Thatcher e Heseltine têm opiniões divergentes, sobretudo na questão da integração europeia e na política interna.

Recorde-se que a hostilidade da primeira-ministra quanto à União Monetária Europeia, levou à demissão do seu vice-primeiro-ministro, Geoffrey Howe, e despoletou a luta pela liderança do Partido Conservador.

Redacção «DL»/Lusa

BREVES

Governo Rocard escapa a moção de censura

A moção de censura apresentada ontem contra o Governo socialista de Michel Rocard pela oposição de direita com o apoio sem precedentes do Partido Comunista Francês, foi rejeitada ontem à noite por cinco votos. A moção de censura foi votada apenas por 284 deputados não conseguindo atingir a maioria absoluta de 289 votos sobre 577, necessária para a sua aprovação. Esta é a nona vez que o Governo de Michel Rocard consegue ultrapassar uma moção de censura, desde que foi eleito primeiro-ministro em 1988.

Diálogo Renamo/Frelimo regista progressos

As discussões entre os representantes do Governo moçambicano e os da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que decorrem actualmente em Roma, «registam progressos», anunciou ontem um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano. Segundo a mesma fonte, ambas as partes chegaram a acordo sobre pontos específicos da agênda de trabalhos e prosseguem agora no aprofundamento das questões ligadas aos problemas de segurança. Entretanto, um líder da Renamo disse ontem à Lusa que um acordo para a confinação das tropas do Zimbabwe nos corredores da Beira e do Limpopo poderá ser assinado na próxima semana entre a Frelimo e a sua organização.

Indianos imolam-se como protesto contra o Governo

Três jovens estudantes imolaram-se hoje pelo fogo, na Índia, para protestar contra a política do Governo que reserva mais postos de trabalho públicos para hindús de castas inferiores As jovens estudantes imolaram-se em três instalações escolares diferentes, da povoação de Jabalpur, acabando por morrer depois de terem sido transportadas para o hospital. Desde Setembro, mais de 60 pessoas, na sua maioria estudantes, cometeram tentativas de suicídio para protestar contra o plano do antigo primeiro-ministro, Vishwanath Pratap Singh.

Diálogo MPLA/UNITA

Savimbi estende a mão a Luanda

O presidente da UNITA, Jonas Savimbi, admitiu ontem em Paris uma maior flexibilidade do seu movimento nas negociações para a paz em Angola e manifestou confiança no seu éxito e na obtenção de um cessar-fogo. Savimbi, que se econtrou na capital francesa com personalidades ligadas ao processo de paz como o primeiro-ministro Anibal Cavaco Silva e o secretário de Estado norte-americano, James Baker, declarou, numa entrevista concedida à France Presse, que «se o cessar-fogo não é assinado na quinta ronda de negociações», ainda a decorrer no Estoril, «se-lo-á o mais tardar em Janeiro». Interrogado sobre se a UNITA tinha assim admitido o princípio de cedência nas conversações para favorecer o progresso destas, Savimbi respondeu lançando um claro aviso: «negociar é ceder e receber. Estamos em posição de ceder porque havemos de receber». Estas palavras de Savimbi e o seu encontro com Cavaco Silva, em Paris, é interpretado como uma contribuição significativa para o avanço das conversações de paz, quando as posições das partes angolanas pareciam dificilmente conciliáveis. Ontem, de facto, o resultado das negociações parecia inclinar-se mais uma vez para o impasse, quando a UNITA acusou o MPLA de se furtar a discutir o cessar-fogo e de se preocupar exclusivamente com a formação do exército único, condição considerada essencial pelo Governo de Luanda para atender à exigência da UNITA: o reconhecimento do movimento rebelde como partido da oposição. O Governo de Luanda, por seu turno, considerou que o próprio facto de participar com a UNITA nas negociações em curso constitui já um reconhecimento do movimento enquanto grupo de oposição.

Duplamente desmentidos, por Jonas Savimbi e por Durão Barroso, os rumores de que Portugal poderia abandonar o papel de mediador no processo de paz, a quinta ronda de conversações entra hoje no seu quinto dia, não havendo previsão sobre a data da divulgação do comunicado final.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

SECRETARIA DE ESTADO DAS PESCAS

PRESENTE NA

EXPOMAR - 90

DE 21 a 25 DE NOVEMBRO NA FIL

CONVIDA OS AGENTES ECONOMICOS, PROFISSIONAIS DO SECTOR E O PUBLICO A VISITAR ESTA FEIRA SOBRE O MAR E AS PESCAS

DIA 21 * INAUGURAÇÃO DA FEIRA
22 * COLOQUIO S/COOPERAÇÃO COM OS PALOP'S NO DOMINIO DAS PESCAS - COM A PARTICIPAÇÃO DOS RESPECTIVOS MINISTROS DAS PESCAS - 11:00 HORAS
23 * COLOQUIO S/CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS - 15:00 HORAS
24 e 25 * LOTAS AO VIVO

BOLSA DE ENCONTROS COM OS PALOP'S — DIA 23 NA FIL TEL: 362 01 30

QUOTIDIANO

Técnicos do Estado suspendem greve

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE) decidiu suspender a greve marcada para hoje e aguardar as negociações com o Governo.

A decisão do STE surgiu na sequência de uma reunião, ontem, com a secretária de Estado do Orçamento, na qual «o Governo se dispôs a repensar o número de anos para o descongelamento de dois escalões remuneratórios desde Janeiro de 1991(a anterior proposta era de oito e 18 anos para o descongelamento de mais um e mais dois escalões)», explica o sindicato em comunicado.

De acordo com o comunicado, o Governo está também disposto a recuperar as pensões e a dar resposta às reivindicações do sindicato relacionadas com formação profissional.

Na enterior reunião negocial, o Governo propôs aumentos salariais de 13,5 por cento, que o STE não aceitou. Segundo a estrutura, para além da questão salarial, outras «muito importantes» estavam em causa, que o levaram a convocar uma greve para hoje.

Também a comissão negociadora da Plataforma Reivindicativa para a Administração Pública tinha agendado para hoje uma greve, que suspendeu após o Governo entregar uma nova proposta salarial de 13,5 por cento para o sector.

Dois empresários disputam ilha paradisíaca do Tejo

Ainda há lá patos e peixe em fartura. A venda deste recanto privado está iminente

A Ilha do Rato, situada em frente a Lisboa, deverá ser transaccionada esta semana, revelou o seu proprietário, João Carmona e Silva, à agência Lusa. Dois empresários, ambos portugueses, mostram-se interessados em assinar o respectivo contrato de venda, estando um deles ligado a um grupo de empresas e o agindo o outro em nome individual.

O actual propreitário da ilha privada recusa-se a revelar os nomes dos possíveis compradores. Afirma ignorar os projectos para a ilha. O valor do negócio também é mantido em segredo; sabe-se apenas que a base de licitação monta a 68 mil contos.

A Ilha do Rato, situada frente à Base Aérea do Montijo e da praia da Barra-a-Barra, no concelho do Barreiro, tem uma área de sete hectares, com uma pequena praia de rio, sendo a vegetação predominante composta por pequenos arbustos.

Na pequena ilha podem ainda ver-se ruinas de três casas e os esteiros criados para a cultura de ostras e para a reprodução de linguados, robalos e enguias.

Um antigo operário nas culturas das ostras da ilha disse que a degradação e o abandono que aí são visíveis começaram há cerca de 20 anos com a saída do caseiro da propriedade, o que aconteceu nos últimos tempos da cultura das ostras no Tejo.

Desde então, a Ilha do Rato tem estado à mercê de «vândalos» que pilharam e destruiram as casas, cortaram árvores e poluiram o terreno, acrescentou.

O referido operário, José Soares Pedro, conhecido por Zé Bandeira, disse ainda que apesar de tudo isso, durante o Verão «há ainda muita gente que vem de barco de Lisboa e de outros lugares, para visitar a ilha». Muitos dormem mesmo lá. Há também casais de namorados que a frequentam e que gravam corações e mensagens amorosas nas paredes das ruinas.

Neste «paraíso» do Tejo, onde ainda é possível ver e caçar patos durante o Verão, quando a água está quente, «nem é preciso pescar», pois os peixes «até saltam para dentro do barco».

BREVES

Lisboa a meio da tabela em condições de vida

A capital portuguesa surge em 41º lugar numa lista de 98 grandes cidades com melhores condiçõers de vida, divulgada pela agência norte-americana Associeted Press. Esta classificação, concedida *ex-aequo* com Ancara, na Turquia, e Katowice, Byton e Gliwice, na Polónia, teve em conta parâmetros como fornecimento de água e energia, saneamentos básicos e transportes.

Gastronomia soviética tenta lisboetas

Vai decorrer de amanhã a 1 de Dezembro, na Brasserie des Amis do Hotel Meridien, em Lisboa, uma Semana Gastronómica e Cultural da URSS. Durante este período será apresentado um *buffet* de pratos típicos confeccionados pelos chefes Zourab Dolidze e Badry Martiashvili, vindos da Geórgia para o efeito. Servido por empregados envergando trajes típicos da URSS, o *buffet* apresentará todos os dias pratos diferentes, mantendo diariamente as especialidades com caviar preto e vermelho.

Colisão com camião-cisterna provoca uma morte

O comboio que ontem colidiu com o camião-cisterna na passagem de nível do Penteado, Pinhal Novo, causou um vítima mortal, o condutor do camião, Joaquim Alberto Caeiro Barrigó, de 53 anos, que teve morte imediata. A informação prestada inicialmente pela CP pelo «DL» negava a existência de vítimas, o que explica a notícia por nós ontem publicada. A viatura sinistrada era propriedade da Cooperativa Agrícola de Produtores de Leite de Évora.

Rádio Marginal festeja aniversário

Festeja hoje o seu primeiro aniversário de actividade oficial a Rádio Marginal, uma presença conhecida nas frequências da linha do Estoril. Dada a conhecer em 1984, quando iniciou a emissão ainda como rádio «pirata», a Marginal promove na noite de hoje uma festa na discoteca Louvre, no Estoril.

LOTARIA POPULAR

1º - 465903	3 000 000$00
2º - 280225	1 000 000$00
3º - 334272	500 000$00
4º - 412162	250 000$00
Terminações em 5903	85 000$00
Terminações em 903	60 000$00
Terminações em 225	10 000$00
Terminações em 272	3 500$00
Terminações em 162	1 500$00
Terminações em 00,42,46,49,50,77 e 79	500$00

Sampaio faz balanço de prevenção da droga

Rui Pecheco

Jorge Sampaio: «Trabalho realizado constitui estímulo para continuarmos»

«A vocação das autarquias para o trabalho preventivo no campo da toxicodependência é essencial e demasiado sério para andar ao sabor de efeitos fáceis ou de calendários eleitorais», referiu, esta manhã, Jorge Sampaio, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no discurso de abertura do 1º Encontro de Avaliação de Projectos de Prevenção de Toxicodependência da Câmara Municipal de Lisboa.

O encontro, que contou com a presença e intervenção de vários especialistas e de responsáveis das 19 freguesias envolvidas no Plano Municipal de Prevenção da Toxicodependência, pretendeu avaliar o trabalho realizado desde Abril do corrente ano.

Com um orçamento de 42 mil contos e envolvendo cerca de 60 trabalhadores da CML, o Plano visa o empenhamento dos jovens e das comunidades locais nos projectos preventivos, a coordenação desta acção com os serviços nacionais de prevenção à toxicodependência, a participação de empresas que, ao abrigo do mecenato cultural, financiam parte dos projectos e a avaliação científica dos resultados pela Faculdade de Psicologia do Porto.

A mensagem do Plano, «Contigo Vais Longe», pretende reforçar a ideia de que «o caminho sério é criar condições para que os projectos juvenis, que são muitos e criativos, possam ter condições de realização.

É esta facilitação da auto-organização dos jovens que conduzirá ao reforço da sua auto-estima, tão necessária nesta fase do seu ciclo vital», afirmou Jorge Sampaio.

Sindicatos independentes querem ter voz

«Não aceitamos *lobbies* na Concertação Social», afirmou o coordenador da Convenção Sindical Independente (CSI), cujos corpos gerentes tomaram ontem posse.

João de Deus deixou claro que o «objectivo estratégico» da CSI é a sua participação no actual Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS) ou no futuro Conselho Económico e Social. «Representamos um movimento sindical de 500 mil trabalhadores e temos já entre nós 200 mil. Não é possível que no CPCS se rejeite a palavra destes trabalhadores», criticou o coordenador da nova estrutura referindo-se ao facto do Acordo Económico e Social (AES) assinado entre o Governo e alguns parceiros sociais apontar para a manutenção da constuituição daquele órgão.

«Fomos praticamente saneados da concertação social. Só exigimos que a regulamentação que fizeram para a UGT e para a CGTP nos seja também aplicada», disse ainda João de Deus.

Representando mais de três dezenas de sindicatos, a Convenção Sindical Independente espera «até ao fim de Dezembro a adesão de mais três sindicatos e mais quatro durante o primeiro trimestre» do próximo ano, entre os quais «alguns que estão filiados na UGT».

Afirmando-se «autónoma dos partidos políticos, do Governo e do patronato», a CSI tem visto dificultado o seu reconhecimento em vários sectores. Segundo o seu coordenador, tanto a UGT como a CIP e a CCP a ignoram ostensivamente; a CAP enviou uma missiva na qual refere claramente que não pode receber os membros da organização devido ao acordo existente entre os parceiros sociais, e apenas com a CGTP tem sido possível «a troca de correspondência». A nível governamental já reuniram com responsáveis das pastas do Emprego e Finanças, mas até ao momento não conseguiram qualquer contacto com o gabinete do priemiro-ministro.

Tendo na sua direcção vários sindicalistas conotados com o PSD (alguns dos quais membros dos TSD), a CSI tem algumas posições próximas das da CGTP: reclama aumentos salariais na ordem dos 18 por cento, e quanto ao Acordo Económico e Social afirma que «satisfaz algumas das reivindicações dos trabalhadores, mas tem também aspectos negativos».

O possibilidade de despedimento por inadaptação do trabalhador , a deficiente protecção aos sindicalistas e a insuficiência de mecanismos que permitam a recuperação do poder de compra são, segundo João de Deus, os aspectos mais gravosos do Acordo.

E. A.

QUOTIDIANO

CORPORE SANO

Os problemas da ejaculação «precoce» no homem e do vaginismo na mulher

Patologias do desejo

A «patologia do desejo» mais conhecida do grande público é certamente a ejaculação «precoce». Podemos interrogar-nos à partida sobre esta aberração terminológica, porquanto ela não tem nada de precoce nem de prodigioso. Trata-se de uma ejaculação prematura, aquela que ocorre em menos de 10 segundos, enquanto que o homem estaria geneticamente programado para ejacular em 20/30 segundos.

Do mal em questão sofreria um francês em dois e quase um português em cada um. Não situarei aqui as etiologias e prognósticos clínicos nem as problemáticas, por vezes complexas, cuja determinação se inscreve na trajectória e na história afectiva e libidinal de cada indivíduo. Referirei somente alguns dos parâmetros de reflexão ou modelos de referência:

Não se trata só neste caso de um problema de ejaculação mas de posicionamento em relação ao parceiro sexual e em relação a si próprio e aqui há que falar de educação sexual, embora o termo possa chocar.

Em primeiro lugar, as problemáticas devem ser relativizadas, em termos culturais: nas comunidades magrebinas da África do Norte, a ejaculação prematura é sinónimo de virilidade. Como vemos, não é só no âmbito da continentalidade geográfica (Europa/África), da confissão religiosa (Cristo/Maomé) e da língua (língua latina/língua árabe) que delas nos diferenciamos culturalmente. Mas, sobretudo, há que modificar a percepção do sexo, do nosso e do outro, fruto de pesada herança ligada às angústias do «fracasso».

Na ejaculação prematura, bem como noutras patologias do desejo, tais como a impotência sexual, a dificuldade de erecção ou o vaginismo, há que considerar outros valores e perspectivas: não se deve confundir penetração, consumismo ejaculatório com sexualidade, dado que esta é bem mais rica, centrada na relação ao outro. Da sexualidade participa o sexo mas também o olhar, o cheiro, a carícia, o corpo inteiro e seus fantasmas, os jogos preliminares e a devoração lúdica. Aquilo a que se poderia chamar «termos canibalismos». Pela boca passam os alimentos e a palavra mas também as coisas de amor. Já em 1915 Freud tinha chamado a atenção sobre «uma primeira organização pregenital, que é aquela a que chamaremos oral», fase que coincide com os primeiros passos da sexualidade infantil, período durante o qual o prazer fundamental está na mamada. Não se deve pois confundir sexo e sexualidade, instrumento e finalidade. Os velhos, nunca é demais afirmá-lo, embora com um sexo cada vez menos activo, continuam no entanto com uma sexualidade bem viva, embora reprimida. O que a minha passagem nos asilos hospitalares onde trabalhei e em geriatria só veio confirmar.

Também não creio que nesta matéria de ejaculação prematura se trate de controlar a excitação sexual e o desejo, mas sim de lhes conferir um outro estatuto, de gerir de outro modo a libido. Por vezes, torna-se necessário «esquecer» seu sexo de modo a poder integrar uma sexualidade mais rica.

Tomemos agora o caso clínico do vaginismo na mulher, afecção que consiste fundamentalmente numa contracção involuntária, espasmódica e dolorosa da vagina, impedindo a penetração. Pode ser primário, o qual aparece logo na primeira relação sexual ou secundário, se se instaura tardiamente. As causas são múltiplas: incapacidade do outro em fazer partilhar à parceira seu prazer, dificuldades ou desentendimentos familiares, abusos sexuais de que a paciente foi vítima, uma educação demasiado repressiva ou rígida. A adolescente, a mulher, pode com efeito recear o acto sexual, visto como impuro ou perigoso. Há pacientes que têm a sensação de que sua vagina é algo de sujo ou feio. Ora, é possível «dialogar» de outro modo com seu sexo, modificar a percepção das coisas, agir sobre a musculatura vaginal, «gerir» de outro modo os músculos do orgasmo. É possível ao terapeuta induzir a mudança de modo a que, nomeadamente, o sexo da paciente possa ser visto como superfície de comunicação e de troca, como território privilegiado de diálogo. Neste registo, as técnicas hipnoterapêuticas revelam-se particularmente indicadas no sentido de favorecer a integração de novas percepções e permitir um diferente posicionamento relativamente ao parceiro sexual.

António Branquinho Pequeno

Dentes como pérolas

O tratamento para restituir à dentadura a sua beleza é simples. Mas convém não menosprezar algumas regras

Tez bronzeada, sorriso esplendoroso: os ideais e preocupações estéticas fizeram aumentar o número de candidatos ao «branqueamento» dos dentes. O avanço das novas técnicas, incluindo a possibilidade de realizar essa operação em casa, com custos muito menores, contribuiu, sem dúvida, para lançar a moda. Pelo menos foi essa a conclusão a que chegaram os especialistas reunidos num colóquio que se reaaliza, todos os anos, na Faculdade de Estomatologia de Garancière (França).

Os dentes apresentam, por vezes, uma coloração desagradável; ficam escuros ou amarelecidos. Várias causas, patológicas ou não, explicam o fenómeno: o tabaco, ou a acumulação de bactérias na placa dentária, podem ser responsáveis por uma coloração superficial inestética. E, de modo geral, o brilho e a brancura dos dentes também se alteram com o passar dos anos. Em termos patológicos, o recurso às tetraciclinas figura entre as principais causas. Durante as décadas de 50 e 60, a prática generalizada de receitar esses antibióticos às crianças e às grávidas, ou a mulheres que amamentavam - o produto é transmitido através da placenta ou do leite materno -, provocou colorações anormais. Felizmente, desde o fim dos anos 60, descobriu-se que as tetraciclinas eram contra-indicadas nos casos referidos - assim como para crianças com menos de oito anos -, mas gerações inteiras conservam a sua marca.

Existem duas técnicas para tornar a dentadura mais alva, conforme sejam aplicadas no consultório de estomatologia ou em casa. «Em qualquer dos casos, é indispensável preparar os dentes, removendo cuidadosamente o tártaro e seguindo uma higiene rigorosa» - explica o dr. Alain Bery, que presidiu ao colóquio de Garancière. A técnica praticada no consultório utiliza concentrações especiais de água oxigenada, cujo princípio activo é o peróxido de hidrogénio. A acção oxidante do produto aplicado sobre os dentes é intensificada por uma lâmpada de aquecimento ou por um gerador, consoante o método escolhido. Esta técnica, cuja aplicação é longa e complexa, exige sessões prolongadas de, pelo menos, uma hora. Oito a dez consultas, em média, serão necessárias para obter resultados satisfatórios. O que, sem dúvida, sai caro.

A técnica de branqueamento no domicílio é muito menos dispendiosa que a praticada pelo estomatologista. Mas exige, também, vigilância médica

As técnicas de «branqueamento ao domicílio» têm, em contrapartida, a vantagem de serem muito menos dispendiosas. Demoram entre três a seis semanas. Mas é necessária grande cautela para não exagerar, pois «um branqueamento excessivo pode pôr em evidência defeitos que não se notavam antes» - previne o dr. Bery. Também neste método, recorre-se ao peróxido de hidrogénio, mas em doses menos concentradas, ou ao peróxido de carbamida, um outro produto de oxidação. O tratamento em casa é, sobretudo, aconselhável para os casos em que os dentes estão superficialmente manchados. As «colorações mais profundas», como as que foram provocadas pelas tetraciclinas, devem ser combatidas pelo estomatologista.

O método caseiro - que apenas necessita de vigilância médica semanal - é simples. O dentista fornece o material necessário, um «conta-gotas» especial que se adapta à dentição, assim como um produto activo, do qual basta aplicar três gotinhas por cada sessão. Mas atenção: durante o tratamento e nas três semanas seguintes, devem-se seguir algumas regras para não comprometer os resultados. Ou seja, abster-se dos cigarros, do chá e do café, ou de frutos de cor vermelha.

Este tipo de tratamento também não deve ser seguido por menores de 18 anos, cuja dentição ainda não está completamente formada. De resto, não apresenta quaisquer inconvenientes para o esmalte dentário. Único «senão»: segundo os especialistas, os candidatos aos «dentes como pérolas» devem repetir a operação passados quatro a cinco anos.

Exclusivo «Le Monde»/DL
Trad. e adapt. de Isabel Joyce

Desleixo favorece tuberculose

Portugal é o país da Europa comunitária onde a tuberculose tem maior incidência. Uma das razões apontadas para este facto reside no desleixo dos pacientes que não têm paciência para levar o tratamento até ao fim.

De acordo com as estatísticas, o ano passado, 29 por cento dos doentes abandonaram o tratamento antes da cura. Resultado: nos seis meses seguintes, a grande maioria teve uma recaída. E ao apresentarem-se de novo nos serviços de saúde são assinalados como nos doentes, fazendo assim aumentar os valores das estatíticas.

A tuberculose denota crescimento nas regiões subdesenvolvidas. Na Noruega e Suécia, pelo contrário, a doença já foi dominada.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!*

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO — 18 000$00
6 MESES — 9 000$00
3 MESES — 4 500$00
1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

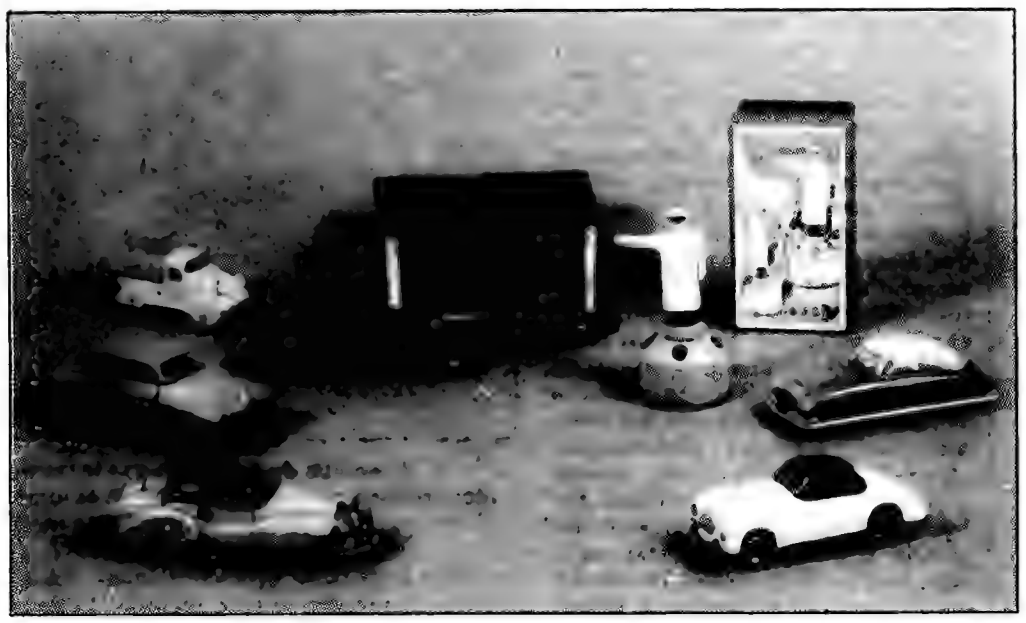
Junto envio ☐ cheque vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacnal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Já foram brinquedos. Mas, ao que parece, foram pouco usados. Continuam em bom estado e, imagine-se, as cordas ainda funcionam. Tornaram-se antiguidades que custam pequenas fortunas. Vão ser leiloados amanhã e quinta-feira no Palácio do Correio-Velho

A magia da corda e da lata pintada



Polícia sinaleiro dos anos 40, em plenas funções. Para além da antiguidade do boneco, a curiosidade de subsistir a caixa de origem

É um polícia sinaleiro com corda. Na sua rua não há engarrafamentos nem vidros partidos. Manda avançar o trânsito da direita e, na base, cai o sinal vermelho para os que vêm de frente. É um boneco dos anos 40, da Schuco, parte de uma colecção de brinquedos, hoje em exposição, que vai ser leiloada amanhã e quinta-feira, no Palácio do Correio-Mor. O preço estimativo desta preciosidade é 30 mil escudos. Mas, há peças que podem ultrapassar o meio milhar de contos.

A sociedade Palácio do Correio-Velho apresenta este leilão como «o primeiro do género em Portugal». Luís Castelo Lopes, um dos autores do catálogo da colecção, justifica a iniciativa pela adesão das pessoas quando, em Abril, apresentaram alguns brinquedos numa exposição de antiguidades.

«Este género, sendo mais específico, tem suscitado interesse junto dos coleccionadores e dos comerciantes. No caso presente, a afluência de público já ultrapassou as nossas expectativas», referiu ao «DL», aquele especialista.

«Pensamos que os brinquedos em lata e de corda são os que vão ter mais sucesso. Porque são aqueles que se estragam mais e têm maior procura», acrescenta Luís Castelo Lopes.

Do conjunto destacam-se os barcos de corda com caixa de origem, marca Hornby-Mecanno, anos 30 e 40, e os carros da Schuco, fabricados nas décadas 30, 40 e 50.

Os primeiros distinguem-se pela velocidade. Preparados para a competição, em cor azul e verde, têm preços entre 50 e cem mil escudos. O modelo de luxo é o «Coronation» que ainda conserva a embalagem de origem.

Os brinquedos da Schuco, para além da qualidade de fabrico, têm a particularidade de serem construídos na zona americana da Alemanha Ocidental. Destes, temos o polícia sinaleiro e os automóveis miniatura. Os mais antigos são o carro de corda, com caixa e pinos, primeira versão, anterior à Segunda Guerra Mundial e o Ferrari, modelo 1070, Grande Prémio Racer, anos 40, ambos avaliados entre 20 e 30 contos.

O modelo mais «velhinho» está preparado para fazer gincanas, o mesmo acontecendo com o carro de bombeiros com escada magirus, bonecos e restante equipamento, a peça mais cara da marca, que pode atingir os 80 mil escudos.

Com o mesmo preço que a peça anterior, mas mais antigo, destaca-se um submarino fabricado na Baviera que, cheio de água, vai ao fundo e sobe à superfície (1920).

De toda a colecção existem, também, peças que se distinguem pelo pormenor das suas funções. Por exemplo, o carro «maluco» que dá voltas e viravoltas sem o condutor cair (1950). No fundo, é um veículo de acrobacias, exemplo da produção inicial alemã de brinquedos em plástico.

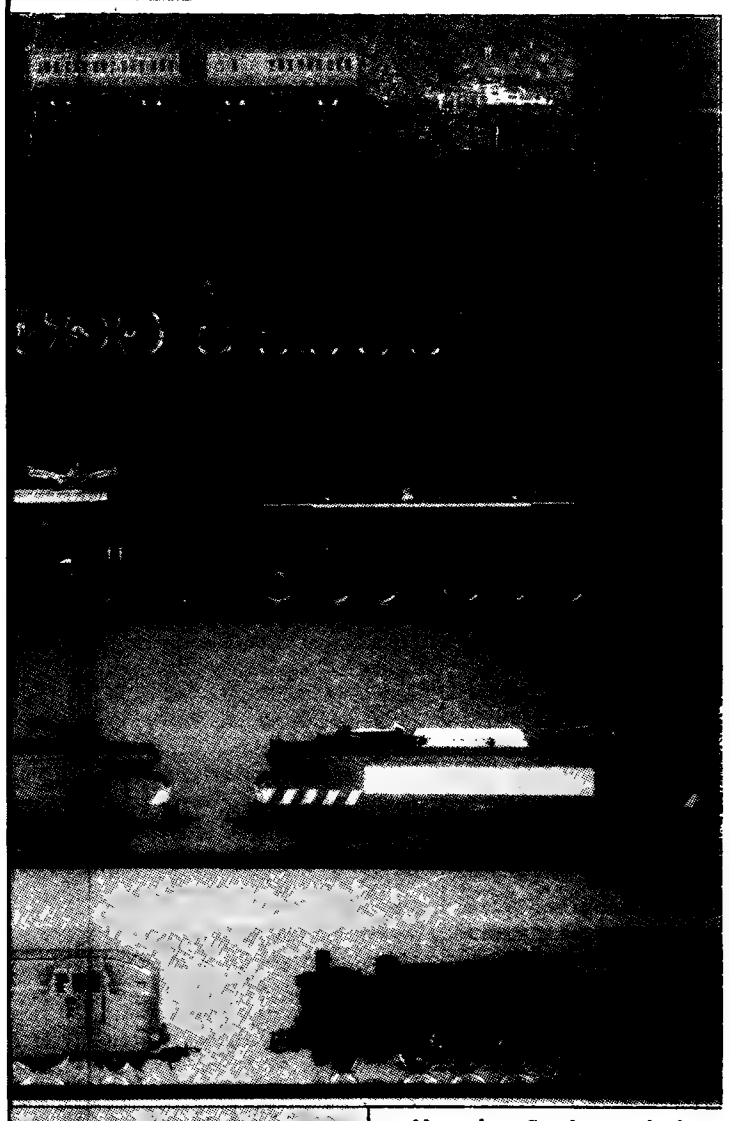
Grande parte da colecção é constituída por réplicas de comboios eléctricos. Existem mais de duas mil peças de marcas bem conhecidas, entre elas Marklin, Pocher,

A valia destes barcos reside no material de fabrico, metal, e n de conservação

Fogão eléctrico em ferro esmaltado, com duas chapas e forno. Modelo produzido pela fábrica americana Lionel

Audi 2, autêntica máquina de velocidade. Apenas o brinquedo não causou estragos

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Na colecção de comboios, parte significativa da exposição, podemos ver duas locomotivas dos caminhos de ferro portugueses (anos 60) ainda em circulação

...metal, e no seu bom estado

Fleischemann e Rocco. Um grande conjunto de acessórios de linha e maqueta acompanham estas peças.

Deste conjunto destaca-se a locomotiva «Corcodilo» dos Caminhos de Ferro Suícos, Marklin, anos 60, com um valor estimado de 100 contos. Os comboios desta marca alemã (anos 60) são os mais apreciados, por aparecerem pouco no mercado.

É, aliás, daquele fabricante o elemento mais caro, entre 450 e 550 mil escudos. Trata-se de uma maqueta de *remise* electrificada, construída para ser ligada a qualquer outra da marca. Tem oficinas de assistência a composições a vapor, com placa rotativa metálica de origem, iluminação e sinais.

Entre os objectos mais caros e raros, salientam-se o automóvel Audi e o Zeppelin de brinquedo, «Hindenburg», de folha e corda, anos 30. Este último, apesar de ter defeitos, pode atingir os 200 contos.

Apesar do grande número de viaturas, existem outros elementos a suscitar o interesse geral. Estamos a falar da colecção de casinhas. O objectivo dos organizadores é a venda individual de peças para a construção de maquetas. Estas podem ser encaixadas e dar lugar a uma pequena vila, por exemplo.

De referir, também, o pequeno lote de bonecas, uma delas mantendo, ainda, todo o seu guarda roupa, onde não falta o corpete e saiote. De realçar, ainda, os serviços de brincar, entre os quais, um conjunto de pratos e travessas em porcelana, decorado com figuras do Walt Disney.

Nesta exposição não faltam os bonecos de chumbo. São cerca de duas mil e 800 peças, algumas delas pintadas, divididas em lotes. O lote de 25 figuras do exército alemão, representando nove soldados em parada, dez maiores com instrumentos, cinco porta-bandeira e um oficial, pintados, pode custar entre os sete e os 15 mil escudos. Como curiosidade, refira-se que apenas vimos um brinquedo fabricado em Portugal. Por mais que folheásse-mos o catálogo, só descobrimos, entre as peças que refe-rem a origem, um pequeno automóvel metálico de ma-nufactura artesanal, dos anos 40. Tem um preço estimado entre os 10 e os 20 mil escudos. Mesmos as miniaturas das locomotivas eléctricas dos Caminhos de Ferro Portugueses são da empresa italiana Lima.

Céu Neves

Objectos a advinhar a «era electrónica»

Na época, foram apresentados como grandes avanços da tecnologia. Um era o carro mais veloz, o outro, um sofisticado fogão eléctrico para facilitar o trabalho doméstico. O primeiro, veio da Alemanha, o segundo, da América. Com sucesso diferente no tamanho real, tornaram-se pequenas maravilhas em miniatura.

Nos anos 30, o carro de corrida Audi nº2, era o mais rápido. Atingia velocidades nunca conseguidas até então. Tinha apenas dois problemas: os travões não possuiam a potência adequada para aquela velocidade e os pneus não eram suficientemente resistentes. Os automóveis seguiam, assim, em frente nas curvas ou iam bater contra quem menos se esperava. Os pneus estavam constantemente a rebentar. A fábrica acabou com este modelo, optando por carros menos velozes, mas mais seguros.

Hoje, resta-nos o pequeno brinquedo, bem bonito por sinal, que é um dos mais caros e raros da colecção. O valor estimado varia entre os 200 e os 250 contos.

O fogão eléctrico teve mais êxito. É um modelo em esmalte, com duas chapas e forno. Pensado ao pormenor, tem um termómetro na porta para controlar a temperatura interior.

Esta miniatura, o número 455 da Lionel Corporation, de New York, ainda funciona. Para isso, basta ligá-la a uma corrente de 110-115 *volts* . Poderá custar entre os cem e 150 mil escudos.

A fábrica americana Lionel acabou por se especializar em comboios para uso doméstico. São réplicas das verdadeiras locomotivas que as pessoas podem comprar para conduzir nos jardins de suas casas.

Assim, os amantes deste meio de transporte podem adquirir um modelo mais pequeno daqueles que circulam nos caminhos de ferro. São práticos, suficientemente grandes para levar alguns passageiros e não ocupam muito espaço. É caso para perguntar: o que é que irão inventar a seguir?

C. N.

Investigação e risco na arte de leiloar

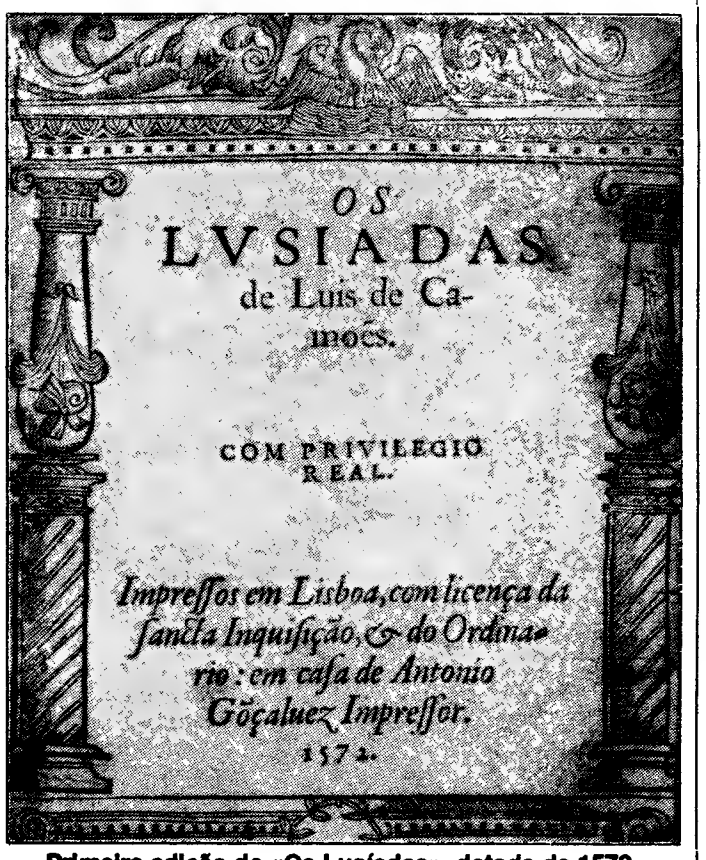
Tem sido fácil à sociedade comercial de leilões, SA. - Palácio do Correio-Velho penetrar no mercado. Com pouco mais de um ano de actividade, o leilão de brinquedos é um risco para quem negocia habitualmente em livros e antiguidades. Das transacções efectuadas, o lugar de honra é ocupado pela venda da primeira edição de «Os Lusíadas» (1572), comentada por Manoel Correa. Foi vendido por cinco mil e 500 contos. Mas, os leiloeiros não referem lucros, apenas falam no interesse do público.

«Tentamos dar uma informação muito completa sobre as peças. Fazemos um grande trabalho de investigação. Por outo lado, procurámos ter um contacto muito próximo com as pessoas. Por isso, têm vindo ter connosco», diz-nos Luís Castelo Lopes, um dos investigadores da sociedade.

Agora, noutra edição de «Os Lusíadas» aparece a biografia de Camões, por Pedro Mariz, na qual, «pela primeira vez, se fala na tradição dos seus amores no Paço da Rainha». É a terceira edição desta obra a ser publicada no século XVII. O valor estimado para licitação variava entre 300 e 400 mil escudos.

«Desde 1920 que não se vendia uma primeira edição dos Lusíadas», comenta Luís Castelo Lopes. Em Abril, deste ano, foi também vendida uma raridade: um tinteiro português do século XVII que rendeu cerca de nove mil contos.

Aquele especialista acrescenta outros triunfos. «Conseguimos trazer a biblioteca dos reis D. Carlos I e D. Manuel II. Aliás, fizemos várias vendas especiais ao Palácio da Ajuda, à Torre do Tombo e à Biblioteca Nacional, entre outros». Apresentam-se, ainda, como os únicos a ter todo o sistema informatizado.


OS
LVSIADAS
de Luis de Camões.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor.

1572.

Primeira edição de «Os Lusíadas», datada de 1572, que rendeu cinco mil e 500 contos

C. N.

QUOTIDIANO

Sindep exige demissão de Carneiro

A falta de cumprimento do acordado em 1989 entre Governo e sindicatos de professores pode levar o Estado português a tribunal

A demissão do ministro da Educação, como «única saída para fazer honrar a sua palavra», foi ontem exigida pelo secretário-geral do Sindicato Democrático dos Professaores (Sindep), que ameaçou já o Governo de um eventual procedimento judicial contra o Estado português caso não venham a ser cumpridas certas disposições acordadas com os sindicatos do sector docente, em Dezembro de 1989.

Em causa está a «recusa» do Ministro das Finanças em assinar uma portaria na qual seria recuperado o tempo de serviço dos docentes na transição da antiga para a nova carreira, matéria consagrada no decreto-lei que estabelece o novo estatuto de carreira docente dos ensinos básico e secundário e da educação pré-escolar.

«Inaceitável» foi como Carlos Chagas classificou o procedimento do Executivo que, como recordou em declarações ao «DL», «comprometeu-se», em reunião entre o primeiro-ministro e a UGT (estrutura a que o Sindep pertence), a publicar aquela portaria dentro de 180 dias - prazo que termina no próximo dia 2 de Dezembro.

«No nosso entender e de acordo com os dados de que dispomos- sublinhou o secretário-geral do Sindicato Democrático dos Professores ao «DL» - o ministro das Finanças não vai assinar nenhum documento», situação que, considerou, é «incrível» num Estado de Direito como o nosso: a recusa dum ministro perante aquilo que foi negociado por outro ministro e um parceiro social, com a aquiescência do primeiro-ministro.

E é a falta de cumprimento desse «acordo solene, já traduzido em legislação» que leva o Sindep a tomar posição relativamente à necessidade de ser «reposta a necessária justiça»: a demissão de Roberto Carneiro para a «dignificação de um homem público nas suas relações com os parceiros sociais», e a indemnização de todos os docentes pelos prejuízos monetários acarretados pelo «imcumprimento da lei». Para tal, o Sindep afirma que fará dar entrada no Supremo Tribunal Administrativo, na primeira quinzena de Dezembro, um pedido de indemnizações para os docentes que, numa «base colectiva», ascenderá a vários milhões de contos.

Segundo Carlos Chagas afirmou ao «DL», a não entrada em vigor da portaria regulamentadora da contagem integral do tempo de serviço prejudica os professores em cerca de 10 e 12 anos de carreira, não sendo remunerados de acordo com o novo estatuto.

Mas o procedimento judicial contra o Estado português pode ir mais longe e dar entrada no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

Isto, no entanto, não invalida a tomada de formas de luta que poderão levar, segundo o Sindep, à paralisação do ano escolar.

Carlos Chagas disposto a levar a situação dos professores portugueses ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem

De acordo com Carlos Chagas, o Sindep estuda já a possibilidade de uma «paralisação de toda a classe docente» na primeira quinzena de Dezembro, naquela que, espera, venha a ser uma «acção concertada» entre esta estrutura, a Fenprof e a FNE.

Recorde-se que o Secretariado Nacional da Fenprof manifestou já a sua disponibilidade para a realização de uma greve geral nos próximos dias 6 e 7 de Dezembro.

A «traição da boa fé negocial dos professores» leva o Sindep a perspectivar também a possibilidade de «total paralisação do ano escolar» durante os 2º e 3º períodos lectivos.

«Temos consciência dos prejuízos que tal situação causará aos alunos, pais e população em geral», afirmou Carlos Chagas. No entanto, acrescentou, «não se pode continuar a admitir que o Estado exija o cumprimento da lei aos seus cidadãos quando ele próprio pretende não cumprir uma da sua autoria».

Este é, aliás, «mais um exemplo do estado de degradação» a que chegou o sistema de ensino nacional.

De acordo com o secretário-geral do Sindep, as verbas reais do Ministério da Educação continuam a ser «insuficientes» para edificar a «educação a que os cidadãos têm direito».

«A guerra entre Ministérios leva à não realização daquilo que são, verdadeiramente, as prioridades nacionais. Escolas a fechar, inundadas de problemas por falta de verbas são cada vez mais, falta dinheiro para a formação de docentes e este é o quadro em que se quer fazer implantar a reforma do sistema educativo. A verdade é que os alunos vão ser cobaias duma reforma que se empola, mas que não há dinheiro para fazer vingar».

M. A. M.

A Totogest e o Banco de Portugal

Relativamente à notícia publicada na nossa edição de sexta-feira passada, sob o título «Totogest acusa Banco de Portugal de tomar medidas ilegais», recebemos uma mensagem desta empresa em que se afirma que o seu director-geral mencionou, em declarações prestadas ao «DL», «ataques de *lobby* ou *lobbies*, mas sem nunca se referir, neste contexto, ao Banco de Portugal».

Na mensagem, diz-se ainda que, relativamente ao pedido feito pela empresa para que seja feita uma auditoria a todos os grupos, a mesma «foi solicitada à Inspecção-Geral de Finanças pelo simples facto de a gerência da Totogest julgar ser esta a entidade mais idónea para proceder à referida auditoria e não por ter qualquer tipo de desconfiança relativamente ao Banco de Portugal».

A notícia em questão fazia saber que a Totogest, empresa de compras em grupo, enviara quinta-feira uma exposição ao ministro das Finanças, em que acusava o Banco de Portugal de a ter prejudicado ao estabelecer «unilateral e ilegalmente» medidas que implicavam unilateralmente a usurpação da sua actividade.

CONCERTOS

Modernidade e Tradição

Ciclo Luiz de Freitas Branco

QUARTA-FEIRA

NOVEMBRO 21h30

Obras de
Désiré Pâque e Fernando Azevedo da Silva

ESTÚDIO A — Rua do Quelhas 2
ENTRADA LIVRE

RDP antena2

Design MJF

MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL N.º 95/90
Viaturas abandonadas

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados no parque da Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal sito na Quinta da Vila Formosa ao Figo Maduro, serão vendidos em Hasta Pública conforme o preceituado no Edital n.º 100/89 de 13/07/89, Decreto-Lei 57/76, Portaria n.º 194/89, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de 30 dias, a conta da data do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome dos proprietários	Locais donde foram R. os veículos	Mat.	Ref.ª
F. Rugeiro, Lda.	Rua Pinheiro Chagas	IS-93-85	7463
António Daniel da Silva Campos Ferreira	Bairro do Jacinto	EE-82-92	7627
José Feliciano Santos Mendes	Rua de Campolide	DA-60-43	7671
José António Vieira de Andrade e Sousa	Av. Sacadura Cabral	IP-32-95	7701
Herculano Rodrigues da Silva	Rua Rodrigues Faria	EI-73-65	7712
Joaquim Manuel Sousa da Silva	Casa dos Bicos	UZ-52-03	7747
João Manuel de Oliveira Tavares	Rua Poço Coberto	CL-58-95	7781
Soc. Vad. de Cartonagens, Lda.	Rua Aprigio Mafra	HN-89-97	7789
Alberto Rosa da Silva	Rua Cabo Manuel Leitão	GD-96-60	7796
João Monteiro	Rua Sousa Lopes	FE-49-65	7805
Edmundo Crazina	Rua Ary dos Santos	DA-34-96	7822
Pedro da Rocha Cardoso	Rua Damasceno Monteiro	LE-57-40	7837
João Paulo Martins Rosa	Calçada do Galvão	IU-61-27	7841
Maria Elisa de Barros e Silva Marques	Azinhaga da Torrinha	HH-52-16	7860
Herd.ºs de José Maria dos Santos	Rua do Arco do Carvalhão	IL-53-65	7888
Benvindo Duarte Garcia	Rua Pascoal de Melo	GO-26-87	7899
Carlos Fernando Ferreira Correia	Rua do Borja	GF-95-06	7903
Carlos Jorge Morais de Almeida Firminho	Rua Marquês de Ponte de Lima	FL-75-21	7907
Rosalina Maria Félix da S. Duarte	Av. Miguel Bombarda	LD-70-19	7910
Rafael Cordeiro Mendes Calado	Rua José Estêvão	EG-90-48	7916
Carlos Alberto Chaves Salgado	Estrada de Benfica	IM-96-83	7925
Pedro Jorge de Sousa Antão da Silva	Estrada de Benfica	EC-80-44	7926
João Henriques de Oliveira Roldão	Rua Francisco Metrass	FC-34-73	7938
Transportes Arnaldo Castro, Lda.	Rua Saraiva de Carvalho	CO-73-41	7947
José Augusto T. da Cunha Nunes	Rua de Campolide	HL-81-66	7955
José Manuel Quaresma Trabucho Alexandre	Campo Pequeno	LH-92-27	7961
Ignorado	Rua Praça de Espanha	Ignorada	7969
Ignorado	Rua do Borja	Ignorada	7995
Ignorado	Calçada dos Sete Moinhos	Ignorada	7999
Ignorado	Esq.ª dos Olivais	Ignorada	8011

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/10/31

O Presidente
Jorge Sampaio

CULTURA

Em hora e meia, quinze realizadores portugueses assinaram ontem uma inesperada «longa-metragem». Ocupando as instalações do IPC, protestaram contra a política cultural de Santana Lopes, nomeadamente a subalternização do Cinema pelo Audiovisual. E fizeram mais. Disseram que «não é assaltando os cofres do Instituto Português de Cinema que se resolve o problema da Cultura em Portugal»

Aqui d'el-rei...

Rui Pacheco

Os realizadores e os jornalistas, ontem no IPC. Ao centro, Alberto Seixas Santos, ladeado por Paulo Rocha e Jorge Silva Melo

Dezena e meia de realizadores portugueses ocuparam ontem, durante hora e meia, as instalações do Instituto Português de Cinema para aí, simbólica e publicamente, denunciarem o estado das coisas, isto é, a situação a que chegou o cinema em Portugal. Uma situação que é fruto da política do actual secretário de Estado da Cultura, no cargo há onze meses. Menos de um ano e tanto bastou para que o IPC paralisasse, o cinema caisse na dependência de uma coisa -o Audiovisual- que ninguém sabe muito bem o que é, tudo a permitir as mais diversas suspeições, incluindo a utilização indevida de fundos.

Tudo a permitir, também, que os realizadores (pelo menos esta dezena e meia) se unissem em volta de um documento capaz de congregar mais nomes e, sobretudo, permitir uma unidade que justifique que os cineastas tenham uma palavra a dizer sobre o futuro do cinema em Portugal. Se o cinema é uma arte e a arte uma criação, afinal os principais criadores são eles, o que admira é que tenham levado tanto tempo a fazer ouvir a sua voz.

Voz que ontem se ouviu, num desassombro que, valha a verdade, espanta, vindo de uma classe que não prima (nem talvez deva primar) pelo colectivismo dos gestos, nem pelo radicalismo das atitudes.

Ontem, de resto, se o gesto (um acto de desobediência civil incomum nos anos 90) surpreendeu, a atitude (expressa nas reivindicações publicitadas) nem por isso é excessivamente radical.

De facto, que exigem estes quinze realizadores ? O impossível ? Não. No fundamental, apenas o que já foi possível: a actividade regular do IPC, a sua independência administrativa e financeira e a existência de planos de produção.

Foi isto -isto que durante anos foi possível- que permitiu a existência de uma cinematografia portuguesa (e não dois ou três senhores a fazer filmes), uma cinematografia com gente a trabalhar (dos 20 aos 80 anos), para espanto e respeito do Mundo.

O que os realizadores ontem reunidos no IPC pretendem é, pois, no fundamental, um regresso ao passado recente, obviamente melhorado. É que, para além das exigências ao nível da produção, eles reivindicam agora e também o cumprimento da lei 7/71, em termos capazes de obrigar à divulgação (e em boas condições técnicas) do cinema português (e não só dele, deduz-se).

Se todas estas exigêncioas o são pela positiva, uma há que o é pela negativa: os realizadores não querem que o cinema dependa do Audiovisual e por mais de uma razão. O cinema é cultura e os realizadores exigem para ele uma política cultural independente, sob a tutela directa da SEC, enquanto o Audiovisual ainda não se sabe o que é e nem da SEC depende. Esta uma razão. A outra expressa-se em números: o IPC tem verbas vultosas ao seu dispor e os realizadores não aceitam que elas, em vez de servirem para financiar a produção de filmes, sirvam eventualmente para outras inconfessadas, coisas.

Aqui talvez seja importante entrar em pormenores. A saber, os seguintes: o IPC tem 120 mil contos dotados pelo Orçamento de Estado, mais cerca de 800 mil para arrecadar de taxas de exibição sobre publicidade na televisão. Com perto de um milhão de contos, há dinheiro mais do que suficiente no IPC para se acabarem os filmes em produção e financiarem-se outros. Isto, claro, se as verbas do IPC não forem desviadas -como os realizadores suspeitam- para outras actividades, tais como o Audiovisual, o S.Carlos, o Centro Cultural de Belém em construção ou quaisquer «apertos» de circunstância da SEC («não é assaltando os cofres do Instituto Português de Cinema que se resolve o problema da Cultura em Portugal» -assim, sem rodeios, reza o documento ontem lido no IPC, na sua parte mais contundente).

O dinheiro que há dá para filmes para todos os gostos

O documento subscrito pelos quinze realizadores portugueses considera, para além do mais, intolerável que o secretário de Estado da Cultura «tenha deliberadamente fragilizado o IPC, diferindo até agora o preenchimento dos seus corpos directivos, nomeadamente o do seu presidente, vago desde Agosto».

Intolerável é também para os realizadores que, neste quadro de vacatura, as decisões tomadas pelo secretário de Estado da Cultura «tenham vindo a ser sigilosas, arbitrárias, à mercê de acasos e tráficos de influência».

Ao nível da distribuição e exibição, os realizadores exigem que, pelo cumprimento da lei 7/71, se estabeleça anualmente para cada recinto de cinema «contingentes de exibição de filmes portugueses e equiparados, tendo em consideração as respectivas categorias, lotação, localização e condições de exploração», tudo a vigorar a partir de 1 de Janeiro próximo.

Quanto às condições de exibição, reivindica-se que a Direcção Geral de Espectáculos seja dotada de meios humanos e financeiros capazes de permitir fiscalizar o parque de cinemas existente, onde proliferam salas sem condições aceitáveis de projecção ao nível do som e da imagem.

Relativamente aos planos de produção, os realizadores concordam com a existência de concursos para assistência financeira (suspensos por Santana Lopes) nas modalidades selectiva e automática, opondo-se aos subsídios extraordinários que só permitem «o tráfico de influências» e justificam «o arbítrio do príncipe».

A regularidade da produção e os fundos autónomos do IPC permitem, segundo os realizadores, que no mínimo se subsidiem anualmente dez longas-metragens.

Um «apoio claro e inequívoco» deve ainda ser prestado aos «empresários dispostos a apostar na distribuição do cinema português, do cinema europeu e de outras nacionalidades não subsidiárias do cinema norte-americano» -refere ainda o documento, numa alusão clara ao domínio do mercado por distribuidoras dependentes das «majores» norte-americanas.

O período de perguntas e respostas permitiu aclarar alguns pontos e perceber que os realizadores desenvolveram a sua acção pressionados não só pela crise instalada no sector mas também pela resolução que Santana Lopes para ela pretende.

Na verdade, sabe-se que está por dias (ontem supunha-se que por horas) o anúncio do «pacote legislativo» sobre o Cinema. Por outro lado, está igualmente para breve a realização dos chamados Estados Gerais do Cinema Português.

O que os realizadores ontem quiseram foi lutar contra a política do facto consumado, provando que nenhuma solução poderá existir para o cinema português sem que eles sejam ouvidos. Ora eles não o foram (nem ninguém, legitimamente, em seu nome), o que é tanto mais estranho quando se anuncia ir legislar para breve, tão breve que mesmo antes da realização...dos chamados Estados Gerais.

Estados Gerais que, subsidiados pela SEC, provavelmente -disse-se ontem- irão decorrer conforme os desígnios do Governo. Se os Estados Gerais normalmente terminam em Thermidor (afirmou-se), estes parece, assim, reunirem-se em concílio (disse-se também).

De qualquer modo, os realizadores não estão contra os Estados Gerais. Nem contra nem a favor, já que -afirmaram- é algo que tem a ver com os produtores.

Não se deduza daqui que a contradição principal é entre ralizadores e produtores. De modo nenhum. A contradição principal que ontem claramenre se detectou é esta: o cinema é o cinema, o Instituto do Audiovisual é o que vier a ser, mas nunca subalternizando o cinema, muito menos sugando-lhe as receitas próprias. Se o secretário de Estado quiser financiar filmes à margem dos planos de produção do IPC, que o faça mas à custa do «saco azul» da SEC -sublinharam os realizadores.

Afirmando-se como se afirmaram ontem, os realizadores demonstraram que têm uma opinião e querem que ela seja tomada em conta. Assim, é bem possível que o documento agora divulgado venha a ser o embrião revitalizador da Associação Portugueses de Realizadores, cujos líderes anteriores estão hoje ou na área do Poder ou parcialmente na da produção.

Esta uma das afirmações ontem expressas no período de perguntas e respostas, durante o qual foi possível aos realizadores ultrapassarem algumas armadilhas. Assim, apesar de instados nesse sentido, nunca se pronunciaram a favor ou contra qualquer presidenciável para o IPC («o que nos interessa é a política que venha a seguir»), tão pouco sobre estéticas («com o dinheiro que há no IPC podem-se fazer filmes para todos os gostos») e mesmo sobre Santana Lopes só se disse que era incompetente.

Podia-se ficar por aqui mas seria não relatar o anedotário da conferência de Imprensa. Ia ela a meio, eis que entram pela sala a dentro, as duas vice-presidentes do IPC, num tímido protesto pelo uso (e abuso) das instalações. Que se tais instalações tivessem sido solicitadas, decerto seriam cedidas. Assim... Assim a conferência de Imprensa prosseguiu, com a presença das duas funcionárias. Que tal presença legitimava pelo Poder a conferência de Imprensa metia-se pelos olhos dentro. Apesar disso, demorou algum tempo até as duas funcionárias o perceberem. Mas eis que às tantas surge o esperado «telefonema urgente», as funcionárias saiem, para mais tarde mandarem dizer, em estilo ultimatum, que as instalações tinham que ser evcuadas.

Sonhou-se com o «Chamem a Polícia», com tudo a ir para o xelindró, à boa maneira dos velhos filmes da comédia à portuguesa. Mas não. A conferência de Imprensa estava no fim, nada justificava que prosseguisse.

Finda ela, dizia-se que enquanto os jornalistas seguiam com o documento para os jornais (a TV , claro, não apareceu...), Santana Lopes, em Bruxelas, lia-o em versão fax, enviado por mão zelosas.

Não foi possível confirmar este pormenor. O que foi possível confirmar teve a ver com uma aula prevista para as instalações ocupadas. Dá-la-ía Manuel Costa e Silva aos seus alunos da Escola de Cinema. Versava o tema a Iluminação. Passaria para o efeito «O Processo do Rei», de João Mário Grilo. Com a conferência de Imprensa em vez da aula, os alunos não viram a obra, mas viram o autor. E quanto a Iluminação, a de ontem não foi nada má. Pelo menos desde que Lucas Pires foi ministro da Cultura que uma tão boa não se via assim no IPC...

Rodrigues da Silva

Os quinze

O documento (sem título) ontem divulgado no IPC é subscrito por quinze realizadores portugueses. Estes: João César Monteiro, João Mário Grilo, Alberto Seixas Santos, João Botelho, Jorge Silva Melo, Eduardo Guedes, José Nascimento, Pedro Costa, Pedro Ruivo, Joaquim Pinto, Paulo Rocha, Teresa Vilaverde, Margarida Gil, Manuel Mozos e António Escudeiro.

Dos quinze, três (José Nascimento, Pedro Ruivo e Joaquim Pinto) não estiveram presentes na conferência de Imprensa.

Segundo os signatários, o documento está aberto a mais assinaturas, todos os realizadores serão convidados a subsescrevê-lo, sabendo-se que Manoel de Oliveira, entre outros, não foi ainda contactado para esse efeito por se encontrar ausente de Lisboa, em filmagens.

O documento foi elaborado e aprovado na reunião de realizadores havida no domingo, no Teatro do Bairro Alto, conforme o «DL» ontem noticiou.

«Ciclo Luís de Freitas Branco» na RDP

Uma sonda pelo nosso património musical

O «Ciclo Luís de Freitas Branco» que está a decorrer na RDP, integrado na programação da Antena 2, não pretende ser apenas uma homenagem a esta figura cimeira da música portuguesa, no ano em que se passa o centenário do seu nascimento, ou uma evocação mais ou menos alargada da personalidade e da obra do grande compositor.

É uma homenagem, sim, e uma evocação, mas num sentido mais amplo e — diria até — pedagógico. Ao fazerem ouvir um número elevado de obras do autor de *Paraísos Artificiais* e *Madrigais Camonianos* — verdadeira «pedra fulcral» (como lhe chamou Lopes Graça) do movimento criativo novecentista no nosso país — os organizadores do Ciclo aproveitaram o ensejo para, de uma maneira explícita, contribuírem para o esclarecimento das condições em que se processa ou tem processado, num passado relativamente próximo, a prática musical no nosso meio, com incidência nas relações que teve (ou não teve) com aspectos essenciais do fenómeno cultural português.

E assim, ao lado de rubricas e temáticas focando a acção e a obra de Luís de Freitas Branco, surgem diversos programas e audições complementares que permitam estabelecer paralelos com a actividade de outros compositores portugueses (antecessores ou precursores, contemporâneos e mesmo discípulos ou sucessores e continuadores do homenageado e pontos de contacto com a problemática genérica da cultura em Portugal). Mais concretamente: houve a preocupação de situar ou mesmo integrar a produção dos compositores portugueses no contexto da cultura nacional.

Os concertos públicos efectuados no Estúdio A da RDP

— mas evidentemente radiodifundidos e gravados, o que lhes garante maior expansão — integram-se na orientação apontada. Dir-se-á que se teve em mira saber de onde viemos no terreno da música, onde estávamos quando Luís de Freitas Branco teve a sua intervenção mais directa, e quais as perspectivas que a sua acção contempla e a sua obra ilustra, e ainda quais os reflexos que uma e outra deixaram nas gerações que se seguiram.

Dois concertos foram consagrados já aos «Antecessores de Luís de Freitas Branco». Um deles incidiu nas expressões vocais de câmara e nas manifestações operísticas durante as últimas décadas do século XIX e nos princípios do actual, mas não ignorou aspectos pianísticos que já anunciam alguma mudança ou indicam a permanência de certos estigmas. Ficou realçada, portanto, a alternância entre amadorismo e profissionalismo, boas intenções e objectivos mais conseguidos, cosmopolitismo e preocupações nacionalistas, de carácter folclorizante ou não. Não se deixou de chamar a atenção para um compositor, que está injustamente esquecido e importa estudar e fazer ressurgir nalguns dos seus aspectos mais válidos: Augusto Machado, personalidade cultivada e de excelente apetrechamento técnico, companheiro do «Cenáculo» de Antero de Quental, Eça de Queiroz e Batalha Reis, e ao que parece, modelo do «Cruges» de *Os Maias*.

Mas também não ficaram esquecidas outras figuras destacadas como Alfredo Keil (com todas as suas limitações técnicas, um talento genuíno e uma voz pessoal no nosso incipiente nacionalismo musical oitocentista) e Óscar da Silva (eterno namorado romântico, sagrado, com algum exagero por Teixeira de Pascoais, emanação musical do «Saudosismo»). E outros mais quase olvidados, um Miguel Ângelo Pereira ou um João Arroio, que se abalançaram a inspirar-se em Herculano e Camilo e traduziram, nas aspirações louváveis e nos aspectos negativos, as contradições do nosso *status quo*.

O segundo concerto elegeu duas personalidades, a bem dizer, da mesma idade, pois nascidas à roda de 1870: Viana da Mota e Francisco de Lacerda. De formação e orientação estética diferentes (germânicas o primeiro, francesas o segundo), ambos, porém, se encontram irmanados em preocupações nacionalistas e corporizam um apontar de novas opções.

Este comentário é uma chamada de atenção para a necessidade de rever critérios de apreciação, isentos de patrioteirismos despropositados mas também de rigorismos sectários, e não menos acríticos, separando o trigo do joio sem dúvida e tentando analisar, com o recuo histórico que o tempo já consente, as coordenadas do nosso património musical. Com os seus malogros, as suas insuficiências, mas igualmente com algumas realizações não destituídas de mérito e até de valor intrínseco, e que podem ajudar a compreender alguns vectores da nossa idiossincrasia. Agora que se fala tanto em identidade nacional...

Uma palavra para os intérpretes, todos eles empenhados e diligentes no âmbito de um esforço de que são, em larga medida, pioneiros: os cantores Lia Altavilla, Carlos Guilherme e Elvira Archer, os pianistas Armando Vidal, Miguel Henriques e Nuno Vieira de Almeida e o Coro do Instituto Gregoriano, dirigido por Christopher Bochmann.

Nuno Barreiros

Festivais de Lisboa

Do flamengo andaluz ao cabaré da Baviera

Crónica de uma Morte Anunciada, de Gabriel Garcia Marquez. Concepção/Adaptação/Cenografia/Selecção Musical: Salvador Távora. Dramaturgia: Javier R. Piñaro. Figurinos: Criativo Fridor. Interpretação: Gregor Acuña, Angel Monteseirin, Margot Linares, Manuel Vera, Yolanda Lorenzo, Juan Romero, José Luiz Fernandez, Concha Távora, Leonor Alvarez-Ossorio, Evaristo Romero, Isabel V. Torres. Guitarristas: Eduardo Rebollar e Manuel Berraqueiro. Grupo La Cuadra de Sevilha. Festivais de Lisboa/Teatro Maria Matos (9-11-1990).

Biermosl Blosn (Teatro Musical /Cabaret Alemão). Interpretação: Hans Well, Christoph Maria Well e Michael Georg Well. Festivais de Lisboa/Teatro Maria Matos (13-11-1990).

O La Cuadra de Sevilha abriu os Festivais de Lisboa (Teatro) com o espectáculo que apresentou recentemente no Festival de Cadiz.

Trata-se da adaptação do conhecido romance de Gabriel Garcia Marquez, «Crónica de uma Morte Anunciada», título tantas vezes glosado na Comunicação Social que acabou por tornar célebre um romance, se calhar, menos lido do que parece.

O trabalho dramatúrgico de Salvador Távora (com a colaboração de Javier Piñaro) segue a trama da intriga, de resto, linear, embora o seu tratamento formal não o seja: o assassínio de Santiago Nasar pelos irmãos Vicario. Santiago é acusada por Angela Vicario de a ter desonrado o que impede a consumação do casamento dela com Bayardo San Roman. Os irmãos anunciam a morte de Santiago, à qual ninguém se opõe, muito menos o chefe da Polícia da cidade.

O trabalho de Salvador Távora organiza-se, sem preocupações cronológicas, à volta de vários símbolos com os quais traça o percurso, repetitivo, da história: as pombas de que Santiago cuida, o pano branco, quer dizer, sem sangue, que sai do ventre de Ângela na noite do casamento, as facas que os irmãos Vicário afiam fazendo saltar faíscas, como se fosse um pequeno fogo de artifício, a carne que esquartejam como se fosse o corpo de Santiago. Esses símbolos sinalizam os vários tempos que constituem o real da história: o tempo da festa, com os tambores, as máscaras (que evocam a Colômbia onde a história decorre), o sino, os jogos acrobáticos; o tempo da expectativa, com as danças, as relações das personagens; o tempo da expectativa, com as danças, as relações das personagens, as ciladas; o tempo da morte, com a figura que a representa, as facas referidas, as marcações das personagens, a descrição da autópsia pelo padre (um dos momentos fortes do espectáculo).

Uma pirâmide azteca domina o palco, podendo rodar de maneira a apresentar duas faces: a escadaria e a porta. Este dispositivo cénico é uma invenção notável plasticamente e pelos jogos que permite nas suas várias áreas de representação, embora o palco do Maria Matos tenha prejudicado a sua grandeza; no espaço do palco enorme do Teatro Falla, de Cadiz, a cenografia e a própria movimentação dos actores tinham uma respiração que aqui se perdeu.

Salvador Távora serviu-se da música e da dança como uma linguagem através da qual faz passar a «Crónica...» No entanto, o recurso música marca um dos limites deste trabalho. Se a dança e o canto flamengos (embora o cantador da primeira noite tivesse a voz em muito mau estado) impunham uma relação muito forte entre as personagens e entre estas e a tragédia, o espectáculo não aguentava a presença de outras músicas, em especial, o Requiem de Mozart que quase sempre se sobrepunha à linguagem corporal, tornando-a insignificante.

Para se entender a proposta a que este espectáculo visava e o que nele há de procura do excesso, sendo que esse excesso é também ilusório, é preciso ler estas palavras de Salvador Távora: «O espectáculo (...) pretende realizar-se envolto na emoção do circo, na magnificência da ópera e na profundidade filosófica da tragédia grega». Ao querer fazer ao mesmo tempo um espectáculo de circo, uma ópera e uma tragédia, Távora arriscava-se a falhar um projecto que dificilmente poderia aguentar tamanha ambição. Foi um pouco o que se passou: o espectáculo do La Cuadra surge pleno de elementos apelativos, sob o ponto de vista visual e sonoro, o público não é insensível a esses apelos, como é lógico, no entanto, há um esvaziamento da sua força dramática provocado pelo excesso desses elementos, pelo desequilíbrio entre as potencialidades sonoras e visuais da proposta. Em termos vulgares, pode dizer-se que é um espectáculo para «encher o olho e o ouvido», o que faz por vezes de forma insensata, como é o caso da cena do esquartejamento do cabrito (dessa nem Antoine se lembrou). Com uma encenação mais seca, com uma banda sonora mais depurada, este espectáculo podia ser uma bela demonstração de um teatro aglutinador de diversas possibilidades de expressão: literária, musical, teatral. reco-nheça-se, mesmo assim, que é, pelo rigor dos movimentos, das marcações, da relação destas com a música e os ruídos, (muito eficaz o ruído das «black-and-dekkers» que vai diminuindo), pelo ritmo, é um espectáculo que merece ser visitado e revisitado.

Carlos Porto

Da Baviera

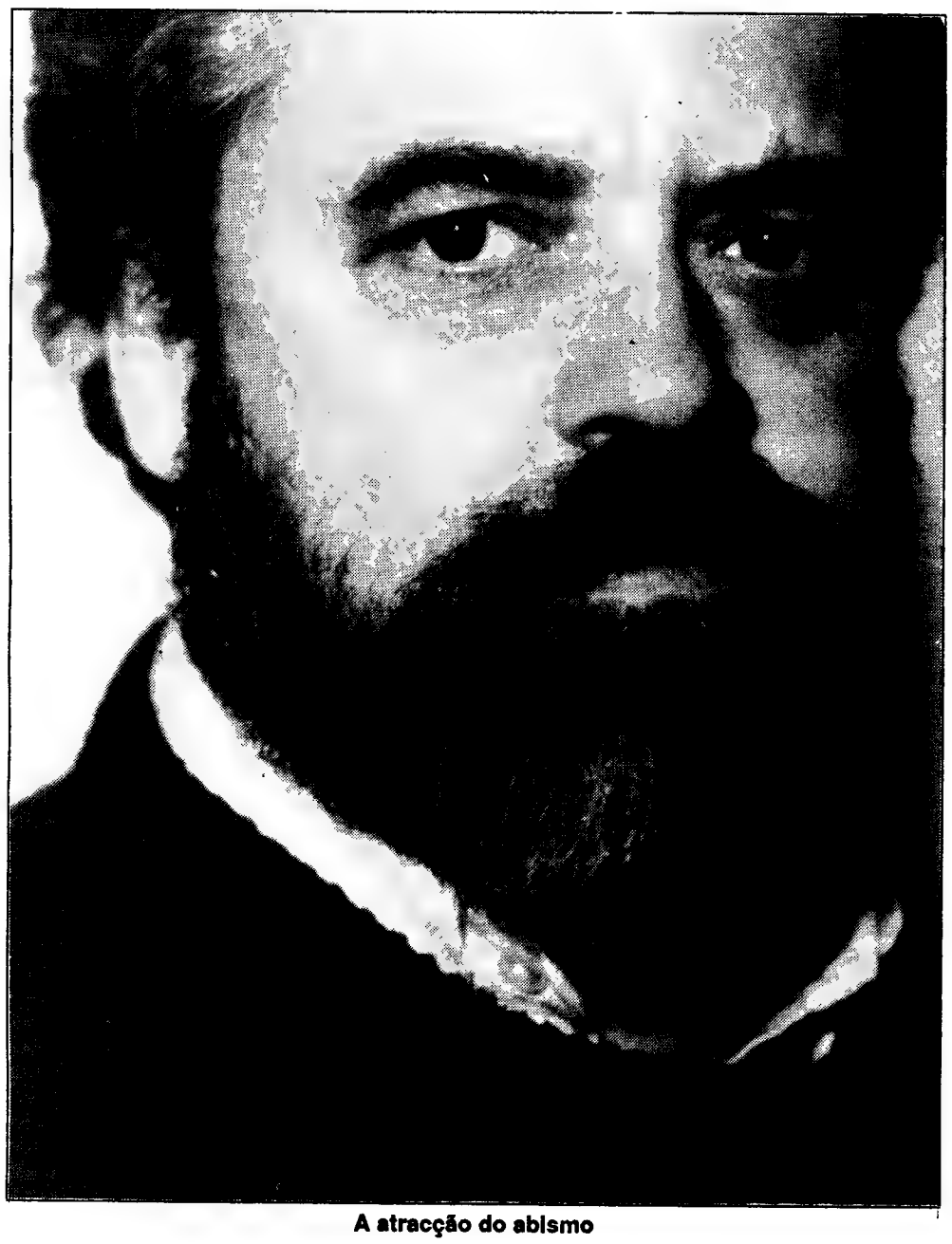
O segundo espectáculo dos festivais de Lisboa (Teatro) foi apresentado pelo Biermosl Blosn, constituído pelos irmãos Well, da Baviera. Anunciado como um espectáculo musical e de cabaré alemão, não me pareceu que o fosse na linha de um Karl Valentin ou de um Brecht (de quem aliás é cantada uma canção), mas antes numa linha mais de concerto embora contaminada por alusões e piadas que não deixariam de ser cabaretísticas. Aliás, o espectáculo do Maria Matos teve a particularidade curiosa de se dirigir a dois públicos: um, constituído por espectadores alemães ou da língua alemã, numerosos, outro por espectadores que não entendiam alemão e tiveram por isso de se contentar em perceber as insuficientes explicações em espanholês dadas por um dos intérpretes. Como o primeiro público achou imensa graça aos textos (letras das canções e improvisos), devo admitir que fiquei privado de uma dimensão do espectáculo — a satírica — que nele será essencial. Nem por isso deixei de apreciar a qualidade dos três irmãos como executantes de instrumentos, alguns deles, originais, e ainda com excelentes vozes. Foi um prazer ouvi-los em canções cujas melodias são bem conhecidas. Pareceu-me sobretudo criativo o Christoph Maria, tocador de trompete, harpa, flauta, gaita-de-foles, cítara, corneta dos Alpes, além de cantor. Mas o conjunto é, no género, excelente.

O novo romance de Mário Claudio

Uma saga familiar

O "Puck", um irritante *schnauzer* de pelo cinzento, embirrou comigo. Cão que ladra não morde, é o que se diz, mas como sou prudente mantive-o à distância. Aquela coisa pequenina e felpuda afigurou-se-me perigosa. Desconfiada por natureza, pedi ao dono que o fechasse numa das dependências do apartamento. Na verdade não me apetecia nada que o animal me ferrasse os aguçados dentinhos nas pernas. Com respeito ao gato "Leonardo", um altivo siamês, não me ligou nenhuma. Adquirida a paz de espírito, olhando em volta, reparei que Mário Claudio acumula, nas estantes cheias de livros, montes de objectos inúteis. Bibelots, fotografias, brinquedos, folhas secas e pedras, todo um cenário ilustrativo do seu apego às recordações.

Agora que o cão sossegou, estão reunidas as condições para a entrevista. É oportuno falar de "A Quinta das Virtudes", obra que acaba de aparecer nos escaparates das livrarias. No mundo da ficção portuguesa, onde circulam diversos tipos de escrita, Mário Claudio define-se como um autor barroco. Desta vez, a narrativa incide sobre uma casa, fundada em 1757 por um membro recuado da sua família, particularidade que, desde logo, lhe serviu de estímulo para a feitura do romance. Nele foca a época vivida por três gerações, habitantes da mansão durante um século. «Ao longo do tempo as reacções do colectivo nacional, no âmbito político e cultural, foram-se reflectindo nos costumes e comportamentos individuais», sublinha. Oriunda de uma aristocracia rural, a primeira geração radicada no Porto, com a ascenção do capitalismo, dedica-se ao negócio das especiarias. Sem perder o lustro da nobreza, conservando intactos os pergaminhos, a família dos Pintos de Meireles promovia animados saraus que deram brado na altura. Poetas de renome, nomeadamente Almeida Garret e Soares de Passos frequentavam a casa que se tornou numa espécie de cenáculo. Ao que consta também o próprio Camilo Castelo Branco teria passado por lá.



A atracção do abismo

Diário de Lisboa- Deve-se ter entregue a um laborioso trabalho de pesquisa.

Mário Claudio- Exacto. Consultei documentos nos arquivos históricos do Porto que me forneceram um precioso manancial de informações. Escrituras de propriedades, certidões de casamentos, publicações de moda e gastronomia permitiram-me criar uma atmosfera de tempo e lugar, na qual se inserem os personagens.

DL- Qual é a origem do nome?

MC- Suponho que deriva da existência de uma fonte nos terrenos adjacentes à quinta. Uma fonte muito bonita, de estilo neo-clássico que, por sinal, se encontra muito degradada.

Na área do maravilhoso

DL- Sente alguma vibração quanda entra na casa?

MC- Não sinto nada porque está bastante alterada. Contudo, através da escrita, apoderei-me da aura da casa, nesse aspecto pertence mais a mim do que à Cooperativa Árvore. Dela sempre tive ressonâncias familiares. Depois aconteceu aquilo que fatalmente me acontece: a cooperativa encomendou-me um texto que entretanto se desenvolveu até se transformar em romance. Já foi assim com Amadeu, Rosa e Guilhermina.

DL- Romance histórico?

MC- Tem uma componente histórica forte mas eu diria que remete para a área do maravilhoso. Os personagens viveram um século atribulado no ponto de vista ideológico, pois todas os grandes acontecimentos se produziram no Porto. Refiro-me às invasões francesas e lutas liberais, ao surto da burguesia e ainda à resistência ao Marquês de Pombal. No livro assume quase tanta importância a dinâmica dos personagens como a dinâmica da ambiência.

DL- E quanto à construção da narrativa? Persiste na técnica fragmentária dos livros anteriores?

MC- Pratico aqui uma narrativa linear. Obedece ao relato da saga familiar sem quaisquer acrobacias arquitectónicas ao nível do entrecho. Nada de sobressaltos fragmentários com que os leitores deparavam em "Amadeu", invisto num certo *retour aux racines*, o que de algum modo representa uma marca inovadora no contexto da minha obra. Não há saltos no tempo e nem sequer pespectivas da realidade segundo vários ângulos de abordagem.

DL- Significa, portanto, uma viragem no rumo da sua escrita?

MC- Mais ou menos...conto muitas histórias dentro da história. Quanto a mim o realismo peca porque se limita a uma só história. Há muitos tempos dentro de cada tempo e muitos espaços dentro de cada espaço.

O triunfo da ordem

DL- Daí resultou um livro extenso com cerca de 380 páginas.

MC- Denso. Embora menos sofrido do que os outros. Talvez isto anuncie a boa saúde da minha escrita.

DL- Mas continua a afirmar-se um escritor barroco.

MC- Passei do barroco algo patológico de "Guilhermina" para aquilo a que paradoxalmente poderia chamar um barroco classizante. Para uma reflexão sobre o barroco histórico. Eugénio D'Ors demonstrou que o barroco não é característica de uma época. Todas as estéticas exprimem uma fase barroca e uma fase clássica. Oscilam entre o barroco e o clássico. Melhor dito: entre o excesso e o despojamento, entre a regra e a contra-regra, entre a geometria e o grito...

DL- Entre a ordem e a desordem. Eugénio D'Ors ao opôr o baroco ao clássico, mostra haver entre os dois uma relação conflitual. Entendendo-o como uma categoria do espírito, de carácter constante, a sua noção de barroco abarca qualquer movimento artístico, independentemente dos factores tempo e geográfico. Tese aliás contestada por outros ensaístas, incluindo o cubano Severo Sarduy.

MC- Alio a geometria ao triunfo da ordem, enquanto o grito é a aposta na aventura. Então o barroco será o salto no abismo, o que não se prende com a ausência de rigor.

DL- O seu barroco emerge sobretudo na forma.

MC- Discordo. Sou um homem de costumes barrocos, para tornar mais simples esta ideia direi que o meu quotidiano é barroco. O linfático e o fleumático seriam, no plano comportamental, categorias clássicas, enquanto o sanguíneo e o colérico seriam barrocas.

DL- Não me parece que seja um indivíduo colérico.

MC- As minhas cóleras projectam-se na escrita. Excedo-me e infrinjo as regras escrevendo. Fora disso sou um cidadão impecável.

DL- Bem comportado. Com uma vida demasiado rotineira e uma casa arrumadísima.

MC- Levo uma vida regrada, mas por vezes quebro a rotina. Não é preciso ser muito imaginativo para conseguir esse pequeno milagre. Quanto ao arrumadinho trata-se de uma terapéutica que aplico a mim mesmo. A atracção do abismo faz com que eu sinta necessidade de me rodear de uma certa ordem, de ter uma varanda à frente para não me precipitar. A burocratização em que aposto funciona como um antídoto da loucura.

DL- Colecciona objectos?

MC- Os objectos não valem por si, têm um lado de fetiche. Foram tocados por alguém ou recolhidos num determinado momento que julguei eterno.

DL- E o cão preto de peluche com um laço aos quadrados vermelhos e brancos?

MC- Lembro-me de ir na rua, pela mão da minha mãe, e de me ter enfurecido já não sei porquê. Numa atitude de birra atirei o cão para dentro de um quintal. Houve um rapazinho que, muito atrevidamente, saltou o muro e foi buscá-lo. Retive na memória tal gesto como um acto de coragem e de dávida.

Mário Claudio preserva o equilíbrio e a estabilidade. Todavia, sujeito a flutuações e a turbulências, apesar da aparente calma, é capaz de súbitos furores.

Lourdes Féria

BREVES

Atribuidos os Prémios Goncourt e Renaudot

O Prémio Goncourt foi atribuido ao escritor francês Jean Rouaud, pelo seu livro «Les Champs d'Honneur». O galardão foi-lhe atribuído nuna segunda votação, por oito votos, contra dois para o seu compatriota Philippe Labro, pelo livro «Le Petit Garçon». Também o Prémio Renaudot 1990 foi ontem anunciado, indo para o escritor francês Jean Colombier, pelo seu romance «Les Frères». A distinção foi decidida apenas à vigésima quinta votação, por cinco votos, contra quatro para Pierrette Fleutiaux, pelo livro «Nous Sommes Éternels.»

Onetti: Prémio União Latina de Literatura

O escritor português José Saramago integrou o júri do Prémio Internacional da União Latina de Literatura, ontem entregue, em Roma, à mulher do romancista uruguaio Juan Carlos Onetti, prémio a que Miguel Torga era um dos candidatos.

Combate à circulação ilegal de obras de arte na CEE

Portugal vai ser palco, em Fevereiro, de uma reunião de peritos comunitários destinada a desenvolver medidas de combate à circulação ilegal de obras de arte, após a supressão das fronteiras em 1993, decidiram os «Doze» em Bruxelas. Para além disso, e por proposta de Portugal, os ministros fixaram para finais de Fevereriro, no Estoril, uma reunião de peritos para discutir a forma como se procederá à restituição de obras de arte que circulem ilegalmente após a realização do Mercado Interno, a 1 de Janeiro de 1993.

Paul McCartney ganha disco de ouro em Portugal

O álbum de Paul McCartney, «Tripping The Live Fantastic», alcançou, uma semana após a sua edição em Portugal, um disco de ouro por vendas superiores a vinte mil exemplares. Com duas horas e meia de duração, ó álbum -disponível em LP triplo, e CD e cassete duplos - inclui 37 temas seleccionados de entre os 30 da carreira de McCartney com os Beatles, com os Wings e a solo a par de alguns clássicos do rock.

Amália -homenagem em Paris

O Governo francês vai associar-se à homenagem a Amália Rodrigues, que se realiza em Março, em Paris, revelou, em Bruxelas, o secretário de Estado da Cultura, Jack Lang.

O rosto de Amália, em três fotos (a vermelho, preto e amarelo) de Leonel Moura, ou de como a obsessão de um artista pode suscitar várias reflexões

Um rosto de Portugal

«Valentim de Carvalho, no cinquentenário da carreira artística de Amália Rodrigues, convida V. Ex.ª para a inauguração da exposição *Identidade*, de Leonel Moura, que se realiza no próximo 10 de Novembro, no Palácio das Alcáçovas.» E eu fui. Saí de propósito, apesar da constipação, para lá estar às 22h, pontualmente.

Dada a pontualidade, pude ver quase sozinha a exposição, a Amália, trocar duas palavras com o Leonel Moura, e receber um raspanete amável da Maria Nobre Franco, por causa do cigarrinho. Alguma coisa não batia certo. Ou Portugal foi passar o fim-de-semana à praia, ou é pouco pontual. Vim embora às onze, muita gente chegara entretanto, mas não o meu Portugal. O da Amália, talvez. Gosto da voz dela, para símbolo da pátria até prefiro o seu rosto à bandeira. Mas nunca lhe falei, não foi por sua causa que atirei a gripe para trás das costas e fui à inauguração. A exposição, podia vê-a em tarde sossegada, sem zumbidos na cabeça nem lenço colado ao nariz. Fui para encontrar amigos comuns, meus e do Leonel. Voltei para casa perplexa, co-mo um vazio à volta da «O-bsessão», e sem chão onde pousar os pés da «Identidade».

O trabalho do Leonel Moura assenta em três fotos da Amália, e em três cores: ver-

melho, preto e amarelo. Com pouco se faz uma série de grandes dimensões, correcta, como aliás é costume deste pintor, que medita, premedita, intelectualiza, não borra as serigrafias, dá sempre à luz obras tecnicamente escorreitas. É uma exposição muito bela, mas senti a falta de qualquer coisa. Por isso perguntei ao Leonel por que motivo não usara o verde. É claro que uma pergunta destas pouco tem a ver com pigmentos verdes, com tubos de tinta verde, com a cor verde, objectivamente falando. Eu também não gosto muito do verde, apesar de a palavra ser .provavelmente a dominante na gama cromática do que escrevo. E verde e vermelho dariam cabo da exposição, quando o pintor faz da voz da Amália o rosto de Portugal.

Há quem odeie a esperança, por a confundir com preguiça, impotência, incapacidade de agir. É fácil, realmente, esperar na cama pela vinda de D. Sebstião. Porém, nem toda a esperança dorme, com ou sem preguiça. Ela não olha para trás, para o passado, projecta-se no futuro, e podemos dar-lhe um empurrão que a apresse, a obrigue a saltar do nevoeiro para a claridade do tempo a vir.

Leonel Moura diz que pretendeu, com o negro e vermelho, dramatizar o seu trabalho. Estaria a pensar no fado. A menos que o drama se interprete em sentido teatral, de máscara, não lhe fui sensível em termos emocionais. Há uma dimensão hierática, solene, na repetição do rosto da fadista. Aliás, toda a repetição é ritual, litúrgica. Mas nem toda a liturgia é evocação do calvário. O roxo, sim, seria a cor indicada, se acaso Leonel Moura vê em Portugal o rosto do Senhor Morto.

A seguir à vigília da Paixão, vem o aleluia do domingo de Páscoa, no tal equinócio da Primavera, senhora do verdejánte vestido. O Leonel não gosta do verde, eu também não. Garanto é que sem umas verduras a vida se arrisca a ser demasiado sisuda. Nem o fado se reduz à fatalidade, nem Portugal ignora o riso, o bom humor, a fantasia dos contos de fadas, e lembro que o termo «fada» pertence à família «fado» e «fatalidade». Ora as fadas, as da varinha mágica, são justamente divindidades primaveris. Quando chega o Inverno, regressam às cavernas da terra, hibernam, ou saem montadas em vassouras nas noites de lua cheia.

O que falta a este rosto de Portugal é fantasia, e a complexidade de um povo cuja identidade não se limita a máscaras funerárias, por muito belas, coloridas de vermelho e amarelo, e bem executadas. Um bom português, como eu, gosta de provocar bons portugueses como você, dizendo, por exemplo: «Se os relvados fossem corde-rosa, ainda percebia por que razão gosta tanto de futebol!»

Maria Estela Guedes

Novos álbuns no mercado discográfico

Novos álbuns de Chet Atkins/Mark Knopfler, Willie Nelson e Gloria Estefan (CBS), Sisters of Mercy, 10.000 Maniacs e Hindu Love Gods (WEA), Los Lobos, Cure e Police (Polygram), Kid Frost, Human League e Sonny Southon (Edisom) e Clannad (BMG) foram recentemente lançados no mercado português.

O álbum de Chet Atkins/Mark Knopfler, intitulado «Neck And Neck», tem ainda a participação de Guy Fletcher, dos Dire Straits, e de Mark O'Connor.

Com produção de Mark Knopfler, o álbum é instrumental e vocal com faixas como «Poor Boy Blues», «Sweet Dreams», «Yakety Axe», «Tears (de Django Reinhardt e Stephane Grapelli) e «The Next Time I'm In Town», esta última da autoria do guitarrista dos Dire Straits.

«Born for Trouble» é o título do novo álbum de Willie Nelson, que inclui 10 faixas, entre as quais «Ain't Necessarily So», «Pieces of my Life» e «Little Things Mean a Lot».

Glória Estefan canta em espanhol no seu álbum de êxitos que incluem «Renacer», «Conga», «No Sera Facil», «Dr. Beat», «Regresa a Mit», «No te Olvidare», «Dingui-li Bangui», «No Me Vuelvo a Enamorar», «Si Voy a Perderte» e «Oye Mi Canto».

«Vision of Thing» é o título do novo álbum dos Sisters of Mercy que já inclui o antigo guitarrista dos Sigue Sigue Sputnick, Tony James.

Os 10.000 Maniacs estão igualmente esta semana no mercado com um álbum, «Hope Chest», que reúne as gravações do grupo antes do sucesso de há dois anos.

Em 14 faixas alinham-se temas antes incluídos no Ep «Human Conflict Number Five» (1982) e «Secrets of The I Ching» (1983).

Hindu Love Gods é a designação onde se «esconderam» o autor-compositor Warren Zevon e três membros dos Rem: Bill Berry, Perry Buch e Mike Mills, dando assim continuação a um trabalho conjunto que já tinha estado patente no álbum de Zevón «Sentimental Hygiene».

«Hindu Love Gods» é também o título do álbum que inclui versos dos clássicos de Robert Johnson, «Walkin' Blues» e «Travelin' Riverside Blues», de «Vigilant Man», de Woody Guthrie, «Wang Dang Doodle», de Willie Dixon, «Raspberry Beret», de Prince, e «Mannish Boy», de Ellis McDaniels.

Los Lobos abandonaram o tradicional tex-mex e enveredaram por uma toada mais rock no seu álbum «The Neighborhood» que tem vocalização de John Hiatt nas faixas «Down on The Riverbed» e «Take My Hand» e de Levon Helm (ex-Band) em «Little John of God».

The Cure

Também foi lançado no mercado o duplo álbum de misturas dos Cure, «Mixed Up», que inclui «Lullaby», «Close to Me», «Fascination Street», «The Walk», «Lovesong», «A Forest», «Pictures for You», «Hot Hot Hot», «Why Can't I Be You», «The Caterpillar», «In Between Days» e «Never Enough».

«Roxanne», «Message in a Bottle», «Don't Stand So Close to Me 86», «Every Little Thing She Does Is Magic» e «Every Breath You Take», são algumas das 12 faixas que compõem o álbum de êxitos dos Police, agora reeditado.

Influências hispânicas dominam o álbum de Kid Frost, «Hispanic Causing Panic» com nove faixas, entre as quais «La Raza», «Ya Estuvo» e «In The City».

Os Human League regressaram com «Romantic», um álbum que assinala também o regresso ao grupo de Philip Oakey. Curiosamente, o álbum não tem indicação de produção.

Sonny Southon desligou-se de Matt Bianco e acaba de gravar o seu primeiro álbum a solo, «Falling Through a Cloud», com produção de Dan Kershenbaum, e 10 faixas de sua autoria.

«Anam» é o título do novo álbum dos Clannad, grupo irlandês formado à base da família Brennan.

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem
Medo
de
VIRGÍNIA WOOLF?
de EDWARD ALBEE

Com: Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Maria José Pascoal, Mário Jacques
Encenação: Fernanda Lapa
Cenografia: José Manuel Castanheira
Figurinos: Jasmim de Matos

«... um espectáculo para a história... magnificente criação...» — Eugénia Vasques — *Expresso*

«Um belo espectáculo no Teatro da Graça.» — Fátima Lopes — *Diário Popular*

EM CENA de terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00.
Marcações pelos telefs.: 87 56 26/87 58 00
APOIOS: Câmara Municipal Lisboa; C.C.C. — Creative Business; Conde & C.A., LDA.: Robbialac; Vítor Hugo; Voz do Operário; Antena-1; «Jornal de Letras»; Rádio Comercial

SUB. SEC.

PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

TERMINAL BAR Paul Sete
BREVEMENTE

teatro da Cornucópia

W. SHAKESPEARE

MUITO BARULHO POR NADA

Tradução: Sophia de Mello Breyner Andersen; **Encenação:** Luís Miguel Cintra; **Cenário e Figurinos:** Jasmim Matos; **Música:** Constança Capdeville, Paula Azguime e Miguel Azguime; **Coreografia:** Elisa Worm.
Interpretação: Adriano Luz, António Fonseca, Canto e Castro, Carlos Veira de Almeida, Gilberto Gonçalves, Jorge Parente, José Wallenstein, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Manuel Cintra, Márcia Breia, Maria José, Miguel Guilherme, Rogério Vieira, Rui David, Rui Mata-Mouros, Teresa Madruga, etc.
Músicos: Miso Ensemble (Paula e Miguel Azguime), José Pontes e Manuel Cintra.

De Terça a Sábado às 21.30h, Domingo às 16h.
Teatro do Bairro Alto — Rua Tenente Raul Cascais 1A — 1200 LISBOA
Telef.: 396 15 15 / 396 92 05

Penafiel: presidente brinca com palavras nada adiantando para se chegar à verdade

Enquanto o Governo acelera decreto contra a corrupção face ao caso Manuel Rocha-Francisco Silva

Manuel Rocha, o presidente do Penafiel envolvido no caso do pretenso suborno do árbitro Francisco Silva, considerou ter agido de «boa-fé» e sustentou que a sua atitude «visou desmascarar um árbitro corrupto».

Em conferência de Imprensa, realizada ontem, ao fim da tarde, em Penafiel, o chefe do executivo do clube local acrescentou que a sua atitude foi «em prol do futebol e da arbitragem portuguesa». Manuel Rocha repetiu anteriores afirmações sobre o imbróglio despoletado no encontro Penafiel-Belenenses, nomeadamente que Francisco Silva o contactara na 5.ª-feira anterior ao encontro e lhe pedira dois mil contos para que o Penafiel não perdesse o jogo com a turma do Restelo. Também reafirmou que o presidente da Comissão de Arbitragem da Federação de Futebol, dr. Lourenço Pinto, foi imediatamente avisado deste facto e que tudo o resto aconteceu de forma concertada entre ambos, para poderem «apanhar um árbitro corrupto».

Limitando-se a reafirmar as posições já conhecidas, Manuel Rocha escusou-se a divulgar a gravação que teria efectuado durante uma breve conversa com o árbitro nos balneários do Estádio 25 de Abril. Desiludindo os muitos jornalistas presentes (a maior parte dos quais abandonou prematuramente a sala da conferência) o presidente do Penafiel recusou-se a fazer referências à queixa-crime que a Federação Portuguesa de Futebol diz apresentar contra Francisco Silva e eventuais implicados no alegado caso de suborno ao juiz algarvio.

Manuel Rocha, em certa altura das suas palavras (quase sem nenhuma novidade) voltou a vincar que Francisco Silva, no balneário e pouco tempo antes do jogo com o Belenenses, recebera o cheque dos dois mil contos mas adiantara: «Este é pelo atrasado. Agora, para o jogo de hoje, são mais 1500 contos.»

Face a tudo o que tem vindo a lume fica a sugestão de que uma acção combinada entre Manuel Rocha, Lourenço Pinto e Sequeira Teles (membro do Conselho de Arbitragem) foi desencadeada contra Francisco Silva, ao que parece (e segundo palavras também já vindas a público) «porque havia suspeitas de corrupção» do juiz de Portimão. Contudo, está muito mal esclarecido um painel de pormenores que circulam em torno deste caso: Francisco Silva teve (ou não) declarações gravadas em «cassette» por Manuel Rocha, com a respectiva fita apresentada ao Conselho de Arbitragem? O árbitro algarvio assinou (ou não) alguma confissão do seu possível suborno? E, se assinou, teria daí a pouco voltado com a palavra atrás, garantido que era tudo um mal-entendido e o facto de guardar o cheque tinha apenas o sentido de o anexar ao relatório do jogo para acusar Manuel Rocha de tentativa de suborno? Já agora: poderá dissociar-se o Penafiel da acção do seu presidente ou estamos perante um caso totalmente diferente do ocorrido com o Famalicão, no envolvimento com o Macedo de Cavaleiros?

É que, sem culpa (como ficou provado em tribunal) o Famalicão, que conquistara legitimamente o direito a entrar na 1.ª Divisão, foi intempestivamente atirado para o 3.º escalão do futebol nacional. Agora, como será encontrado desfecho para a posição do clube de Penafiel?

— *Não estou nada preocupado com irradiações ou descidas de divisão, porque tudo foi atempadamente tratado com o dr. Lourenço Pinto* — garante Manuel Rocha. E o presidente penafidelense, que se considera «um bemfeitor, um bem-amado por quantos querem que se descubram os podres da arbitragem», garante que «não foram poucos os árbitros e os dirigentes que me deram parabéns pelo que aconteceu, pois juízes como Francisco Silva têm de ser banidos do futebol».

Saliente-se que Manuel Rocha já nomeou defensora para a eventualidade de ser envolvido em processo judicial: será a advogada Ana Maria Feijão. Ao mesmo tempo, o chefe penafidelense recebeu incondicional apoio da Câmara Municipal daquela cidade e dos associados do seu clube, a quem contou que «este é um caso de extorsão e não de suborno. Na nossa terra, o melhor que um árbitro pode receber é um garrafão de bom vinho, que nunca recusamos a quem nos visite. Neste caso, a gravação que está na posse do Conselho de Arbitragem regista bem as palavras de Francisco Silva, para os seus fiscais: 'Vão ver as balizas.' Depois, só para mim: 'Trouxe a mercadoria?' Quando os membros do Conselho de Arbitragem ouviram isto até deitaram as mãos à cabeça!»

Manuel Rocha (sempre desmentindo a versão de Francisco Silva) conta que entregou o cheque apenas dobrado e não em qualquer envelope: «Perguntei-lhe se o queria trocar por dinheiro, na 2.ª-feira. Disse-me que não era preciso, porque tinha quem lho cambiasse. Quanto ao gravador levava-o no bolso de um casaco largo e até tive o cuidado de tapar a luzinha com um adesivo para Francisco Silva não desconfiar que eu estava a gravar a nossa conversa. Sabem uma coisa? A partir de agora haverá menos um mafioso no futebol!»

Enfim: não aparece fotocópia do cheque, não aparece gravação do diálogo na cabina, quando se procura um frente a frente entre os personagens directamente envolvidos no assunto apenas aparece Francisco Silva, todos os demais se escudam no «segredo de justiça». Manuel Rocha não respondeu às perguntas dos jornalistas que estiveram na falhada conferência de Imprensa, limitando-se a brincar com palavras: «Agora, não queiram fazer de Francisco Silva a Catarina Eufémia do futebol!»

Uma infeliz referência que não dignifica o representante de um prestigioso clube, envolvido (provavelmente sem qualquer conhecimento da maioria da sua direcção) num caso que (inclusive) pode levar a más consequências a sobrevivência do Penafiel entre os maiorais do futebol português.

Decreto contra a corrupção

Medida que se impunha de há muito tempo a esta parte: o Governo vai aprovar na 5.ª-feira, legislação «urgente e radical» de combate à corrupção no desporto — afirmou à agência Lusa uma fonte oficial. O diploma a ser submetido a Conselho de Ministros, foi ontem aprovado em reunião dos secretários de Estado, na sequência de um pedido expresso do primeiro-ministro.

A legislação prevê penas até quatro anos de prisão e multas para atletas, dirigentes, árbitros e demais agentes do desporto. A punição será aplicada a eventuais actos de corrupção de quem recebe suborno ou de quem alicia ao suborno. No mesmo diploma são também definidas sanções para atletas detectados em casos de «doping» e para os agentes que dopam os atletas.

O primeiro-ministro tinha solicitado na semana passada ao Ministério da Educação a elaboração rápida de legislação de combate à corrupção e «doping» no desporto, face aos casos recentemente relatados sobre a existência de corrupção (nomeadamente no futebol profissional) alegadamente envolvendo elementos da arbitragem.

Todos querem severo e drástico inquérito

Mário Soares: «condeno o que se passou em Faro»

Não podiam ficar calcados ou tombarem em saco roto os tristes acontecimentos que envolveram o jogo Farense-Porto, disputado no domingo, na capital algarvia, que teve como epílogo um tumulto de todo o tamanho. O presidente Mário Soares, entrevistado pelo jornalista Trindade Guedes aos microfones da Rádio Renascença, afirmou a esse respeito:

— *Vejo com muita preocupação o nosso futebol. Espero que aquilo que aconteceu em Faro seja passageiro, que não volte a repetir-se, porque seria extremamente desagradável: envergonharia Portugal e em nada reflecte a maneira de ser dos portugueses. Tenho de condenar aquele incidente esperando que seja único.*

O repórter abordou depois o caso que cerca Francisco Silva. O Presidente da República foi firme:

— *Certamente que os tribunais vão pronunciar-se sobre isso, eles é que devem fazê-lo. Todavia, o que tem vindo a lume é muito mau: são coisas que acontecem e isso é uma verdade... Mas a palavra decisiva pertence aos tribunais.*

Inquérito governamental

Entretanto, a Comissão Nacional de Fiscalização e Coordenação foi incumbida de apresentar ao Governo, no prazo de 15 dias, um relatório circunstanciado sobre os incidentes registados no domingo em Faro. No despacho conjunto dos Ministérios da Administração Interna e da Educação, que determina a elaboração do relatório, pede-se que este seja «circunstanciado» sobre os incidentes e sobre «o quadro de sanções aplicadas e a aplicar». O despacho refere (ainda) que «a violência associada ao desporto dispõe hoje em Portugal de um quadro normativo claro, rigoroso e completo, dirigido à sua prevenção e repressão. São de enorme gravidade os violentos incidentes ocorridos no Estádio de S. Luís, em Faro», por «ocasião do desafio de futebol Farense-FC Porto», diz ainda o despacho ministerial.

Farense: direcção reúne para análise ao caso de domingo

Inquérito policial

Por seu lado, o Comando da Polícia de Segurança Pública de Faro determinou a abertura de um inquérito aos incidentes, que se inciaram no Estádio de S. Luís e se prolongaram até junto da delegação da RTP na capital algarvia, ficando feridas várias pessoas e registando-se elevados prejuízos em viaturas estacionadas.

A Polícia utilizou gás lacrimogéneo para dispersar os manifestantes e fez também alguns disparos de pistola, tendo sido atingidos três transeuntes que, na altura, passavam no local dos confrontos. Uma criança e dois adultos, que receberam tratamento no Hospital de Faro e já recolheram a casa.

O inquérito da PSP terá como base o relatório do chefe da força presente no Estádio de S. Luís, que mobilizou 51 agentes, 12 dos quais da Polícia de Intervenção, protegidos por viseiras antimotins.

O comandante distrital da PSP, coronel Joaquim Bramão, garante que não foram dadas ordens para os disparos e «o inquérito irá determinar quais foram os agentes que utilizaram armas». Para o comandante farense da PSP, os agentes tiveram também de actuar «em legítima defesa», referindo que 16 polícias ficaram feridos, quatros dos quais receberam baixa de serviço.

Pontos de vista

Segundo afirma o nosso colega «Record», na sua edição de hoje, João Botelheiro, presidente da edilidade farense («que teve actuação meritória, evitando com o seu sangue frio uma tragédia») declarou ao jornalista Teixeira Marques:

— *Não houve racionalidade por parte da população e da própria PSP, o que é lamentável, pois à Polícia competia evitar excessos, pelo que vou pedir um rigoroso inquérito ao governo civil. Tenho em meu poder uma bala que vou remeter ao governador civil, actualmente ausente do País.*

Simultaneamente, a direcção do Farense vai hoje divulgar um comunicado adiantando haver indícios de que «um grupo estranho ao clube e à cidade foi propositadamente incendiar o ambiente». O presidente farense António Boronha (ainda ao «Record») afirma:

— *Esta violência é o extravasar de paixões a que o clube é alheio, tendo a direcção do Farense tentado salvaguardar e impedir esta situação.*

Se o Estádio de S. Luís for interditado, o Farense sofrerá um prejuízo mínimo da ordem dos 30 mil contos, porque o Sporting tem jogo em Faro a 2 de Dezembro e, duas semanas depois, é a vez do Benfica visitar a capital algarvia. Ao mesmo tempo (e para já) cifram-se em mil contos os prejuízos causados no S. Luís, no passado domingo. António Boronha comenta, ao nosso colega «O Jogo»:

— *Como presidente do Farense e dirigente desportivo, tenho de acautelar estes casos, porque se está a construir uma situação que é perfeitamente incontrolável e todos nós, pessoas com responsabilidade no espectáculo desportivo, temos de parar, de reflectir. Neste momento, penso que o futebol devia parar, para que se reflicta muito profundamente e muito seriamente, de uma forma desapaixonada. De resto, eu não vejo que existam condições, em Portugal, neste momento, para se continuar a ver o futebol como espectáculo de massas, como espectáculo saudável.*

Conclua-se com palavras de Jorge Nuno Pinto da Costa, presidente do F.C. do Porto:

— *Foi impecável a actuação da direcção do Farense, de quem só temos a dizer o melhor possível. Quanto ao resto, o inquérito que chegue à conclusão de quem atentou contra as vidas da nossa delegação futebolística.*

MODALIDADES

Casa do Benfica no Canadá

Os emigrantes portugueses promoveram a instalação de uma Casa do Benfica na cidade canadiana de Winnipeg, no Estado de Manitola, cuja inauguração está marcada para o próximo dia 10 de Dezembro.

O principal promotor da iniciativa, José Clemente deslocou-se já a Lisboa, onde estabeleceu contactos com a direcção do Benfica, concertando com os «encarnados» os estatutos da futura nova casa do clube da Luz.

Para a festa da inauguração, José Clemente, convidou três das maiores «velhas glórias» benfiquistas» Coluna, José Águas e Eusébio.

Full-Contact: Portugueses ganham medalhas

Portugal conquistou nove medalhas (uma de ouro, uma de prata e sete de bronze) no Campeonato da Europa de full-contact, que decorreu em Madrid de 14 a 18 de Novembro. Participaram na prova as sêlecções de 25 países e o português Fernando Fernandes obteve a medalha de ouro na categoria de 75 kg, sagrando-se campeão europeu.

Victor Jorge, na categoria de peso de 80 kg, conseguiu a medalha de prata, enquanto Michel Ferreira (91 kg), Manuel Teixeira (67 kg), Rui Carvalho (63,5 kg), Afonso Dias (60 kg) e José Pina (57 kg), ganharam medalhas de bronze (terceiros lugares).

Esgrima: Torneio de Sevilha

José Bandeira, do Ateneu Comercial de Lisboa, foi o melhor português no Torneio Internacional de Sevilha em espada, obtendo o 17.º lugar entre 120 atletas de sete países, tendo registado quatro vitórias, enquanto Rui Frazão, Diogo Ravara e Bruno Carvalho obtiveram três triunfos cada, Jaime Vinha, Manuel Barroso e Nuno Frazão duas, e João Viães registou apenas uma vitória.

Atletismo: Soviética faz teste no Maratona Clube

A atleta soviética Marina Kuzmina chegou a Lisboa na esperança de até ao fim do ano, assinar um contrato com o Maratona Clube de Portugal.

O presidente do Maratona Clube de Portugal (Carlos Moia) confirmou o interesse pela contratação da atleta, natural de Moscovo e com 24 anos de idade, mas isso obedecerá a vários testes.

Esta tentativa de reforçar o «plantel» do maratona deve-se ao facto de as atletas portuguesas «serem muitas caras» com a agravante de «viverem na sua maioria no Norte, o que torna muito difícil fomentar o espírito de grupo», segundo referiu Carlos Moia.

Marina Kuzmina que deverá estrear-se no próximo fim-de-semana, tem como melhores marcas o tempo de 6.38 minutos nos 2000 metros obstáculos em recinto coberto e nesta especialidade foi sexta no «Grand Prix» do seu país, além de ter sido sétima classificada na Taça da URSS em corta-mato.

O Maratona Clube de Portugal, que esta temporada alargou a sua actividade ao sector feminino, conta com a soviética Ekaterina Kramenkova, Albertina Dias (vice-campeã mundial de corta-mato) Rita Borralho, Jannete Mayal, Luísa Almeida, Rosário Ferreira e Cristina Pires.

Hóquei em campo. Realizou-se a 3.ª jornada do Campeonato Regional de Lisboa, que teve como «ponto alto», o jogo entre o Futebol Benfica e o SL Benfica o qual terminou com o empate a dois golos, depois da turma da Luz ter estado a vencer por 2-0. Restantes confrontos: Carris, 0-Belenenses, 2; Cascais, 4-Hockey, 0. O Benfica e F. Benfica comandam com oito pontos seguindo-se Belenenses e Cascais (7) e Carris e Hockey (3). Na foto Miguel Vasques (F. Benfica) procura escapar à vigilância de Sardinha.

A CML atribuiu um subsídio de 58 mil contos ao Lisboa Ginásio Clube para ampliação das suas instalações, mas o presidente do clube acusa o Governo pelo aumento da taxa de juro relativo a empréstimos anteriores

«O Governo deu-nos com uma mão e está a tirar-nos com a outra»

O vereador do Pelouro do Desporto da CML, Rego Mendes, e o presidente da Direcção do Lisboa Ginásio Clube, Fernando Caldeira, assinaram, um protocolo no qual a edilidade se compromete a subsidiar as obras de ampliação de infra-estruturas daquela colectividade. Por parte da CML, o LGC irá receber uma verba de 58 200 contos (37,5% dos custos totais). Como contra-partida deste valor que será transferido para o LGC num prazo de três anos, a CML poderá utilizar as futuras instalações daquela colectividade por um prazo de cinco anos, distribuindo o espaço pelas entidades que entender.

Fernando Caldeira no momento em que agradecia a colaboração da CML e criticava o Governo

Este protocolo foi assinado no decorrer de uma sessão solene, onde se comemorou o 72.º aniversário do LGC.

Fernando Caldeira disse na ocasião que «no dia em que o sr. vereador me chamou ao seu gabinete para me informar que o subsídio iria ser concedido, senti a maior felicidade desde que sou dirigente desportivo».

O presidente do LGC explicou que sem o apoio da edilidade as obras não se poderiam realizar dado que o subsídio estatal ficou muito aquém do esperado. A administração central concedeu um subsídio igual ao que a edilidade cedeu. Fernando Caldeira criticou ainda a CGD por esta «estar constantemente a aumentar a taxa de juro do anterior empréstimo por nós pedido. O Estado deu-nos com uma mão e está a tirar-nos com a outra».

Por seu lado, Rego Mendes, numa breve alusão ao acordo ora estabelecido, afirmou que «a cidade vai ajudar com o subsídio um projecto de uma colectividade que ajudará a cidade».

Os custos totais desta obra estão orçados em 127 mil contos.

Desde ontem, no Centro de Estágio da Cruz Quebrada

Organização desportiva em debate

A organização desportiva, financiamento, formação de quadros e desporto olímpico nos países da CEE foram abordados por Pierre Carrere, numa conferência integrada no curso de auditores de informação desportiva, realizada no Centro de Estagio da Cruz Quebrada.

Pierre Carrere, professor de educação física e jornalista da revista «Education Physique et Sport», expôs as conclusões de estudos, baseados no método comparativo, dos modelos desportivos dos vários países que compõem a comunidade dos 12.

Iniciando a sua exposição pelos tipos de organização do desporto nos países comunitários, Carrere distinguiu o desporto federado e integrado em organizações governamentais, do desporto amador.

Carrere fez ainda o paralelo entre os estados centralizadores, nos quais os governos controlam as organizações desportivas, e os estados liberais, nos quais existe equilíbrio entre as responsabilidades do governo e comités.

O caso específico do Comité Olímpico Italiano (CONI) foi motivo de comentário de Carrere, que salientou o facto de ser este organismo a dirigir todo o desporto italiano.

No tocante aos modos de financiamento, Pierre Carrere sistematizou, apontando três modelos fundamentais: subvenção estadual, uma forma mista apelidada de extra-orçamental (proveniente de taxas cobradas por jogos de azar — lotarias, etc.) e a «sponsorização», ou seja, capitais privados.

Carrere não esqueceu as ajudas directas e indirectas provenientes do poder local, no que diz respeito à disposição de instalações e apoios financeiros.

Também neste tema, Pierre Carrere chamou a atenção para o caso «atípico» do CONI, que através do «totocalcio» (totobola italiano) adquire os fundos suficientes para a sua auto-suficiência.

A formação de quadros foi o tema que mais chamou a atenção da audiência, maioritariamente composta por jornalistas e estudantes de educação física, nomeadamente a matéria relativa à equivalência de diplomas nos vários países europeus, no âmbito do acto único comum de 1993.

Realçando que cada país tem os seus próprios meios para a formação de quadros, Carrere não deixou de frisar que, essencialmente, os países europeus formam os seus técnicos através de instituições governamentais ou através das respectivas federações desportivas.

O curso prossegue hoje com a abordagem de um tema particularmente em destaque no futebol português, a arbitragem, sendo convidado o árbitro lisboeta Vítor Correia.

Desporto universitário discute-se em Vila Real

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro vai ser palco, nos primeiros dias 23, 24 e 25 do corrente, do I Congresso Nacional de Desporto Universitário, organizado pela Associação Académica da UTAD.

Tendo em conta a importância que assume a prática desportiva nas academias, como importante factor de integração social e como modo privilegiado de obtenção de um bem estar individual que contribua para uma maior dignificação de um ser humano com fortes responsabilidades sociais, as associações de estudantes das universidades criaram já a Federação Académica do Desporto Universitário, sob a égide da qual se realiza o referido congresso.

Esta realização visa, em primeira instância, criar um espaço de diálogo e debate de ideias, que permitam sensibilizar e fornecer estratégias de desenvolvimento da realidade desportiva universitária que se vive.

Ténis:

Cunha e Silva sobe no «ranking»

João Cunha e Silva ascendeu ao 116.º lugar do «ranking» mundial, a sua melhor classificação de sempre na lista da Associação dos tenistas profissionais (ATP).

O campeão nacional, Nuno Marques, que este ano já conseguiu por seis vezes presenças em meias-finais, baixou um lugar no espaço de uma semana e é agora o número 102 do mundo.

A subida de Cunha e Silva deve-se à presença nas meias-finais num Torneio em São Paulo, onde perdeu com o argentino Francisco Yunis.

Desta forma, Portugal tem, pela primeira vez, colocados no «rankigng» mundial dois tenistas entre os primeiros 116 do mundo com os seus melhores «rankings» a serem alcançados no final da temporada.

Para Nuno Marques o objectivo de ingressar no grupo dos 100 melhores do mundo pode ser concretizado na próxima semana, quando a partir do dia 26 participar num torneio, na Suíça, que distribui prémios no valor de 50 mil dólares.

Neste torneio também participa João Cunha e Silva e provavelmente Bernardo Mota como forma de preparação para o campeonato da Europa por equipas, a disputar em Atenas, em Dezembro.

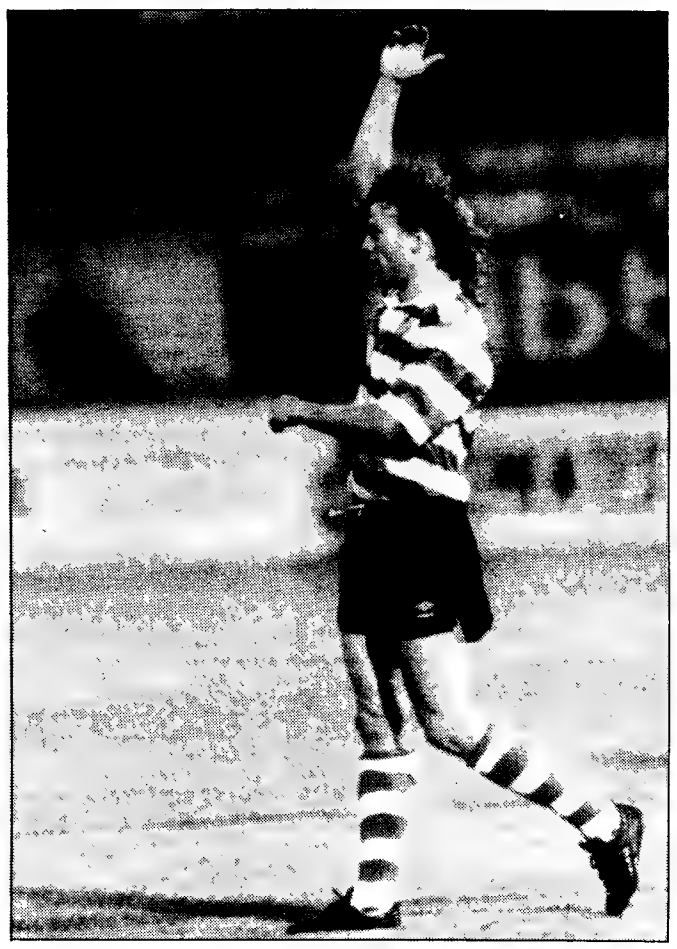
A lista dos 10 melhores do mundo é a seguinte:

1.º Stefan Edberg, Suécia; 2.º Boris Becker, Alemanha; 3.º Ivan Lendl, Checoslováquia; 4.º Andre Agassi, EUA; 5.º Pete Sampras, EUA; 6.º Andres Gomez, Equador; 7.º Thomas Muster, Áustria; 8.º Emílio Sanchez, Espanha; 9.º Goran Ivanisevic, Jugoslávia e 10.º Brad Gilbert, EUA.

Mónica Seles vence Gabriela Sabatini

A jugoslava Mónica Seles foi a vencedora do Torneio de Virgínia Slims, derrotando, na final, a argentina Gabriela Sabatini pelos parciais de 6-4, 5-7, 3-6, 6-4 e 6-2 em encontro que teve por cenário o Madison Square Garden, de Nova Iorque. Entretanto, o norte-americano André Agassi venceu o sueco Stefan Edberg (5-7, 7-6, 7-5 e 6-2) em jogo da final do circuito da ATP disputado em Francoforte.

BREVES



Cadete: projecção internacional

Cadete é considerado uma das revelações do futebol europeu, noticia um artigo do «Il Messagero» intitulado «Europa Pés Novos», publicado em Roma.

O jornal romano escreve que, depois do Mundial Itália/90, «muitos dos protagonistas foram substituídos por outros», considerando que o futebol «virou página», chamando a atenção para «gente nova na Europa», que já se evidenciou nas competições da UEFA e nos encontros da fase de qualificação para o Europeu/92.

Cadete é apontado como «rápido e genial», escrevendo o «Il Messagero» que o futebolista viu a sua posição de médio adaptada por Marinho Peres, que o transformou num ponta-de-lança. «*É ele que oferece ocasiões de golo a Gomes, o qual vive uma nova época de ouro graças a Cadete* — acrescenta — *o qual tirou o lugar a Futre na selecção e marcou já três golos na Taça UEFA contra o Timisoara, da Roménia*».

«Il Messagero» aponta ainda como revelações europeias da época, os jogadores Asanovic (Metz), Cantona (Marselha), Pancev (Estrela Vermelha de Belgrado), Juran (Dínamo de Kiev), Dobrowolski (Dínamo de Moscovo), Shalimov (Spartak de Moscovo), Munoz (Oviedo), Brian Roy e Bergkamp (Ajax), Gillhaus (Aberdeen) e Binz (Eintracht de Francoforte).

Laudrup: adeus selecção

Brian Laudrup manifestou a intenção de abandonar a selecção dinamarquesa de futebol por desinteligências com o seleccionador Richard Moeller Nielsen.

O facto de a selecção dinamarquesa já não ter a mesma ambição foi uma das razões que levou Brian Laudrup a renunciar à presença na selecção.

Moeller Nielsen, de 52 anos, que sucedeu em Março passado ao alemão Sepp Piontek tem sofrido duras críticas desde a derrota da selecção dinamarquesa com a Jugoslávia na passada semana em encontro de apuramento para o Europeu-92, na Suécia.

Sexo e desporto

Ter relações sexuais na véspera de um jogo importante pode ser benéfico, desde que o atleta não exagere, diz Susan Butt, antiga campeã canadiana de ténis e actual professora de Psicologia Clínica.

Em artigo publicado na revista «Sports Medicine», aquela investigadora diz que em desporto, o que se deve evitar são os excessos, incluindo o excesso de treino.

«*Dependendo da personalidade do atleta e do seu estado físico, uma ctividade sexual razoável pode até contribuir para melhorar a sua actuação desportiva. O sexo, como qualquer outra actividade física não exagerada, só pode contribuir para o bem-estar físico e psicológico do desportista*», escreve Susan, que, nos anos 60, ocupou os primeiros lugares do «ranking» canadiano.

«*Existem ainda poderosos tabus que impedem uma investigação mais aprofundada deste assunto e desde Freud a Masters e Johnson é notória a pobreza dos trabalhos relacionando a actividade desportiva e a actividade sexual*», afirma.

Caso a assembleia geral não seja marcada até ao próximo domingo, haverá concentração junto das instalações da direcção. Os associados do clube querem, igualmente, exigir o afastamento de José Manuel Delgado

Belenenses: sócios exigem a demissão dos «vices»

Continua em efervescência a vida interna do Belenenses, com convulsões resultantes de uma crise que se vem arrastando desde a gerência de Mário Rosa Freire e que nos últimos tempos se agravou devido ao mau posicionamento classificativo da sua equipa de futebol, a qual apenas somou cinco pontos nos 13 encontros realizados a contar para o Campeonato Nacional da I Divisão. O descontentamento é generalizado e ontem algumas dezenas de associados deslocaram-se à secretaria da colectividade, exigindo a marcação de uma assembleia geral e a demissão de diversos dirigentes.

Os sócios foram recebidos pelo vice-presidente Ismael Espada, ao qual recordaram a entrega, há cerca de 15 dias, de um documento com 260 assinaturas, requerendo a realização de uma assembleia geral para análise, entre outros assuntos, do mau momento que a equipa principal do futebol do clube atravessa (último lugar da classificação do campeonato nacional da primeira divisão, após 13 jornadas).

Os mesmos sócios exigem também a demissão do presidente substituto da direcção, Joaquim Cabrita, de todos os vice-presidentes, e do chefe do departamento de futebol, José Manuel Delgado.

Os adeptos azuis fizeram saber a Ismael Espada que no caso da data da assembleia geral que reivindicam não ser oficialmente fixada, até à hora do jogo, que o Belenenses efectua no próximo domingo com o Farense, no Estádio do Restelo, convocarão o maior número possível de associados para uma concentração a efectuar, depois do encontro, junto das instalações da direcção, com o objectivo de aumentarem a sua pressão sobre este órgão.

Os promotores da iniciativa do abaixo assinado, exigem também que a data da realização da assembleia geral seja anterior à de uma outra, que o Belenenses vai ter de realizar em breve, para análise dos resultados de uma auditoria de contas à gerência de Mário Rosa Freire.

Delgado: associados querem a sua demissão

Rosa Santos no Porto-Sporting

Tudo indica (e o «DL» obteve a informação de fonte próxima do Conselho de Arbitragem da FPF) que o bejense Rosa Santos estará nomeado para dirigir o encontro do próximo domingo nas Antas entre o Porto e o Sporting. A informação aqui fica mas nada nos assegura que o dr. Lourenço Pinto não venha a proceder a uma troca de «última hora». Do actual Conselho de Arbitragem tudo se espera, menos acções que visem a melhoria do sector e sua moralização.

Também estamos em condições de informar que o eborense *José Pratas* mereceu a escolha para o confronto da Luz entre «águias» e «dragões».

Tirsense-Benfica realiza-se no sábado

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou a antecipação para sábado, dos seguintes encontros: União-Salgueiros (16 horas), Tirsense-Benfica (16 e 30) e V. Setúbal-V. Guimarães (21 e 30). Os restantes jogos realizam-se no domingo a partir das 15 horas com a excepção do Nacional-Penafiel que terá o seu começo pelas 15 e 30.

«Chicotadas»: mais três

António Jesus foi despedido do Marco de Canaveses, José Sério rescindiu com o Lusitano de Vila Real de Santo António e José Eurico foi afastado do comando do Loures. Quanto a substitutos, o Marco está a analisar ofertas de serviço, o clube algarvio entregou o cargo ao adjunto Edgar Joaquim e o Loures contratou Armando Gonçalves.

Caso Norton de Matos

O litígio entre a direcção da Federação Portuguesa de Futebol e o técnico Norton de Matos terminou hoje no 3.º Juízo do Tribunal de Trabalho, tendo as partes acordado no «arquivo do conflito». O representante federativo salientou a compreensão do antigo membro da comissão técnica, no sentido de ser encontrada a solução mais conveniente para o assunto.

Incidentes na Maia

No final do encontro Maia-Freamunde (triunfo dos visitados por 3-2) houve «mosquitos por cordas» junto e dentro dos balneários. O presidente do clube maiato (António Monteiro) afirma ter sido agredido por um auxiliar do árbitro Miranda de Sousa, enquanto este desmente aquela acusação, afirmando que o seu colega fora «sovado» por uma pessoa já identificada pela GNR. Mais um caso a manchar o futebol. Que mais estará para acontecer?

V. Setúbal em festa

O Vitória de Setúbal está a comemorar o seu 80.º aniversário, realizando hoje uma sessão solene, durante a qual serão entregues emblemas de ouro e de prata aos sócios mais antigos.

Fundado em 30 de Novembro de 1910 por Joaquim Venâncio, é o clube mais representativo da cidade de Setúbal e o único do distrito que se encontra a disputar a primeira Divisão do Campeonato Nacional de futebol.

Com um historial de prestígio no futebol português, a sala de troféus do Estádio do Bonfim é o repositório dos êxitos alcançados em todo o mundo, sob a orientação de técnicos de grande prestígio como Fernando Vaz, José Maria Pedroto e outros.

Milão-Sampdoria disputa-se em Bolonha

O AC Milão, vai defrontar a Sampdoria de Génova no dia 29, em Bolonha, no encontro da segunda mão da Supertaça europeia, devido à impossibilidade de utilização do seu estádio devido ao mau estado da relva.

O Milão vê-se assim privado do apoio de grande parte dos seus adeptos e das receitas de bilheteira, ao optar por jogar em Bolonha, a 200 quilómetros.

O Dall'Ara Stadium de Bolonha, onde será disputado o encontro, tem uma capacidade de 40 mil lugares, menos 44 mil que o Estádio de San Ciro, em Milão.

A final da Supertaça europeia coloca frente a frente os vencedores da Taça dos Campeões Europeus, conquistada pelo AC Milão, e da Taça das Taças (Sampdoria).

O encontro da primeira mão terminou com um empate a um tento.

Walter Zenga o «melhor do mundo»

O italiano Walter Zenga, do Inter de Milão, foi considerado o melhor guarda-redes do mundo pela Associação da História do Futebol, organismo dedicado ao estudo do fenómeno futebolístico.

O belga Michel Preudhomme, do Malines, formação eliminada pelo Sporting, da Taça UEFA, foi considerado o segundo melhor guardião do mundo, enquanto o costa-riquenho Luís Conejo, do Albacete Espanhol, ocupa o terceiro lugar da lista da Associação.

COMARCA DE TORRES VEDRAS
ANÚNCIO

Proc.º n.º 183/84
1.ª Secção
3.º Juízo

Pelo Juizo de Direito desta comarca, 1.ª Secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Ilda Maria Cardoso Francisco, residente em Casal dos Cucos, Almargem, Sobral de Monte Agraço, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Francisco Sebastião Flamino Galvão, residente em Carrasca, Campelos, Torres Vedras, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Torres Vedras, 12 de Novembro de 1990

O Juiz de Direito,
Isabel Maria Faria Canadas

O Escrivão, de Direito,
Maria Lídia Pereira Lisbão

DL: 1.ª PUB — 20/11/90

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Regiões do Norte: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca para o fim do dia. Neblina ou nevoeiro matinal. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca para o fim do dia. Neblina ou nevoeiro matinal. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Sul: Céu geralmente pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento geralmente fraco de Sudoeste. Neblina matinal especialmente no Alentejo. Mar encrespado com oundulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste, rodando para Noroeste a partir da manhã nas regiões do Norte e Centro. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Leste. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Leste.

Amanhã

Céu muito nublado com abertas para a tarde. Vento moderado de Norte, soprando fraco na cidade do Funchal. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vennto moderado de Norte, por vezes com rajadas, sendo fraco na cidade do Funchal. Aguaceiros.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de Nordeste. Aguaceiros pouco frequentes. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, soprando por vezes com rajadas. Aguaceiros pouco frequentes especialmente no Grupo Oriental. Pequena descida da temperatura.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste no Grupo Oriental e geralmente fraco nos restantes grupos.

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.29	3,6m	10.02	1,0m
16.50	3,3m	22.11	1,1m

Amanhã

05.04	3,5m	10.39	1,1m
17.26	3,2m	22.48	1,2m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

HÁ 20 ANOS

CONSEQUÊNCIAS DA MORTE DO DEPUTADO PINTO LEITE (EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

ATENÇÃO A MOSCA PICA AOS SÁBADOS

APRESENTADA À IMPRENSA A PROPOSTA DA LEI DE MEIOS

A subida de salários: situação irreversível

— declarou o ministro das Finanças e Economia

NOVA LEI AMERICANA QUE RESTRINGE A IMPORTAÇÃO DE TÊXTEIS E CALÇADO

DAMASCO PRETENDE ADERIR À NOVA UNIÃO ÁRABE

A subida de salários: situação irreversível

«Nos últimos anos, a situação do nosso mercado de trabalho alterou-se, por efeito da emigração que está a torná-la escassa para a actual combinação de factores, sobretudo na agricultura, ao mesmo tempo que, por força do progresso havido e da mobilidade da mão de obra, mais se reduziu a ofreta de trabalho especializado» - disse o sr. dr. Dias Rosas, ministro das Finanças e da Economia, na declaração que proferiu esta manhã no Palácio Foz, onde concedeu uma conferência de Imprensa a propósito da proposta da Lei de Meios.

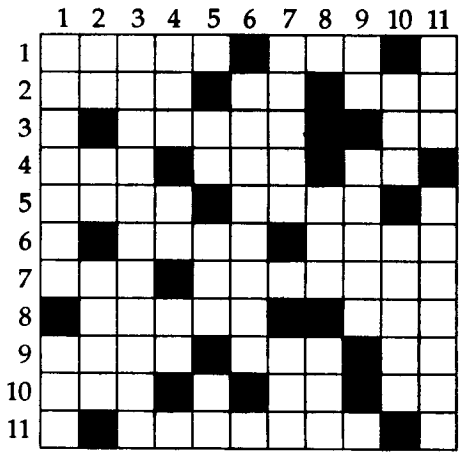
Damasco pretende aderir à nova União Árabe

Segundo notícias publicadas em Beirute, o primeiro objectivo do novo Governo sírio do general Assad é o de aderir à união recentemente formada pela RAU, a Líbia e o Sudão. A Síria apresentará um pedido formal de integração quando os Chefes de Estado daqueles três países se encontrarem, no dia 15 de Janeiro, em Assuão.

Tanques russos no Camboja

As tropas sul-vietnamitas descobriram que os comunistas possuem, pelo menos, 15 tanques T-34, de construção soviética, em áreas de floresta densa no nordeste do Camboja, e que podem estar a preparar-se para os lançar na luta - disse o general Ngo Dzu, comandante das forças sul-vietnamitas na região.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18048

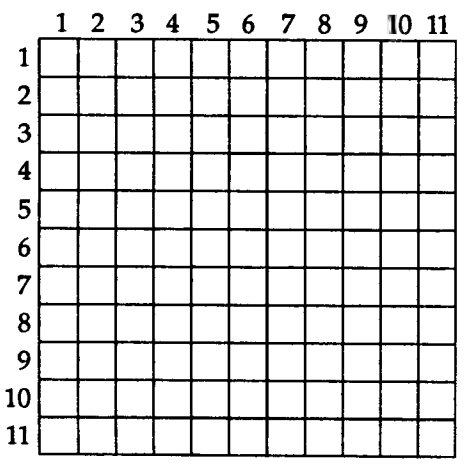
HORIZONTAIS:

1 - Cavidade no queijo. Pronome relativo.
2 - Monarcas. Cobre (s.q.). Liga.
3 - Fantasia. Brisa.
4 - O mesmo que três. Ribeira de Portugal. Moderato.
5 - Costurei (inv.). Cidade de Itália.
6 - Montão. Pequeno golpe.
7 - Rio da Sibéria. Desviam de um lugar.
8 - Quinhão. Sopé.
9 - Bagatela. Pronome pessoal. Érbio (s.q.).
10 - Guarneço de asas. Európio (s.q.). Miriare.
11 - Tornar a mastigar.

VERTICAIS:

1 - Pacato. Recusa.
2 - Vê. Reis. Brasil (abrev.).
3 - Narrador de acontecimentos.
4 - Sufixo que designa abundância. Cento e um em romano. Apelido.
5 - Nosso Senhor. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Artigo indefinido.
6 - Lastimaram.
7 - Procuro. Unidade monetária do Japão.
8 - Madre. Mula.
9 - Pronome pessoal. Governa.
10 - Recusa. Percebem.
11 - Ler. Cor avermelhada.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16858

HORIZONTAIS:

1 - Orifício que certos indígenas africanos fazem no lábio superior, para segurar e usar uma rodela. Pássaros.
2 - Sódio (s.q.). Apelido. Solitário.
3 - Gosta muito de. Palmeira da Amazónia. Centímetro.
4 - Região. Filtra.
5 - Verbal. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
6 - Propagar.
7 - Ofereces. Passado.
8 - Letra grega. Falsearias.
9 - Doença que dificulta a respiração. Triture. Artigo indefinido.
10 - Instrumento para atirar setas, Invulgar.
11 - Fama (fig.). Transpiraras.

VERTICAIS:

1 - Primeiro rei de Argos e pai de Io. Rói.
2 - Apaixonados.
3 - Deseja. Oceano.
4 - Sufixo que designa estado. Recrutara.
5 - Indécimo mês do calendário árabe.
6 - Daríamos massagens a (Ind port).
7 - Agora. Transfiro para outro dia.
8 - Membro da ave. Venerara.
9 - Tomba. Brisa.
10 - Método. Brisa.
11 - O mesmo que soba. Conjunto de vinte mãos de papel ou quinhentas folhas (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 047

HORIZONTAIS: 1 - A. Corem. Ada. 2 - Liaça. Aviem. 3 - Ur. Aca. Asse. 4 - Cós. Atar. Ti. 5 - Isar. Rara. 6 - Na. Reinos. 7 - Amoiram. Aí. 8 - Aura. 9 - Ata. Arm. 10 - MELANCOLIA. 11 - Amaras. Asse.
VERTICAIS: 1 - ALUCINA. Ama. 2 - Irós. Matem. 3 - Ca. Sano. Ala. 4 - Oca. Raia. Ar. 5 - Raça. Ruína. 6 - E. Atirar. Cs. 7 - Ma. Emaço. 8 - Varri. La. 9 - Ais. Anatais. 10 - DESTRÓI. Rás. 11 - Ameias. Am.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 857

HORIZONTAIS: 1 - Sabadim. Ulo. 2 - Amarar. Crer. 3 - Rã. Azia. 4 - Ui! Bisares. 5 - Gade. Rol. 6 - Asasse. Cipó. 7 - MCI. Monas. 8 - Caos. Ain. 9 - Cassange. Ro. 10 - Sic. Leiria. 11 - Roa. Sra. Re.
VERTICAIS: 1 - Sabugal. Cs. 2 - Am. Ias. Cair. 3 - Bar. Damasco. 4 - Arabescos. 5 - Dá. Sisal. 6 - Irás. Nes. 7 - Ar. Mugir. 8 - Caroço. Era. 9 - Urzelina. 10 - Leis. Pairar. 11 - Ora. Rosno.

PROVÉRBIO:
A MELANCOLIA ALUCINA E DESTRÓI

I Série N.º 268
Dia 20 de Novembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 672 613 contos.

Ministério das Finanças

Declarações:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 2 483 061 contos.
De terem sido autorizadas alterações no orçamento do Ministério.

Ministério da Justiça

Declaração:
De terem sido efectuadas alterações no orçamento do Ministério no montante de 10 587 contos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 1143/90:
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados nas freguesias de Penhas Juntas e Vilar de Peregrinos, concelho de Vinhais.

Ministério da Indústria e Energia

Declaração:
De terem sido efectuadas alterações no orçamento do Ministério no montante de 70 contos.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1144/90:
Estabelece que aos diplomas ou certificados emitidos pelos Institutos Superiores de Serviço Social de Lisboa, Porto e Coimbra, pela conclusão do curso de Serviço Social ministrado naqueles estabelecimentos até ao ano lectivo de 1988-1989, podem ser atribuídos os efeitos estabelecidos nos n.ºs 3.º das Portarias n.ºs 793/89, 796/89 e 15/90, de 8 e de 9 de Setembro e de 9 de Janeiro, respectivamente. Revoga a Portaria n.º 370/90, de 12 de Maio.

Portaria n.º 1145/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Santarém, através da sua Escola Superior Agrária, a conferir o diploma de estudos superiores especializados em Engenharia da Mecanização Agrícola e regula o respectivo curso e condições de acesso.

Ministério da Saúde

Declarações:
De terem sido autorizadas alterações no orçamento do Ministério da Saúde no montante de 25 995 contos.

De terem sido efectuadas alterações no orçamento do Ministério no montante de 1 172 912 contos.

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 19/90/A:
Aprova o regime de execução do Estatuto dos Deputados.

SUPLEMENTO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público o conteúdo da Resolução n.º 661 (1990), aprovada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas na sua sessão realizada a 6 de Agosto de 1990.

PESSOAS & FACTOS

«Desafio-Cruzadíssimas»: um bom passatempo da Difusão Cultural

Está à venda o número 9 do «Desafio-Cruzadíssimas» que há cerca de três meses veio preencher uma lacuna nas revistas da especialidade: palavras cruzadas e outros passatempos lúdicos de natureza cultural.

A preferência, desde logo, manifestada pelos leitores tornou-se evidente em sondagens, entretanto realizadas, confirmando o desafio que «Desafio/Cruzadíssimas» conquistara rapidamente um espaço próprio. Editada pela Difusão Cultural - Sociedade Editora e Livreira e da responsabilidade de António Caldeira, com uma periocidade quinzenal, mantém a sua elevada qualidade no tratamento dos seus principais temas e criteriosa selecção: dominó de palavras, cruzadas em flecha, criptogramas, palavras desconcertadas, números e letras, caça palavras, caça números, letras ocultas e outros entretenimentos.

CINEMAS

LISBOA

ALFA
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
SALA 1
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
Filme de Jerry Zucker
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 4
ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kereshner
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
UM SEDUTOR EM APUROS
Filme de Roger Donaldson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS
Shoping Center de Lisboa
T. 691275
SALA 1
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15
SALA 2
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 4
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/18 - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.15, 19.45, 21.45 e 00.15
SALA 6
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 7
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 8
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 9
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00
SALA 10
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
A ÚLTIMA SAÍDA PARABROOKLYN
Filme de Uli Edel
M/12 - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00, 21.30 e 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
FERAS HUMANAS
Filme de Frank Zuniga
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30
ESTÚDIO SHEZA
ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Harlin
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
COMPETIÇÃO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39
T. 546085
CINEMA ESPANHOL
REQUIEM POR UM CAMPESINO ESPAÑOL
Filme de Frances Betriu, às 18.30
AS BODAS DE SANGUE
Filme de Carlos Saura, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2
T. 322523
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
SALA 1
SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
SALA 3
ROBOCOP 2
M/18 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037
AUDITÓRIO 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.45 e 22.00
AUDITÓRIO 2
FANTASIA
Filme de Walt Disney
M/12 - Às 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133
PANCADARIA CHINESA
M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
SALA 1
FANTASIA
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.45
SALA 2
A 300 MILHAS DO CÉU
Filme de Maciej Dejczer
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/16 anos - Às 14.30, 16.15, 18.15, 20.15 e 22.00

«Fantasia», de Walt Disney

LAS VEGAS
SALA 1
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ATRACÇÃO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
BALBÚRDIA SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
SALA 1
MARIDOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
NO TRILHO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/18 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE
SALA 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15
SALA 2
HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7.ª ARTE
Av. da República
T. 730715
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ
R. António Mª Cardoso
- T. 327172
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny de Vito
Às 18.00

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A
T. 706666
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30, 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9
- T. 3468446
O ÚLTIMO GUERREIRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30
SALA 2
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
UMSONHO DE MULHER
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
SALA 1
Telef. 2841769
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
SALA 2
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
O LEGIONÁRIO
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/18 anos - às 15.15 e 21.30
SALA 2
ROBOCOP 2
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas
- T. 4439759
SALA 1
ROBOCOP 2
M/18 anos - Às 15.15 e 21.30
SALA 2
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
UM SEDUTOR EM APUROS
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
SALA 2
FANTASIA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
SALA 3
QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 3466783
Às 20.30 e 22.45
AI CAVAQUINHO
Enc. de Camilo de Oliveira

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer
T. 3461740
Às 20.30 e 22.45.
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
- T. 661515
Às 21.30
MUITO BARULHO POR NADA
De William Shakespeare

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11
- T. 875626
Às 21.30
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOLF
De Edward Aldee.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75
- T. 601866
Às 21.00.
A TEIA
De Graça Gonçalves

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
P. D. Pedro V
- T. 372246
Às 19.15
VINCENT
De Leonard Nimoy

CASCAIS

ALGÉS
PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo A. Pedroso, 16-A
- T. 2115053
Às 21.30
S' TÔRES
Uma comédia de turma, de John Godber

ALMADA

TEATRO M. DE ALMADA
R. Ponte Ferreira - T. 2752175
SALA 2
Às 19 horas
AMOR A QUANTO OBRIGAS
De Gil Vicente, pela Companhia de Teatro de Almada

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira
«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»
«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica
«A 300 Milhas do Céu»
dois miúdos polacos em fuga. Lindo
«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecran...
«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama
«Henry e June»
...só para ver Maria (Anais) de Medeiros

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTES

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Lumiar:** Patuleia, Alameda Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Madre de Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Picheleira:** Mariuz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Príncipe Real - São Bento:** Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 670401; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Bairrão, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; **Anjos (ao Cinema Roxy):** Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Chelas - Zona 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Luz - 2.ª Circular,** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361, Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Sembiano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.º Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Cabras, Tel. 282407. Permanente.

SINTRA

Amadora: Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. Permanente; Carlos, R. Sebastião Gama, 28 - B. Casal S. Brás. Até às 22 h; Clabel, R. Ant.º Sardinha, 23-D, Tel. 4938551. Até às 22 h; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henq. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Aldeia Paio Pires:** Central, Est. Nacional, 9-A, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Cor. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Louro, R. Frei Ant.º Chagas, Tel. 24491. Permanente; Oliveira, R. Misericórdia, 10, Tel. 22488. Permanente; Oliveira Rodrigues, Vale Cerejeiras, Lote 11, Tel. 31567. Até às 22 h.

TELEVISÃO

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
15.00: Trajectórias; **17.00:** Horizontes — URTI; **17.30:** Ravel: trio p/ piano, violino e violoncelo, lá menor (25'45"); **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Retrospectiva da obra de Luís de Freitas Branco; **19.45:** Uma obra de Chopin; **20.10:** Álbum Musical; **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Da Broadway ao West End — o musical; **22.00:** Ciclo Carl Orff — novas perspectivas dos princípios **22.45:** Eugene Ysaye: sonata n.º 1, sol menor p/violino solo (15'21"); **23.00:** Eurorádio — (Graça Ramos). O Festival de Nova Música de Câmara de Witten, 1989; **02.10:** Música na Madrugada (Jorge Rodrigues). Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
14.00: Estúdio Três; **16.30 e 19.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00 e 23.00:** Jornais - informação; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Estrada Fora; **23.00:** Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; **15.00:** 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; **16.00:** Rock em Stock; **17.00:** A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; **18.00:** RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; **19.00:** Quatro Tempos, de Pedro Castelar; **20.00:** Nova Geração, de Fernando Quinas; **21.00:** Mercador de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM
10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música: **13.00:** Tons suaves, com Francisco Gil; **16.00:** «Surf», um programa de Augusto Fernandes; **18.00:** Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; **20.00:** Paraísos perturbantes, de António Coelho; **21.00:** Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; **23.00:** Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM
13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; **15.00:** Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade de João Vaz; **18.00:** Informação geral e desportiva; **21.00:** Música suave; **00.00:** Espaço dedicado à música de vanguarda; **02.00:** Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE
96.6 FM
10.00: Oitava Colina; **17.00:** Fim de Tarde; **20.00:** A Flauta Mágica; **21.00:** Terna é a Noite; **01.00:** O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Inf. Religiosa; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Espaço Musical; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL
89.5 FM
Manhã informativa das **06.30** às **10.00** com animação de António Macedo, edição de Miguel Monteiro e Paulo Bastos; **06.45:** Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lídia Franco e Rita Ribeiro; **07.15:** Sons com história; **07.30, 08.30, 09.30:** Discos pedidos por personalidades convidadas; **07.50, 08.50:** O humor de Herman José; **08.45:** Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; **08.30:** Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; **12.15:** Síntese desportiva; **12.45:** Grande Prémio, editado por João Gabriel; **18.00:** O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; **19.00:** Desporto em directo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às **12.00** de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às **12.00** de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TV MARCELO
Reparações 24 horas
ao domicilio
Tel. 65 91 18 (6 linhas Lx)
Tel. 486 61 92/51 Cascais

14.35 - PRIMEIRA MATINÉE
«Amor por Anúncio»
16.10 - PONTO POR PONTO
16.50 - O MUNDO
10º Episódio
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Touni e Littelle», «Beullebeul», «Ola Kitt» e «Caderno Diário»
18.20 - RUA SÉSAMO
18.45 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.50 - A RODA DA SORTE
47ª Sessão
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - TIETA
17ª Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - MODELO E DETECTIVE
10 º Episódio: já de si suficientemente confusa, a relação, meio afectiva, meio laboral, entre Maddie e David volta a percorrer as ruas da amargura com a chegada ao local do «crime» de uma prima de «Miss» Hayes. Bela e com as curvas todas no sítio, a prima vem perturbar o curso do romance e do episódio...
22.20 - PRIMEIRA PÁGINA
Entrevista com o Dr. Jorge Sampaio
23.20 - ALLÔ, ALLÔ
10º Episódio: já com os quadros em seu poder, mas ainda sem saber o que fazer com o ouro sonegado ao «tesouro» de Hitler, René sente-se mais do nunca cansado de tanta acção em tão pouco tempo.
Decide, então, que chegou a hora de mudar de vida.
23.50 - 24 HORAS
00.25 - O TEMPO
00.31 - REMATE

Amor por anúncio

E se os anúncios classificados fossem uma solução para uma nova vida amorosa? Foi o que pensaram três colegas de uma agência publicitária de Manhattan, Nova Iorque. Os resultados foram divertidos e desconcertantes.

Pois, se você tem interesse em verificar se é ou não assim, não tem mais que assistir esta tarde (se puder, fique bem entendido), no Canal 1, à Primeira Matinée: o filme chama-se justamente «Amor por anúncio».

Uma verdade - dizemos nós - é que no cinema, como na televisão, são muitas e variadas as histórias que abordam o universo multifacetado das relações numa grande cidade como Nova Iorque e, em particular, nesse seu coração que é Manhattan. Aos contrastes dos seus habitantes nem sempre corresponde uma real diversidade, ou uma simples disponibilidade, para as relações humanas.

Em tom de comédia ligeira, este telefilme procura abordar a contradição a partir de um contexto - em que o ritmo das exigências profissionais tende a bloquear uma verdadeira comunicação entre os seus protagonistas.

As três personagens centrais que decidem tentar a sua sorte através de anúncios para encontros, vivem, por isso, um processo irónico de redescoberta das suas próprias identidades.

Produzido nos Estados Unidos em 1984, «Amor por anúncio» foi realizado por Don Taylor e é interpretado por Michael McKean, Stephanie Faracy e Dinah Manoff. Duração, 105 minutos.

Ainda no Canal 1, após mais um episódio da telenovela brasileira «Tieta» (como se sabe é uma adaptação de um texto do consagrado Jorge Amado), duas rubricas merecem uma referência especial, apesar de servirem audiências geralmente bastantes diferentes. São elas a popular série norte-americana «Modelo e Detective» e mais uma edição de «Primeira Página». Nesta última, Mário Crespo entrevista Jorge Sampaio, na sua qualidade de secretário-geral do Partido Socialista - o segundo maior partido com assento na Assembleia da República.

Jorge Sampaio, o PS em Primeira Página

«Tieta», a telenovela do horário nobre

SNOOPY POR SCHULZ

2 RTP

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
10º Episódio
16.25 - OS HENDERSON
16.45 - RECREIO DO 2
«Cristal Tipps e Allistair» e « Lucas e Filho»
17.20 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
Dois psiquiatras com teorias diferentes introduzem a temática desta emissão: a ansiedade e o pânico. «O que é a fobia» é o tema da reportagem.
18.30 - TRIBUNAL DO JÚRI
1º Episódio: o marido de uma senhora de meia-idade que mantinha uma ligação extraconjugal aparece morto, e ela é acusada de ter cometido o crime.
18.55 - TI-TI-TI
66º Episódio
19.20 - VIA RÁPIDA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
«O Polvo - Ano I»: os raptores de Paola conseguem os seus objectivos. Corrado cede, devido ao rapto da filha, e vai destruindo os elementos que conseguira e que levariam à destruição da rede mafiosa, chegando, inclusivé, ao ponto de afirmar, na televisão, que Cirrinà disparara sobre ele em letgítima defesa.
20.45 - DICK TRACY
44º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
22.10 - CINEMADOIS
«O Rapaz que Ficou Amarelo»
23.05 - UNIVERSIDADE ABERTA
23.45 - O TEMPO

«O Rapaz que ficou de Amarelo»: Cinemadois

Os enlatados do segundo

Salvo algumas excepções - «Eterno Feminino», «Cinemagazine», «Universidade Aberta» e os Jornais, a programação do Canal 2 recorre por regra aos enlatados. Hoje assim será, com a transmissão de séries como «Os Ídolos da Música», «Os Henderson», «Os Clássicos da TV» e o «Dick Tracy» e do filme «O Rapaz que ficou Amarelo». Ainda, em estreia, o 1º episódio de uma série mais, intitulada «O Tribunal do Júri».

Em «Clássicos da TV», esta noite pode recordar-se uma excelente produção da RAI, «O Polvo», que vai agora no 5º episódio e dá para continuar a ver uma história em que as forças da justiça se confrontam com mafia. Hoje, os raptores de Paola conseguem os seus objectivos. Corrado cede, devido ao rapto da filha, e vai destruindo os elementos que conseguira e que levariam à destruição da rede mafiosa, chegando, inclusive, ao ponto de afirmar, na televisão, que Cirrinà disparara sobre ele em legítima defesa.

Um filme de Michael Powell

Eis um exemplo da fase final da obra do cineasta britânico Michael Powell, o filme que se exibe esta noite no Canal 2, no habitual «Cinemadois» das terças-feiras.

Trata-se de uma produção especialmente orientada para o público infantil, tendo Mark Dighton, Robert Eddison e Esmond Knight como principais intérpretes.

Autor de um universo muito especial, Powell foi sempre um criador seduzido pelo maravilhoso e pelo fantástico, pelo que esta sua incursão no domínio da fábula surge como uma apoteose natural do seu percurso.

Michael Powell e Emric Pressburger (autor do argumento), bem como o director de fotografia Christopher Charlis, voltam a reunir-se após quinze anos, para fazer esta fábula moderna, produzida pela Children's Film Foundation.

«O Rapaz que ficou Amarelo» é a história fantástica de um garoto que um dia começa a ver tudo amarelo e aí descobre que pode viajar através das ondas de electricidade, o que lhe permite regressar á Torre de Londres para recuperar o seu rato de estimação que ali se perdera durante uma visita de estudo.

Michael Powell regressa assim ao fantástico e ao maravilhoso, desta feita num trabalho com assumidas características juvenis e didácticas atravessado aqui e ali por algum humor, bem como por uma engenhosa atmosfera de aventura.

Título original: The Boy Who Turned Yellow.
Origem: Grã-Bretanha (1972).
Produção: Roger Cherrill.
Realização: Michael Powell.
Argumento: Emeric Pressburger
Fotografia: Christopher Challis.
Música: Patrick Gowers e David Vorhaus.
Intérpretes: Mark Dightam, Robert Eddison, Helen Weir, Brian Worth, Esmond Knight, Laurence Carter, Patrick McAlinney e Lem Kitaj.
Duração: 55 minutos. Cor.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.35 - PIMEIRA MATINÉE
«O Atirador»
16.15 - PONTO POR PONTO
16.50 - O CORPO HUMANO
17.15 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DE SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREIRO DE ANTENA
20.20 - TIETA
21.20 - DESENHOS ANIMADOS/ BOA NOITE
21.30 - VAMOS JORGAR NO TOTOBOLA
21.45 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«A Honra dos Padrinhos»
00.10 - 24 HORAS
00.40 - O TEMPO
01.45 - REMATE

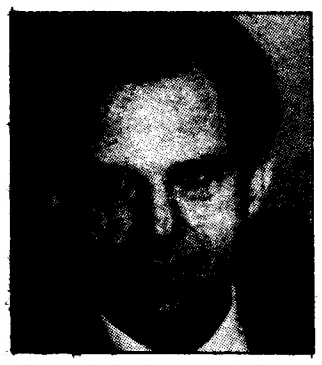
RTP-2

12.02 - OS CENTURIÕES
12.25 - CURSO DE INGLÊS
12.35 - FILHOS E FILHAS
13.00 - LUTAR PARA VENCER
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AÇORES - GENTE NOSSA
16.50 - RECREIO DO 2
17.25 - 0 TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - VIA RÁPIDA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.50 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.50 - JOAQUIM LETRIA
23.25 - XINGU
00.10 - O TEMPO

«Os comunistas portugueses lançam calmamente para a fogueira o herdeiro presuntivo de Álvaro Cunhal»

Henrique Barrilaro Ruas, «Diário de Notícias», 19.11.90

A PERGUNTA DO DIA



José Dias Cordeiro
psiquiatra

Que temas vão estar em debate no I Congresso Internacional sobre Droga, Álcool e Tabaco?

«Neste congresso vai ser abordada a problemática do consumo da droga, álcool, tabaco e comida em excesso, do ponto de vista da psicologia e da psicopatologia, bem como os problemas da legalização ou não das drogas leves.Estas questões vão ser abordadas ao nível da família, da escola e de outros grupos da comunidade. Em análise estarão igualmente os efeitos directos destes consumos e as doenças que, indirectamente, podem advir deles, tais como a Sida e a Hepatite B. Os problemas do excesso de medicamentos e da automedicamentação em todas as idades, mas especialmente nos idosos será outro dos temas. O congresso contará também com a presença de vários arquitectos, técnicos e responsáveis da Câmara Municipal de Lisboa que irão perspectivar estes temas em relação à cidade, tentando compreender se Lisboa é ou não uma cidade que conduz aos consumos. Finalmente, haverá uma mesa redonda sobre estas condutas ao longo da história e da cultura, que será presidida por Maria Barroso. Laura Ayres, Fernado Pádua, Ângelo d'Almeida Ribeiro e Jorge Sampaio serão algumas das personalidades presentes no congresso, que decorre nos dias 22 e 23 deste mês, na Fundação Gulbenkian.»

Quarta-feira no
Diário de Lisboa
Acordo ortográfico: o sim e o não
Angola e Moçambique: a luta contra a fome
"Carta aberta a Ismail Kadaré" por Mário Tomé

ENTREVISTA

Considerado uma das figuras mais populares da televisão, Carlos Cruz admite estar a ficar cansado de concursos. Em 1991, pretende fazer outros programas, se a RTP o convidar, claro

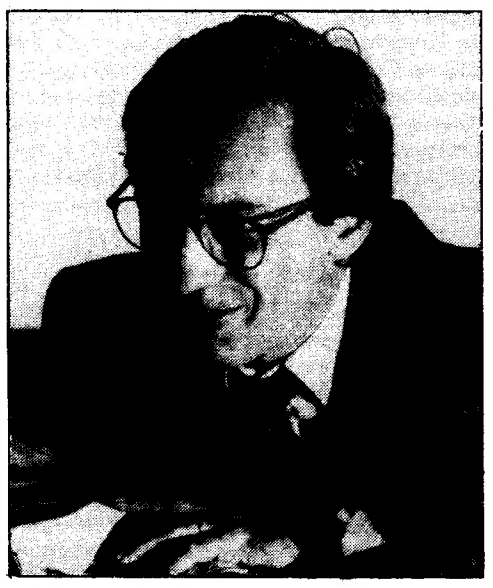
«Não tenho preço certo nem fixo»

D.L. - Actualmente, a sua imagem televisiva anda muito ligada aos concursos. Não está cansado?

C.C. - Honestamente, começo a ficar cansado. Não de fazer concursos, que me divertem imenso, mas porque corro o risco de ficar rotulado como o apresentador de concursos e não é exactamente isso que sinto a meu respeito. Ao longo de toda a minha carreira nunca me quis ligar a uma disciplina só. Está a chegar a altura de fazer uma inflexão e vou fazê-la em 1991. Vou acabar o meu compromisso com «O preço certo» e espero poder fazer outras coisas. Não tenho remorsos nenhuns em apresentar concursos, mas não quero ficar na história como o apresentador de concursos.

D.L. - Qual é a imagem que tem de si?

C.C. - Embora isto pareça um pouco imodesto, a imagem que tenho de mim é a de um profissional completo de televisão e, de alguma forma, também de rádio. Acho que domino bastante bem, para o nível português, as técnicas de apresentação em várias disciplinas. Entre os inúmeros profissionais de televisão em Portugal, considero-me um dos mais completos.



D.L. - Já tem ideias para fazer outras coisas?

C.C. - Ideias existem há trinta e tal anos, desde que comecei nesta vida. Há sempre coisas que vamos imaginando e que gostaríamos de fazer ou de dar a fazer. No entanto, nunca apareci na RTP por insistência minha. A RTP convida-me para fazer algo e eu aceito ou não. Portanto, se a RTP, terminado este ciclo de concursos, achar que posso ser útil com um programa de outras características, estou aberto e tenho várias ideias, desde a entrevista, ao *talk-show*, ou às variedades.

D.L. - Não acha que a RTP tem concursos a mais?

C.C. - Não. As pessoas foram um pouco apanhadas de surpresa por esta avalanche de concursos, que são apenas cinco ou seis. Os concursos são programas de grandes audiências, que o público gosta de ver e a televisão é feita para agradar ao público, embora tenha que haver outras componentes na programação que equilibrem esse lado mais fútil. Com a vinda da televisão privada, vai haver uma guerra desenfreada de audiências e aí os concursos vão ganhar bastante. É natural que a RTP comece a precaver-se, comprando os direitos dos melhores concursos e ganhando prática da sua produção. Quanto à ideia de serem muitos, se se for comparar em termos de horas de emissão, não são assim tantos. Nos outros países há muitos mais.

D.L. - Dá-lhe prazer «torturar» os concorrentes?

C.C. - Não. Essa «tortura» era mais evidente no «1,2,3», em que havia um jogo do gato e do rato entre o apresentador e os concorrentes. Em «O preço certo» o apresentador é apenas um *pivot*. Aqui, a componente espectáculo é a plateia, os concorrentes e os prémios e quando os concorrentes são um bocado murchos, tenho que os espevitar, o que faço com respeito por eles e mesmo que entre na fronteira da «tortura» é uma «tortura» amiga. Tenho prazer em dar os prémios, em conhecer as pessoas e em fazê-las perceber que estão ali para fazer um espectáculo agradável, porque eu faço o programa para quem está em casa.

D.L. - Acha que as pessoas vão aos concursos essencialmente para ganhar prémios ou também pelo gosto de aparecerem na televisão?

C.C. - Vão essencialmente para ganhar prémios. Claro que gostam muito de aparecer e há pessoas que chegam aqui com a ideia planificada de como vão actuar, mas basicamente vêm para ganhar qualquer coisa e têm consciência de que podem ganhar coisas úteis. Muitos dos prémios são objectos que as pessoas gostariam de ter, só que quando têm dinheiro para os adquirir não o fazem porque esse dinheiro é mais útil noutras coisas. Além disso, há uma evolução qualitativa dos concorrentes: passou-se da fase da ambição pela ambição, para um certo prazer lúdico no ganhar. Há também um alargamento da faixa cultural dos concursos. As pessoas já vêm com mais naturalidade e não com medo de dar barraca, como antes.

D.L. - Já o tentaram subornar para ganhar um prémio?

C.C. - Não, nunca. Não sei se é pela minha cara ou pela minha postura. Os concursos da RTP são de uma transparência absoluta e seria uma estupidez alguém tentar isso.

D.L. - Com a produção e apresentação de tantos concursos, ainda lhe resta tempo para fazer mais alguma coisa?

C.C. - Resta. Tenho uma agência de publicidade à qual preciso de dar alguma assistência e os concursos não são uma obra individual. O que ocupa mais tempo é o montar da máquina, depois começam a rodar por eles próprios. Se não me deixassem tempo livre, acabava com isto.

D.L. - Qual é o seu preço certo?

C.C. - Não tenho preço. Não é certo nem é fixo. Administro uma verba na qual me incluo. Há programas em que a despesa é maior, há uns que dão mais lucro que outros. O que quero é fazer bem e ter uma margem de lucro confortável, mas tal como os concorrentes se arriscam a não ganhar nada, eu arrisco-me a ganhar pouco.

D.S.

CRÓNICA

Uma simples rã

- Até me apetece trasformar-te num problema de palavras cruzadas...

- Não sejas tolinho, não...?

Gabriela S. T., os cabelos erguidos, o pescoço muito alto, estava esplendorosa, muito delgada, no saia-e-casaco, preto e branco, de xadrês miudinho, leve nos saltos pontiagudos, os olhos suspensos no ar, perdidos e não perdidos pelos objectos da sala. Assemelhava-se, na verdade, a um problema de palavras cruzadas ondulado, ora indo para ali, ora vindo para aqui - e Tiago, uma caneta de feltro na mão, sentia um desejo doido de a tomar nos braços e, em dois quadrados brancos do saia-e-casaco, escrever mesmo a palavra «rã».

Insistia, mole no sofá, um cigarro na boca, a caneta de feltro de uma mão para a outra:

- Olha que não custa nada! É o costume: batráquio, duas letras, tal como se faz nas palavras cruzadas que vêm nos jornais...

Ela riu, alisando o cabelo com as mãos, os dedos finos e longos - as unhas, verniz vermelho, muito lá no alto, descrevendo círculos em torno de nada:

- Mas que falta de imaginação a tua - disse. - Se te deixasse, Tiago, escrever essa pequenina palavra, ficava ou com a saia ou com o casaco estragados! Nem limpos a seco, acredita!

- Ora! - teimava Tiago. - Nada ficava estragado! Nada, mesmo nada! Sob o sovaco, quem é que notaria a pequenina palavra que tenciono escrever...? Ou na barra da saia...? Quem, diz lá...? Nem tu!

- Então quem...?

- Só eu, claro!

- Deixemo-nos de brincadeiras - disse Gabriela. - Vem aí a minha mãe, que nada entende destas tuas conversas, e melhor será que estejas decentemente sentado...

Tiago endireitou-se no sofá, meteu no bolso a caneta de feltro, apagou o cigarro no cinzeiro - e logo se ergueu quando D. Engrácia, com uma braçada de flores, entrou na sala, exuberante de gorduras, uma palavra logo para a filha:

- Gabi, trata de pôr o carro cá fora! Estas flores vão hoje mesmo para casa da tua priminha! Amanhã, como sabes, é o aniversário dela... Anda lá, despacha-te, que as pobrezinhas precisam de água! Pois não é assim, Tiago...?

Tiago baixou a cabeça, que sim, «pois, claro», e ficou-se a pensar que flores, quanto sabia, só para funerais. E depois: «Talvez eu esteja a exagerar...» A voz de Gabriela, no entanto, despertou-o das suas considerações:

- É para já, mãe! Não queres vir, Tiago...?

Saída que foi D. Engrácia, sacudindo as mãos, Tiago de novo se sentou no sofá - e, com a ponta do feltro apontada para Gabi, baixinho lhe perguntou:

- Não queres mesmo um batráquio na saia, no casaco, no joelho...?

- Juízo, sim...? - E Gabriela foi-se também sala fora, laçando os ramos de flores, as corolas muito abertas em cima. - Eu venho já para um beijo.

Mas Tiago saíu, deixando o feltro no sofá - e trazendo consigo para fora, para a rua, para um ponto qualquer da cidade, qualquer lugar, uma rã sem duas casinhas para morar...

Pedro Alvim

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS AUDI VW
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75